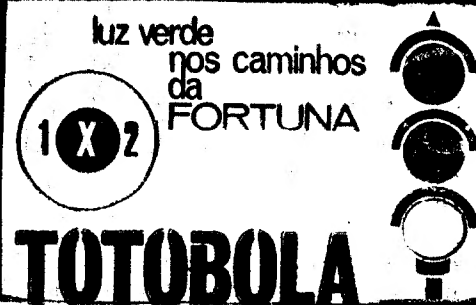


Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SEXTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 059 ANO 50.º PREÇO 1\$50



EIS A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

Escolhida entre dez finalistas, a jovem Vera Maria Ferreira de Castro foi ontem proclamada «Princesa das Teen-Agers Portuguesas 1970». Ei-la no momento em que desfilava perante o júri. (Ler notícia na página central)

OPORTUNIDADE ÚNICA PARA OS NOSSOS LEITORES



Viagens e estadia nas grandes capitais, além de outros prémios no valor de muitas centenas de contos

CONFORME anunciámos ontem, o «Diário de Lisboa» vai promover um concurso que se iniciará dentro de dias e que proporcionará aos seus leitores a oportunidade de visitar as grandes cidades de que sempre ouviram falar e que sempre desejaram conhecer. Trata-se de uma iniciativa que bem pode considerar-se filiada numa tradição deste

jornal que promoveu, em 1966, o popularíssimo concurso «Férias em Portugal».

Foi precisamente atendendo ao êxito alcançado por esse concurso em que participaram milhares dos seus leitores, que o «Diário de Lisboa» resolveu levar agora a cabo a difícil missão de promover um concurso de férias que ultrapassasse os

(Continua na 6.ª página)

Wilson reconheceu a derrota

OS CONSERVADORES OBTIVERAM MAIORIA ABSOLUTA

LONDRES, 19 (F. P.) — Os conservadores atingiram a maioria absoluta nas eleições gerais. Na última verificação, às 16 horas, contavam com 330 lugares, contra 288 dos trabalhistas, 5 dos liberais e 4 de diversos. Falta apenas considerar os resulta dos dos círculos da Escócia e do Ulster, que só serão conhecidos esta noite.

O novo primeiro-ministro britânico, Edward Heath, é um homem sensível e reservado, que prometeu dar à nação «um novo estilo de Governo».

Acusando os anteriores Governos trabalhistas de truques políticos, Heath declarou que o seu partido, o conservador, «apela para todos aqueles que querem a honestidade no Governo».

Com 53 anos, Edward Heath é um celibatário que resolveu casar com a política, trabalhando em média cerca de 14 horas por dia, e tem a reputação de ser homem eficiente e metódico.

«Os «tories» humilharam o Labour de uma maneira que este jamais esquecerá!», considera o «Daily Mail». Trata-se também de um triunfo pessoal de

(Continua na 11.ª página)



ENOCH POWELL, da extrema direita do Partido Conservador britânico e Edward Heath, futuro primeiro-ministro, no caso de se confirmar a surpreendente vitória eleitoral «tory». Admite-se que Powell venha a disputar a Heath a chefia do partido

Há o perigo de novas derrocadas na Misericórdia de Guimarães

GUIMARAES, 19 — A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães mandou vedar a zona contígua às traseiras do seu templo, onde ontem houve uma derrocada, que proveu a morte de uma senhora. Segundo o provedor e os mesários, há o perigo de novos acidentes do mesmo género.

Entretanto, o funera da vítima (D. Maria da Soledade Gonçalves, de 53 anos, casada) realizou-se hoje de tarde para o cemitério da Atouguia. Esta senhora vivia numa habitação do Largo do Condestável do Juncal, precisamente nas traseiras da igreja da Misericórdia, e encontrava-se a fazer a lida da casa quando a derrocada atingiu Soterrada sob os escombros, ocorreu em seu auxílio o marido, sr. António Correia Pinto, de 58 anos, piçheiro, que ainda sofreu fe-

do, profundamente, o sucedido.

Resolveu tornar publico, o seguinte:

a) — A Igreja da Misericórdia foi encerrada em 9 de Dezembro de 1968, por deliberação da comissão administrativa que a precedeu, tomada em sua sessão de 28 de Novembro daquele ano.

b) — Já anteriormente, em 14 de Fevereiro de 1968, a mesa administrativa de então havia encarregado o sr. arquitecto Alberto da Silva Bessa de fazer um estudo da cobertura do templo.

c) — Logo após a sua posse, aquando da visita do sr. ministro das Obras Publicas, em 25 de Setembro de 1969, a mesa pediu áquele membro do Governo as providências necessárias e fez-lhe remessa do processo, em duplicado, para a referida obra. Em 30 do mesmo mês, foi solicitada a participação do Estado

tado officio, S. Ex.ª o secretário de Estado das Obras Publicas determinou que se anotasse o pedido para o próximo plano, conforme comunicação de 30 de Maio, da Direcção dos Serviços de Melhoramentos Urbanos.

Em face de todas estas diligências, a mesa ficou a aguardar a possibilidade de dar início ás obras.

O comunicado, com data de ontem, é assinado pelo provedor dr. Castro Ferreira.

A LOCALIZAÇÃO DOS INVESTIMENTOS ANUNCIADOS PARA O ANO EM CURSO PELO SECRETÁRIO DO COMÉRCIO

Construção de mercados abastecedores em Lisboa e no Porto, investimentos (com mil contos, no ano em curso) ligados á comercialização das frutas e produtos hortícolas e ajuda financeira ás organizações da lavoura — foram algumas das medidas ontem anunciadas pelo secretário de Estado do Comércio, ao discursar na sessão do Colóquio (em Coruche) sobre o desenvolvimento da bacia hidrográfica do Tejo.

O dr. Xavier Pintado salientou que a acção governativa se vai centrar na criação das pré-condições necessárias para a transformação imposta pela elevação do rendimento médio — criando, sobretudo, as chamadas infra-estruturas da distribuição. Neste domínio está já a trabalhar-se nos projectos de «construção dos mercados abastecedores de Lisboa e Porto, ampliação e equipamento com facilidades de congelação e conservação do frio dos matadouros do Porto e Coimbra e construção de três matadouros industriais na zona do interior, estando a estudar-se a possibilidade de um 4.º ainda na 1.ª fase».

Pelo que conseguimos hoje apurar, ainda não está definitivamente resolvido onde se situarão aqueles três matadouros, sabendo-se apenas que o serão em zonas muito afastadas do litoral, possivelmente (dois deles) na Beira e em Trás-os-Montes.

O secretário de Estado anunciou, ainda, que «encontram-se previstos para realização no ano em curso, e convenientemente dotados, investimentos ligados á comercialização das frutas e produtos hortícolas que ascenderá a uma centena de milhões de contos, distribuídos por dezena e meia de projectos em que a criação de capacidade de armazena-

gem frigorífica ocupa posição dominante».

● A localização das novas unidades

Pelo que também hoje conseguimos apurar, através daquele departamento, são os seguintes aqueles investimentos:

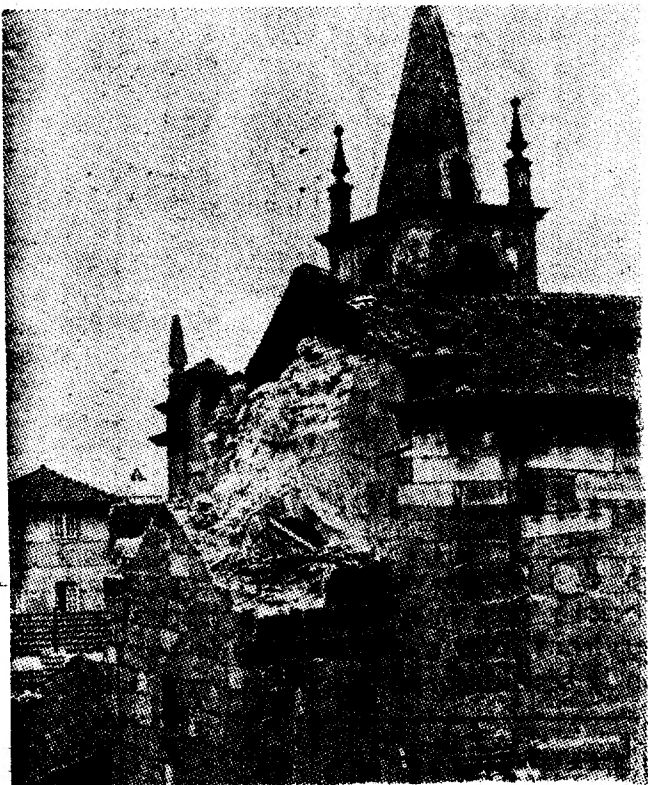
A financiar pelo Orçamento Geral do Estado: Estação Fruteira de Castanheira do Ribatejo; Armazém de banana e ananás da região dos Açores; En-

treposto Fruteiro de Lisboa; Estação de Embalagem de Produtos Hortícolas de Lisboa.

A financiar pelo Fundo de Abastecimento: ampliação de Armazéns Polivalentes nas Regiões Norte e Centro; Mercado Central de Portimão (1.ª fase); Estação Fruteira de Alcobaca; Armazém de banana e ananás da região dos Açores; Complexos Alimentares de Frio no Porto; Armazém de banana e

ananás na região da Madeira; Complexos Alimentares de Frio em Beja; Estação de Embalagem de Produtos Hortícolas no Porto; Mercados Abastecedores em Almada, Setúbal, Coimbra e Beja; Armazéns de Conservação de Batata em Montalegre, Bragança, Lamego, Aveiro e Montijo.

A financiar pela Caixa Geral dos Depósitos: Armazém de batata de consumo nas regiões Norte e Centro.



Neste flagrante do templo são visíveis os estragos provocados pela derrocada (que pode repetir-se)

rimentos, seguindo, depois de tratado, para casa de familiares.

Porque não se fizeram as obras

A propósito da derrocada foi emitido pela Santa Casa da Misericórdia local o seguinte comunicado:

«A mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, ao tomar conhecimento da derrocada de uma parte das traseiras da igreja da Misericórdia, reuniu-se, extraordinariamente, para tomar as providências que o caso requer, lamentan-

para a reconstrução da Igreja.

d) — Após estas, outras diligências têm vindo a efectuar-se, e, ainda em 1 de Maio ultimo, em officio dirigido á S. Ex.ª o ministro das Obras Publicas, se esclarece que os trabalhos a executar são urgentíssimos, já que a cobertura e parte posterior da capela-mor ameaçavam ruína, pelo que renovou o pedido de inclusão das obras em referência no próximo plano de melhoramentos urbanos.

e) — Relativamente ao ei-

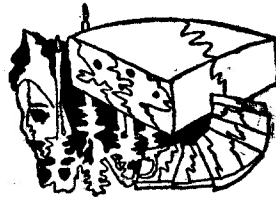


O marido da vítima é amparado por populares

5.ª COLECCAO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 19 de Junho de 1970



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Grande sigilo à volta do iate apresado com contrabando

FARO, 19 — Encontra-se atracado no Cais Novo desta cidade o iate de 25 metros, «Santa Maria», ontem apreendido pela lancha «Bicuda», quando transportava tabaco de contrabando no valor, segundo se julga saber, de quase mil contos. O barco, que já teve outros nomes e foi costa-riquenho, arvora hoje o pavilhão panamiano, sendo pertença do sr. René Borsacchi.

As autoridades, nomeadamente a Delegação Aduaneira e a delegação da D. G. S., rodeiam as investigações de grande sigilo e escusaram-se a adiantar quaisquer pormenores. Apenas transpirou a notícia de que os tripulantes do «Santa Maria» eram oito, dos quais dois portugueses, e um destes indocumentado. Os restantes têm passaportes marroquinos ou franceses.

A «SOYUZ 9» VOLTOU À TERRA

MOSCOVO, 19 — (R.) — A nave soviética «Soyuz-9» regressou hoje á Terra com os seus dois tripulantes depois de ter permanecido cerca de duas semanas e meia no espaço, o que bateu recordes de permanência — anunciou a Rádio de Moscovo.

A nave pilotada pelo veterano cosmonauta coronel Nikolayev, acompanhado pelo engenheiro civil Sevastianov, tinha sido colocada em órbita no dia 1 de Junho, ás 19 horas TMG.

Cofres de aluguer
Av Republica 3
BANCO DO ALENTEJO



XI FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Até 23 de Junho

SOB O SIGNO DA EVOLUÇÃO TÉCNICA E CIENTÍFICA

JORNADA DA REPÚBLICA DA CHINA

Horário: hoje — das 17 às 24 horas
amanhã — das 15 às 24 horas

Entrada 5\$00

«Vida Mundial»

A seu pedido, o sr. eng.º Eugénio Martins deixou a direcção do semanário «Vida Mundial», cargo que passa agora a ser desempenhado pelo sr. Carlos Ferrão.

O DEPARTAMENTO DE ESTADO QUER INTENSIFICAR A PROTECÇÃO AOS SEUS DIPLOMATAS

Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»

WASHINGTON — O Departamento de Estado, cada vez mais preocupado com a segurança dos diplomatas norte-americanos, vai requerer fundos ao Congresso, a fim de intensificar as medidas de protecção em áreas de tensão

William Rogers, secretário de Estado, e William Macomber Jr., subsecretário e deputado, tentaram auscultar a Subcomissão Senatorial de Fundos, a res-

peito de um pedido de subvenção suplementar, no valor de 1,9 milhões de dólares (cerca de 55 100 contos). John King, porta-voz do Departamento, declarou que grande parte dessa importância (1,25 milhões de dólares — cerca de 36 250 contos) se destinava a medidas de protecção no estrangeiro. O resto do di-

nhêiro destinava-se à concessão de reformas.

Macomber, que tem chefiado a «secção especial» do Departamento criado para o estudo deste problema desde que os guerrilheiros começaram a raptar diplomatas norte-americanos na América Latina, disse que os fundos seriam utilizados para a criação de três equipas de emergência, que poderiam ser enviadas para as áreas onde, no momento, fossem necessárias. King acrescentou que o Estado utilizaria os fundos para aumentar o número de guardas e o número de carros que seguirão os diplomatas considerados em perigo, para melhorar a iluminação dos edifícios públicos e das residências dos funcionários e para melhorar as comunicações.

«As poucas medidas que comerçamos a tomar — declarou King — incluem a utilização de forças de Segurança dos Governos locais, o emprego contratual de guardas de Segurança, a utilização de meios instantâneos de comunicação e a instalação de outros dispositivos de segurança e protecção».



Escolha o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório. O pagamento dos seus serviços

é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços. A Sopal resolve o problema da decoração consigo. O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O

BANCO TOTTA & AÇORES

S
SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 27 01 66/7/8/9
LISBOA

A SOPAL
Rua Ivens, 58-64
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome
Morada

Nota
dóia

O POSSÍVEL E O MAIS POSSÍVEL

DO COMUNICADO da última reunião do Conselho de Ministros consta a informação de ter sido aprovado «o diploma que permite a aceleração da instalação de escolas de ensino primário, mediante a montagem de pavilhões prefabricados, onde não for possível a construção imediata de edifícios escolares». Tal decisão não pode deixar de registar-se e de a esse registo se acrescentar o aplauso por com ela se ir ao encontro de uma orientação que desde sempre nos tem parecido ser a mais recomendável se quisermos efectivamente andar depressa. A «escola», com efeito, não é o prédio onde se ensina. A escola é o conjunto das pessoas que lá estão dentro, alunos e professores. A escola é, em resumo, o trabalho que nela se for capaz de fazer.

Com uma tal orientação atingem-se ao mesmo tempo dois objectivos. O primeiro é o de se poder acelerar qualquer plano de cobertura escolar à escala nacional. O segundo é o que pode entender-se como sinal de luta contra a tendência, verdadeiramente doentia, de supormos que se resolve um problema construindo um edifício onde se pretende instalar o serviço, qualquer que ele seja, destinado a ocupar-se desse problema. A experiência mostra, com efeito, que é muito mais fácil obter as dotações para custear essa construção do que vir a obter aquelas que não-de ser necessárias para o fazer funcionar, o que, com muita pena de termos de o reconhecer, é manifestamente vicioso, manifestamente ao contrário de um verdadeiro espírito de eficiência na acção.

É contra esse espírito de «fachadismo» que nos parece útil e justo aplaudir a orientação contida no diploma agora aprovado em Conselho de Ministros. Já em tempos, com efeito, aqui mesmo se disse que o problema do ensino não é o dos edifícios para as escolas: haja dinheiro para isso, num ano podem construir-se, ao mesmo tempo, alguns centos de escolas em todo o País. O verdadeiro problema é o dos professores: mesmo que haja dinheiro para lhes pagar atraentemente, quantos anos leva a preparação de todos os professores que são precisos, sem se cair no imprevisto de confiar o ensino a quem não se saber fazer mais nada e ainda menos isso? O caso do ensino ministrado ao nível de «regentes de postos escolares» é gritante e afilitivo, sem que seja preciso dizê-lo porque toda a gente sabe que é. E aí, sim, aí é preciso intervir e rapidamente: bons professores que ensinam fazem as boas escolas, sejam pavilhões prefabricados, seja mesmo, alegremente, à sombra de uma acolhedora árvore.

★

POST SCRIPTUM — Em 14 de Fevereiro deste ano, com base em telegramas publicados em Lisboa e que não sofreram qualquer rectificação, sugeriu-se neste local, sob o título de «Vitória amarga», que a língua portuguesa havia sido admitida na relação das que podem ser incluídas nos programas dos cursos secundários franceses, «graças às diligências da Embaixada do Brasil em Paris». E lamentou-se, compreensivelmente, em presença de tais informações, que Portugal tivesse estado ausente nas diligências que conduziram a tal resultado. Não sofreu o nosso comentário qualquer reparo, como não sofreu qualquer desmentido ou rectificação a notícia que lhe servira de fundamento. Chega agora, porém, ao nosso conhecimento, por via particular, que efectivamente essas diligências se produziram por parte da nossa Embaixada, que conduziu a questão, com eficiente resultado, junto do Ministério da Educação Nacional da França. Sem que o esclarecimento nos tenha sido pedido ou sugerido, fazêmo-lo com a dupla satisfação de amor à verdade e de vermos que não foi desertada por nós a necessária defesa da nossa própria cultura.

YAMAHA
Orgãos electrónicos de fama mundial.

Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMERCIO E INSTALACAO S.A.R.L.
RUA NOVA DO ALMADA, 98-97 LISBOA
No norte: VADSOA -
R. de São António, 210 - PORTO

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVICO DE AQUISIÇÕES

Concurso n.º 44 — Material para estudo e sala de operações
Concurso n.º 45 — Material de Laboratório
Concurso n.º 46 — Material para sala de projecções
Concurso n.º 51 — Material cinematográfico para sala de operações.
Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 9 de Julho próximo para os mencionados concursos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, todos os dias úteis das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 15 de Junho de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Alexandre Pinheiro

SOCIEDADE ESTORIL
Venda de bilhetes
para os domingos

Aos sábados na estação do Cal do Sodré das 15 às 22 horas

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

VIDA MUSICAL

Ópera no Trindade
No Trindade há esta noite (21 e 15) o quinto espectáculo com as óperas «Rita», de Donizetti, e «Cavalleria Rusticana» de Mascagni, pela Companhia Portuguesa de Ópera Encenações de Alvaro Benamor e Gino Becchi, direcção musical de Alvaro Cassuto.

Colóquios sobre música em Setúbal
SETUBAL, 19. — O Círculo Cultural desta cidade promove amanhã na sua sede, com início pelas 21 h, um palestra-colóquio com o musicólogo Mario Vieira de Carvalho.

Não perca Cervantes

O Espectáculo Cervantes montado e dirigido por Luis Miguel Cintra na S.N.B.A. (Rua Barata Salgueira) volta a subir à cena esta tarde, pelas 18 e 30, repetindo-se amanhã à mesma hora e na segunda-feira às 21 e 30. Segundo a crítica do nosso colaborador Carlos Porto trata-se de um dos poucos bons espectáculos teatrais da temporada — a não perder de modo nenhum.

TAUROMAQUIA A NOCTURNA DE ONTEM PARA A LIGA CONTRA O CANCRO

Diziam-nos o doutor José da Cunha — quando da reunião preparatória de mais esta sua bela organização a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro — que os críticos tauromáquicos deviam apontar o que de bom e de mau se pratica no toureio equestre. Porque pressupomos que todos devem conhecer as leis

básicas da nobre equitação, e as tão simples do toureio equestre, e para não desgostar os que as não praticam neste reinado da Cavalaria, calamos, muitas vezes, as falhas em que alguns incorrem.

Ainda recentemente recordamos as leis que, em verso, destacou Lope de Vega, quando, antes do toureio a pé (mas com o empenho de matar a pé) andavam os torneiros entre cavaleiros espanhóis e portugueses, e que para aqueles se perderam com o abandono a que os levou um rei lido de França. Assim, hoje um cordovês, que já antes matava a pé, de criar um toureio equestre vindo do que na Andaluzia se pratica no campo, base do que hoje fazem outros espanhóis, ainda que alguns se tentem aproximar da arte que ainda hoje tem por expoente mestre João Nuncio: citar de frente e cravar deixando-se ver, e nunca por surpresa, levando o cavalo em apropriado movimento, cravando justo e saindo com limpeza. Não o fazem alguns, para lisonjear as maiorias ignorantes, ou porque os touros são mansos, e obrigam a recursos como os do «corredor», quando nas tábuas, que o «seguro» é difícil e raro o resolvem.

Ontem, no Campo Pequeno, com a merecida encheite e todo o luxo das corridas à antiga portuguesa, todos os cavaleiros, consoante os touros de cada qual, foram aplaudidos: mestre João

Nuncio, em apoteose; Manuel Conde, sempre certo; David Ribeiro Teles, como mestre; Mestre Baptista, com seu ímpeto de furacão, magnífico; José Maldonado Cortes, com sua boa alegria; Gustav Zenkl, em crescente melhoria; e Frederico da Cunha, mais atento ao clasicismo que ao popularismo.

Gordos foram alguns touros, e outros voluntários, mas achamos mais delicado citar apenas os premiados por bravura e apresentação: os dos srs. João Ramalho e conde de Cabral.

Pegaram com semelhante valentia os Grupos de Santarém e de Montemor, cada qual com um ferido para a enfermagem, que alguns touros investiam forte e feio.

Saudado com palmas, presidiu o Chefe do Estado, que teve a bondade de entregar as insígnias do grau de cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada a quem estas linhas subscreve. Com o sr. Presidente da República estiveram os srs. ministros do Interior e das Corporações, da Educação Nacional e o secretário de Estado da Informação, e o prof. Lima Basto, director do Instituto de Oncologia. Actuou muito bem como «Neto» o jovem João Palma Vanzeler Ribeiro Teles.

Bem bregaram José Tinoca, Manuel «Badajoz», Ludovico Bacatam, Manuel dos Santos e César Marinho.

«EL T. PÉREZ»

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «A Fuga de Tarzan» («Tarzan Escapes»).
REALIZAÇÃO — Richard Thorpe, 1936 (E. U. A.).
ARGUMENTO — Karl Brown, John Villiers-Farrow e Louis Moshe, segundo um romance de Edgar Burroughs.

FOTOGRAFIA — Leonard Smith.

MONTAGEM — Basil Wrangell.

INTERPRETES — Johnny Weissmuller, Maureen O'Sullivan, John Butler, Benita Hume, William Henry, etc.

DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello-Lopes.

No princípio da semana repôs-se no Cinema Olimpia um dos mais curiosos e interessantes filmes de Tarzan. Referimo-nos a «A Fuga de Tarzan» («Tarzan Escapes»), dirigido por Richard Thorpe em 1936 e tendo como cabeça de cartaz o mais famoso (e significativo) intérprete do mito: Johnny Weissmuller, aqui novamente acompanhado pela sua fiel Maureen O'Sullivan (Jane).

Trata-se, de uma obra ingénua e divertida, onde aqui e ali Richard Thorpe consegue uma atmosfera de fascinante barroquismo, tanto mais de assinalar quanto pensamos que, de um modo geral, quase todas as produções cinematográficas desta época reconstituam a fabulosa África dos sonhos de todos os meninos em estudos improvisados nas grandes casas produtoras.

Depois há ainda o casal Johnny Weissmuller-Maureen O'Sullivan com a carga emocional que ainda agora transborda das suas figuras lendárias. Afinal retrato de uma África «maravilhosa» que o século XIX se encarregará de pôr a circular sob os olhares apertados de europeus (primeiramente) e americanos (depois). «A Fuga de Tarzan» é também, neste aspecto, um elemento de importância inapreciável para o estudo de uma mentalidade e de uma época.

L. A.

para grandes
canções,
grandes
intérpretes
SÉRGIO BORGES
canta

onde
vais
rio
que
eu
canto
e
canção
de
madrugar

orquestrações
de
Joaquim Luiz Gomes
e
Denis Farnon

dois discos
editados por

VALENTIM DE CARVALHO
DI BARI

Teatro TEL. 717017

AR REFRIGERADO
TODAS AS NOITES
AS 21.45 H.

Sábados e domingos
também às 16 horas

5.º MÊS DE EXITO
INCOMPARAVEL

DA
DIVERTIDISSIMA SATIRA

A RELÍQUIA

CAÇA DE QUERQZ

SABADO, às 16 horas.

TARDE POPULAR

Balcão: 10\$00, 15\$00 e 30\$00

Os jovens dos 17 aos 24 anos
têm na tarde de Sábado e
nos 2 espectáculos de Domingo,
50% DE DESCONTO

(Maiores de 17 anos)

Produção de IGREJAS CAEIRO

TEATRO VARIEDADES *

Tel. 326037

ONDE O RISO COMEÇA
E O MAU HUMOR ACABA

«TCHAU»

UM ELENCO DE «ESTRELAS»
JOSÉ AMARO * MARIA
DULCE * GLÓRIA DE MATOS
* HENRIQUETA MAIA
* VARELA SILVA

TODAS AS NOITES
AS 21.45 HORAS
AMANHÃ E DEPOIS
«MATINÉES» AS 16 H.

DESCONTO DE 50%
AOS ESTUDANTES

TEATRO DA TRINDADE (F. N. A. T.)

HOJE, dia 19, às 21.15
5.ª Récita das óperas

RITA

de Donizetti
com: Elsa Seque, Armando
Guerreiro, Hugo Cassuto e
Casta e Silva.

Direcção: Alvaro Cassuto

Encenação: Alvaro Benamor

ORQUESTRA DE ÓPERA

DA EMISSORA NACIONAL

CAVALLERIA

RUSTICANA

de Mascagni

com: Teresa Barbieri, Carlos
Jorge, Luis França, Manuel
Picarra e Maria Ramos.

Direcção: Alvaro Cassuto

Encenação: Gino Becchi

ORQUESTRA DE ÓPERA

DA EMISSORA NACIONAL

CORO DO TEATRO

NACIONAL DE S. CARLOS

Maiores de 12 anos

LOTAÇÃO ESGOTADA

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro a/ hipotecar, ou a
transferir, e/ alterar o seguro, até
40 meses. Rua D. Estefânia, 81
3.º Dt. — Telef. 40049 - 563751

Aguarde sua visita e telefonema

AMADORES DE COIMBRA NO CICLO TEATRAL DE LEIRIA

LEIRIA, 19 — No Teatro José Lúcio da Silva, desta cidade, é hoje à noite (21 e 45) apresentada a peça «Armadiça para um homem só», do americano Robert Thomas. O espectáculo, integrado no 1.º Ciclo de Teatro de Leiria, constitui interessante experiência do Grupo Cénico da Sociedade Central de Cervejas (Coimbra), com encenação de José Fino.

• EM FIM DE TEMPORADA e ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES! • UM ENORME ÊXITO!!! • HOJE, AS 20,45 e 23 HORAS:



- UM COLOSSAL ELENCO, com:
- JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL • ANITA GUERREIRO
- OCTAVIO DE MATOS no «compere»
- O GRANDE ATRACÇÃO • SABRINA
- COM UM ESCULTURAL E ALEGRE «BALLET» INTERNACIONAL
- Domingo: Matinée, às 16 h.

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

REVELA-SE TODOS OS DIAS O MAIS ACOLHEDOR LOCAL DE DIVERTIMENTO DE LISBOA

ALI HÁ DE TUDO: DIVERTIMENTOS — «STANDS» DE EXPOSIÇÕES — RESTAURANTES — RETIROS, etc.

TRANSPORTES FÁCEIS, DIRECTOS E ASSEGURADOS

Abertura às 19 horas — Entrada 2 escudos

«Ballet» das alunas de Georgina Villas - Boas amanhã no Tivoli

Pelas 18 e 30 realiza-se hoje, no Tivoli, um espectáculo de «ballet» a que Lisboa se habituou desde há anos qua e o das classes baléticas da prof.ª Georgina Villas-Boas.

A artista junta as suas alunas das várias classes para todos os anos dizer aos melos artísticos lisboetas como os vai preparando. Este ano serão dançadas obras de Bach, Carlos Seixas, Weber, Mozart, entre outros. Musicalmente conta com a colaboração musical da concertista e professora do Conservatório Maria Helena Matos.



NINA FLORES FILMA EM ESPANHA

A actriz Nina Flores, que filmou, no Estoril, uma sequência da película espanhola «Mi abuelo español», acaba de ser convidada pelo realizador Jesus Franco para desempenhar a segunda figura feminina de uma co-produção italo-espanhola.

Este novo filme de Jesus Franco, já em fase de pla-

O «Ballet» da Ópera de Kiev dança esta noite no Coliseu

A série de cinco récitas populares que o Teatro Nacional de S. Carlos vai efectuar no Coliseu dos Recreios com a admirável companhia clássica russa do «Ballet» da Ópera de Kiev tem início esta noite, pelas 21 e 30, e prolonga-se diariamente, à mesma hora.

ate 23 do corrente, apresentando aquela grande e excepcional companhia cinco programas diferentes.

O «Ballet» da Ópera de Kiev, que acaba de obter em S. Carlos, durante a temporada Oficial, de Bailado, um sucesso estrondoso, sucesso aliás, semelhante ao que tem obtido em todos os países da Europa, Ásia e Américas onde se tem exibido, é uma companhia que se impõe, não só pela alta qualidade artística dos seus espectáculos — onde prevalecem as obras clássicas do chamado grande repertório e bem exemplificativas da sublime escola russa — como também pela surpreendente técnica e pelo estilo puríssimo dos seus bailarinos, entre os quais se encontram alguns dos maiores nomes do «ballet» mundial.

GERMANA TÂNGER DIZ FLORBELA

Poemas de Florbela Es-panca estão incluídos em um disco de 45 rotações gravado por Germana Tânger com acompanhamento (ao piano) de Cristina Lino Pimentel.

Os trechos escolhidos são: «Os versos que te fiz», «Amar», «Se tu visses ver-me», «Es tu», «Tarde demais», «Arvores do Alentejo», «Mais alto», «Exaltação» e «Ser poeta». O fundo musical é extraído de obras de Schumann.

Banda de Caçadores 5

A Banda de Música do Batalhão de Caçadores nº 5 dá, no dia 20, às 18 e 30, no Pavilhão dos Desportos, um concerto de homenagem ao chefe da banda, o capitão Armando de Menção Escoto.

VASCO MORGADO APRESENTA

TEATRO VILLARE (ADULTOS)

HOJE, AS 21 H. e AS 23 HORAS
SABADO 50 AS 20.45 HORAS

7.º MÊS DE GARGALHADAS



FERNANDA BORSATTI
é a menina Tatiana, secretária para todo o serviço, na comédia

OVISON VOADOR

COM
RAUL SOLNADO
JO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLIA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARIUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

«O VISON VOADOR»
É O FIM DA GARGALHADA



Ali, no

MUNDIAL

a confusão continua

em
2ª SEMANA
com

“ESTES TURISTAS AMERICANOS...”

CLASSIFICADO PARA A FINAL DO CAMPEONATO MUNDIAL DA GARGALHADA!



COR de Luxe ADULTOS

Com a Televisão o ciclo preparatório está em toda a parte



Dê a seus filhos a oportunidade de prosseguirem os estudos

Os seus filhos têm direito a um futuro melhor — e podem consegui-lo através do Ciclo Preparatório da Telescola. Viva onde viver, a

televisão traz o ciclo preparatório para mais perto da sua casa. Basta dirigir-se ao Posto de Recepção do Ciclo Preparatório TV mais próximo. Em 2 anos, os seus filhos estão aptos a ingressar no 2.º ciclo liceal ou nos cursos de formação do ensino técnico.

O Ciclo Preparatório TV tem validade oficial e a mesma duração do curso directo. Aproveite, assim, a possibilidade de os seus filhos prosseguirem os estudos abrindo-lhes as portas de uma segura carreira profissional. Ofereça a seus filhos a segurança de um curso. Comece já Peça informações.

IMAVE Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação
Rua Florbela Espanca - Telef. 76 28 65
LISBOA - 5

Ministério da Educação Nacional em colaboração com a Radiotelevisão Portuguesa, S.A.R.L.



LEITORES: PODEM TER «FÉRIAS NO MUNDO»

(Continuação da 1.ª página)

limites então impostos à escolha dos participantes.

O novo concurso «Férias no Mundo» não tem limites de fronteiras, já que os seus premiados podem optar por visitas e estadias em qualquer das muitas capitais escolhidas para este efeito.

Trata-se, assim, de um concurso que bem pode classificar-se de interna-

cional e não temos dúvidas em classificá-lo de impar entre nós.

Haverá quem nunca tenha desejado passear nos «boulevards» de Paris, mergulhar nas águas de Copacabana ou subir ao alto do Empire State Building?

Haverá quem nunca tenha desejado viajar?

Julgamos que não, mas a verdade é que poucos têm tido a oportunidade ou a possibilidade de realizar este sonho que o

«Diário de Lisboa» vai concretizar a muitos dos seus leitores por intermédio desta nova e sensacional iniciativa.

O concurso «FÉRIAS NO MUNDO» destina-se, efectivamente, a proporcionar aos concorrentes premiados a possibilidade de visitarem uma grande cidade e de nela viverem durante dez dias, acompanhadas por um parente próximo, sem que para tal tenham de despendar qualquer quantia

em viagens ou em hotéis.

Trata-se, assim, de uma iniciativa de grande envergadura que não poderá deixar de interessar todos quantos ainda não perderam o sentido da aventura e o desejo de «ver o mundo».

Uma das características mais interessantes deste concurso é a sua extrema simplicidade, o que se compreende se atendermos a que o «Diário de Lisboa» quis beneficiar o maior número

possível de interessados, independentemente das suas habilitações ou do seu grau de cultura, têm a mesma possibilidade de se habilitar ao concurso «Férias no Mundo» e, portanto, a um dos seus numerosos e valiosos prémios. Isto, porque o «Diário de Lisboa» pretendeu tornar os benefícios deste concurso extensíveis a todas as camadas populacionais.

No que se refere a prémios, porém, há ainda

muito a dizer sobre este novo e sensacional concurso que embora se destine, sobretudo, a proporcionar aos concorrentes a possibilidade de visitarem as grandes cidades do mundo e de nelas permanecerem durante dez dias, em magníficos hotéis, previamente escolhidos, oferece a vantagem adicional de contar com uma lista de prémios cujo valor atinge muitas centenas de contos. Desta forma, mesmo os que não tiverem a oportunidade de passar férias numa das grandes cidades criteriosamente escolhidas pelos organizadores do concurso, terão a possibilidade de ganhar um prémio que, apesar de secundário, seria considerado digno de ser um «primeiro» num concurso menos ambicioso.

O «Diário de Lisboa» não se poupou a esforços para que esta sua nova iniciativa beneficiasse o maior número possível dos seus leitores, motivo porque a lista dos prémios do concurso «Férias no Mundo» se pode classificar de extraordinária.

Para se avaliar a importância e o âmbito deste concurso impar, basta efectivamente dizer que além dos prémios mencionados — viagens e estadias nas grandes cidades do mundo, os concorrentes ficam ainda habilitados a prémios no valor de centenas de contos.

Deve acrescentar-se que isto ainda não é tudo. O «Diário de Lisboa» para melhor servir os seus leitores que participarem nesta iniciativa a todos os títulos extraordinária, resolveu incluir no Regulamento do Concurso uma cláusula que lhes concede o prazo de um ano para desfrutarem das viagens e das estadias com que forem premiados.

Quem preferir Nova York em Janeiro ou o Rio durante as festas do Carnaval, poderá optar por qualquer destas datas ou por qualquer outra que prefira por motivos particulares.

Ninguém deixará, portanto, de beneficiar dos prémios que lhe forem concedidos, por ter as férias já marcadas ou por já as ter gozado à data do início do concurso «Férias no Mundo».

Não deixe passar esta oportunidade que pode ser única na sua vida!

Acompanhe, no «Diário de Lisboa», o noticiário referente a este concurso a todos os títulos extraordinário!



50 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES À VENDA PARA ESCRITURAS IMEDIATAS

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS

NÃO COMPRE SEM CONSULTAR

J. PIMENTA, S.A.R.L.

A MAIOR EMPRESA DE CONSTRUÇÃO E VENDA DE PROPRIEDADES DO PAÍS

250 MIL CONTOS DE PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

PREÇOS DESDE 130 CONTOS EM APARTAMENTOS MOBILADOS, ANDARES, ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E ARMAZENS NA REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOZ, CASCAIS (RAMFILHEIRA)

INFORMAÇÕES NOS LOCAIS DE CONSTRUÇÃO E NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15-1. — Telefones 4 56 43 - 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria I, 36 — Telefones 98 28 23/23



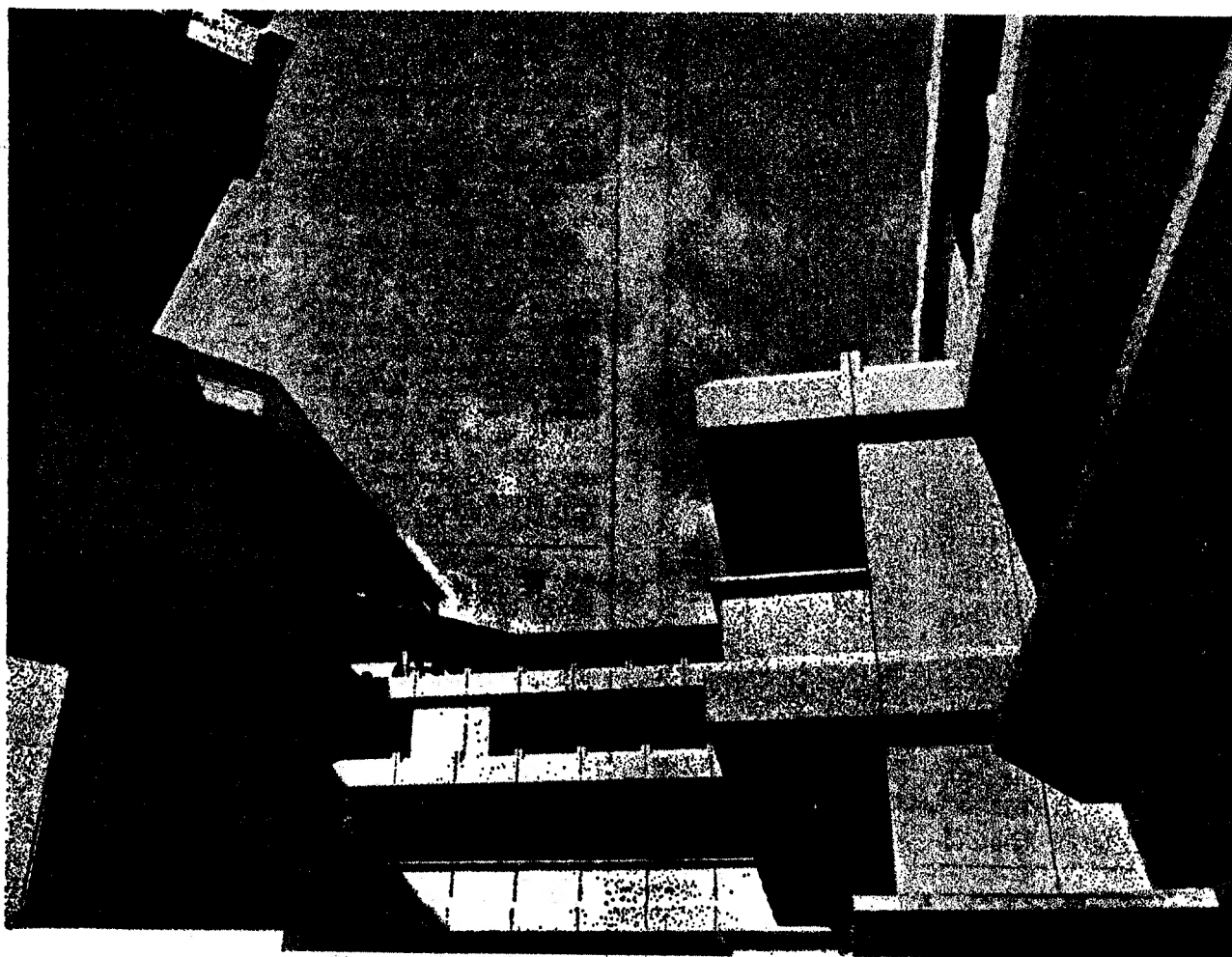
PRESENTE NA FIL COM UM SERVIÇO DE INFORMAÇÕES COMERCIAIS



Banco Borges & Irmão

uma aventura em betão

Igreja do Sagrado Coração de Jesus
construída pela
ENGIL
uma empresa
que se afirma
na qualidade e diversidade
do que realiza



sociedade de construção civil s.a.r.l
AVENIDA ELIAS GARCIA 162 - 6º LISBOA 1



A esquerda: Maria Rita Almeida Ribeiro, 3.ª classificada e vencedora do «Prémio Elegância Bayer». A direita: Clarisse Valderrabano Quadra, vencedora do «Prémio de Elegância Riopelle»

PROCLAMADA A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS

• Vera Ferreira de Castro representará Portugal em Berlim

Uma exclamação de espanto, logo seguida por um sorriso de extrema felicidade, saiu dos lábios de Vera Ferreira de Castro quando Jaime Mourão-Ferreira anunciou o seu nome como Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas-1970. Depois, Vera olhou à sua volta, sentiu o calor das palmas dos convidados e das restantes finalistas, e só então se apercebeu da maravilhosa realidade que entrava na sua vida, poucos dias depois de completar 17 anos. Mas um júri que teve que escolher uma princesa entre aquele grupo deslumbrante de «teen-agers» ficará sempre insatisfeito. Há mil razões para atribuir o título a Vera Ferreira de Castro. Mas também haveria muitas razões para o atribuir às outras nove finalistas. Escolher nunca foi tão difícil. Na verdade, é raro encontrar um grupo de jovens que possua tão elevado conjun-

to de valores, tanto no plano estético como intelectual.

REQUINTE E JUVENTUDE

A eleição e proclamação da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, ontem realizada no Hotel Tivoli, reuniu, além das pessoas da família das finalistas, numerosos convidados. Presentes ao «cocktail», entre outros, os srs. Johannes Minnemann e Aldo Lavatelli, respectivamente administrador da Bayer Portugal, e representante em Portugal da

Alitalia, firmas que patrocinaram o concurso. Entre os convidados viam-se a senhora de Ruy Patrício, esposa do ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Borges de Pinho, consul da Tailândia em Lisboa; deputado dr. Francisco Balsemão e dr. José Balsemão, administradores do nosso prezado colega «Diário Popular»; D. António Infante da Câmara, senhora de António Silva Pereira e ainda os escritores David Mourão-Ferreira, Fernanda Botelho e Tomaz Ribas. Um gru-

po numeroso de jovens completava o cenário agradável que serviu de fundo à eleição da Princesa das «Teen-Agers».

Antes do primeiro desfile das concorrentes, Jaime Mourão-Ferreira, em nome do Departamento de Promoções do «Diário de Lisboa», do Serviço de Relações Públicas da Bayer e da Alitalia, deu as boas vindas aos convidados presentes e fez a apresentação das concorrentes que, uma a uma, desfilaram na «passerelle» para atribuição do Prémio de Elegância Riopelle, destinado à concorrente que melhor aproveitasse

(Continua na 14.ª página)

ela sabe...

vinho VARANDAS

...o que ele quer



vale a pena procurá-LO no seu fornecedor habitual

SOCIEDADE COMERCIAL JOSÉ DOMINGOS BARREIRO, S.A.R.L. telef. 38 15 38/9

NUNCA ACREDITEI PODER GANHAR

— Disse-nos Vera Ferreira de Castro

— Nunca. Nunca pensei ganhar. Nem nunca pensei quem ganharia. Achava todas ótimas e contava ficar em terceiro lugar, com muita sorte. — Esta foi a primeira confidência que nos fez Vera Ferreira de Castro, pouco depois de ter sido proclamada Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

— E agora que foi a vencedora — perguntámos.

— Continuo a achar que havia melhores do que eu. Acho todas estupendas, principalmente três que, quando a mim, tinham possibilidades de ganhar.

Vera nasceu em Lisboa e completou 17 anos no dia 1 de Junho. É aluna do Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus e tem mais seis irmãos. A simplicidade, a espontaneidade e um conjunto equilibrado de valores fizeram ponderar a decisão do júri a seu favor.

— Não sei explicar o que senti quando chamaram pelo meu nome. Se a Olga Pinho Morgado não me segurasse,

desconfio que caía. Ontem e hoje confesso que me senti nervosa.

— Qual a sua opinião sobre este concurso?

— Acho que teve nível superior ao dos anos anteriores e deve continuar a fazer-se.

A antevisão de uma viagem à Alemanha torna ainda mais radiante a expressão de Vera Ferreira de Castro.

— Adoro viajar, e é a primeira vez que vou ao estrangeiro, e é uma grande responsabilidade da minha parte ir representar o País.

Os novos horizontes que se lhe abrem dominam o seu espírito. Vera confessa-nos que nada lhe inspira particular curiosidade.

— Quero ver tudo. Tudo me inspira curiosidade e me interessa.

— Qual foi o acontecimento que mais a impressionou até hoje?

— Sem dúvida, o homem na Lua... Estive até às seis da manhã a seguir esse facto extraordinário.



Faqueiros de prata

TODOS OS ESTILOS
FABRICO ESPECIALIZADO

Ouivesaria Pimenta

RUA AUGUSTA, 255—TEL. 324564

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO DO AEROPORTO
INFANTIL—PRIMÁRIO

MORADIA CIRCUNDADA POR APRAZIVEL
JARDIM, POSSUINDO RECREIOS INTERNOS
E AO AR LIVRE

AVENIDA GAGO COUTINHO, 162 — TELEF. 72 70 71

MAIS
SEGURANÇA

para si, graças a
MONROE

O AMORTECEDOR
de regulação
automática
DE 3 FASES

MONROE

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
ALVARO QUARTO, S.A.
200-200000 DA LISBOA, 25 12 2 24, 2
1000-AL. AVENIDA DE CAMOES, 94, 94
LISBOA

RÚSSIA PAÍSES DE LESTE
e ESCANDINÁVIA

EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO. HOTÉIS DE 1.ª CLASSE
Paris - Bélgica - Alemanha Ocidental - Berlim - Alemanha Oriental
Polónia - Rússia - Finlândia - Suécia - Dinamarca e Holanda
Partidas: 19 de Julho e 9 de Agosto - 23 dias

abreu desde **1840**

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - R. São, 2

abreu É QUALIDADE **abreu** É MELHOR

marola

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA, FRIGORÍFICOS
EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES NA FEIRA INTERNACIONAL
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: AGÊNCIA COMERCIAL RIA, LDA. —



Em cima: aspecto geral da sessão em que foi eleita a «Princesa das Teen-Agers Portuguesas», vendo-se o júri junto da «passarelle» por onde desfilaram as finalistas. Em baixo: a vencedora do concurso do ano passado coloca a faixa de «Princesa das Teen-Agers Portuguesas 1970» á vencedora deste ano. Algumas das restantes finalistas participam na cerimónia

Lista dos prémios recebidos pelas «Teen-Agers»

Depois da Princesa das «Teen-Agers» de 1969, Olga de Pinho Morgado, ter colocado a faixa de vencedora á sua sucessora e enquanto os jornalistas entrevistavam a nova Princesa, foram distribuídos os prémios que as diversas empresas ofereceram ás finalistas.

As 10 finalistas receberam além dos cortes da Bayer e da Riopelle, do dinheiro para os respectivos felícios, e dos vestidos Dralon com que desfilavam, os seguintes prémios — fatos de banho Trianon, em Dorlastan da Bayer, oferta da Interlastex.

— Cortes de Vestil, feitos á base de produtos Bayer, oferta da A. M. C. — Fábrica das buadeiras.

— Novelos de fio de tricot Dralon, oferta de Brancal & Irmão, da Covilhã.

— Cintas e «soutiens», oferta da «Triumph Internacional».

— Lotes de livros, oferta da Editorial Ibis.

— Perfumes «Atkinsons of London» oferta da Atkin-son.

— Cestos com produtos Compal diversos, oferta da Compal.

— «Whiskys» e Moeres da Muiha «Seagraw's», oferta da Macielra.

— Batons e vernizes «Re-

vilon», oferta da Revlon que procedeu a maquilhagem das 10 finalistas para os desfiles.

— Jogos de chavenas de café, oferta da Bazcidla.

As três primeiras receberam ainda, além dos prémios já citados:

— Linha completa dos produtos de beleza «Revlon», da Linha Natural «Wondex», oferta da «Revlon».

— Aparelhos de bronzea-

mento e embelezamento «Ultraphill», oferta da Phillips Portuguesa.

— Secadores para o cabelo «Ruton», oferta da Corel, oferta da Boutique «Veruska».

— Cursos de manequim, oferta da Escola de Manequins Juno.

Vera Crato Ferreira de Castro, a nova Princesa das «Teen-Agers», além dos pré-

mios atrás referidos, recebe ainda

— Um cheque de 5000\$00, oferta do Centro de Estética Feminina

— Um colar e um medalhão de prata, oferta de Jóias Tópazio, do Porto

— Um seguro de acidentes pessoais no valor de mil contos, oferta da Companhia de Seguros «A Mundial».

OS COMERCIANTES DAS ZONAS DE S. PAULO, CAIS DO SODRÉ, RUA DO ARSENAL E CALÇADA DO CARMO ABAIXO DESCRITOS, PARTICIPAM A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS QUE NO PERÍODO DE 15 DE JUNHO A 15 DE SETEMBRO ENCERRAM OS SEUS ESTABELECIMENTOS AOS SÁBADOS AS 13 HORAS.

A. Barata, Herdeiros

António Dias

António Mendes Ferreira

António Rodrigues

Armazéns de S. Paulo

Camisaria Oxford

Camisaria Portuense

Confecções Euromoda

Confecções Portelada

Confecções Viestil

Corrêa & Rodrigues, Lda.

Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, S. A. R. L.

Evaristo & Sebastião, Lda.

João Bento Vicente & C.ª

José de Oliveira Costa

Rodrigues & Alfredo, Lda.

Rodrigues & Batista

Rodrigues & Contreiras

Rodrigues & Domingos

Rodrigues & Mendes, Lda.

Rodrigues & Quaresma, Lda.

Sapataria Irlandesa

Triunfo da Moda

Velasco

JÓIAS, OURO, PRATAS, RELÓGIOS
NÃO SE COMPRAM AO ACASO!
OURIVESARIA JADE
PRAÇA DE LONDRES, 4-A

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos! Pagamos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Couto, Lda
PORTO

COM **TAKY**
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PELOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DOR
SEM IRRITAÇÃO
PEÇA LITERATURA

electrodomésticos

RÍFICOS, ENCERADORAS, FOGÕES A GÁS, ETC.
NACIONAL DE LISBOA STAND N.º 628, PAVILHÃO F, SECTOR 9
— LISBOA — PRAÇA AIRES ORNELAS, 6-1.º C — TEL. 831741/71

Actualidade internacional

RECEIA-SE EM PHNOM PENH QUE ESTEJA IMINENTE O ASSALTO À CAPITAL

PHNOM PENH, 11. — Durante a noite, Phnom Penh ficou praticamente isolada por estrada do resto do país, ao mesmo tempo que aumentava o receio de que esteja iminente uma tentativa do Vietcong para tomar de assalto a capital.

As minas e granadas do Vietcong impediram ontem à noite o trânsito na última estrada principal que ainda ligava Phnom Penh ao exterior — a estrada numero 1, para Saigão — que até agora não tinha sido afectada pela ofensiva comunista.

Segundo as últimas informações, essa estrada continua encerrada ao trânsito, mas não se sabe se algum trecho está ocupado pelos guerrilheiros ou se isso se deve apenas ao perigo de ataques.

As tropas governamentais do Camboja que tentaram abrir caminho foram alvejadas por nutrido fogo de morteiro.

Durante as primeiras semanas de Maio, as tropas intervencionistas sul-vietnamitas avançaram para

nordeste abrindo caminho pela estrada numero 1, mas alguns sectores da qual rodeava nunca ficaram inteiramente livres de perigo durante a noite.

Jornalistas que ontem partiram de Phnom Penh para o Sul verificaram que os guerrilheiros tinham colocado minas na estrada, dinamitado postes telefónicos e cortado as linhas a cerca de 46 quilómetros da capital.

Caso o Vietcong realize uma ofensiva militar contra a estrada numero 1 tal como tem feito nas outras, a capital do Camboja ficará então totalmente isolada, dependendo dos aviões para receber alimentos e outros géneros de primeira necessidade.

Assim, três meses após o golpe de Estado que derribou o príncipe Sihanouk e sete semanas após o início da intervenção norte-americana e sul-vietnamita, a capital do Camboja encontra-se praticamente cercada e isolada das regiões abastecedoras de arroz do Noroeste e da refinaria de petróleo de Kompong Som, no Sul.

Barreiras de arame farpado e barricadas protegem o quartel-general e a central dos correios nesta cidade.

O preço do arroz já aumentou 50 por cento, devido à procura, pois os habitantes procuram constituir reservas para um eventual cerco.

Os guerrilheiros, que atacaram uma via férrea há dois dias, capturaram pelo menos 1000 toneladas de arroz que se destinava ao abastecimento da capital e, depois de terem cortado a via, incendiaram uma estação de caminho-de-ferro.

BALDUÍNO VISITA KINSHASA

KINSHASA, 19 — (F. P.) — O chefe do Estado congolês e o rei da Bélgica exaltaram, um após o outro, a amizade e a fraternidade novamente encontradas entre os dois países, depois de um grande jantar de gala que reuniu ontem à noite nos jardins do palácio presidencial todas as personalidades políticas de Kinshasa.

«Após 80 anos de história comum, a Bélgica é parceira privilegiada do Congo», declarou o general Mobutu.

De agora em diante, «a estabilidade e a paz nova-

mente encontradas oferecem as condições ideais de acolhimento aos capitais desejosos de se investir no Congo», acrescentou ele, pedindo ao rei Balduino «para fazer uso de todo o seu poder moral a fim de dar o impulso decisivo ao financiamento do desenvolvimento congolês».

Na sua resposta, o soberano salientou que, sob o impulso do general Mobutu, «o Congo afirma-se pouco a pouco como um grande Estado africano, consciente de ser de futuro o primeiro construtor do seu destino». Os elos especiais da Bélgica com o Congo justificam um auxílio — tanto governamental como privado —, acrescentou ele, para concluir desejando ao Congo que se torne cada vez mais, no coração da África, uma vasta área de paz e de progresso.



MAO TSÉ TUNG, recebendo em Pequim o vice-presidente romeno, Emil Bodnarus. A direita, Lin Piao, a segunda personalidade na hierarquia chinesa. Recentemente, a China criticou a intervenção soviética em países da Europa Oriental e elogiou a atitude da Roménia.

MÁQUINA DE COSTURA

elna lotus

o maior sucesso da

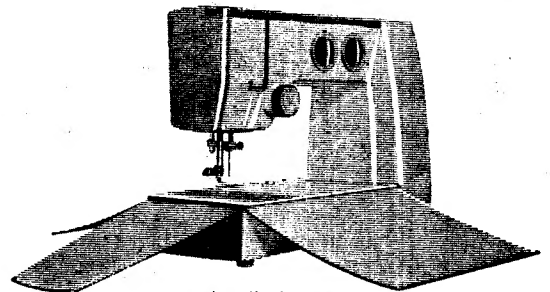
FIL-70

aproveite a grande campanha de lançamento só durante esta exposição Stand na galeria superior junto ao restaurante

VISITE-NOS

com este anúncio

Poupará Esc. 1.500\$00

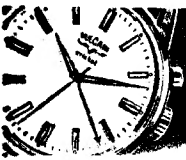


distribuidores:

COMATRIL

LISBOA — R. Oliveira Martins, 31-C
PORTO — R. Sá da Bandeira, 772

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO



VULCAIN
RELOGIO SUICO



DR. MÁRIO REIS DE FIGUEIREDO CARMONA

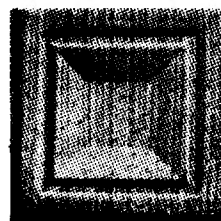
MISSA DE 3.º DIA E AGRADECIMENTO

Isaura de Mattos Cardoso Carmona; Helena Carmona Abreu Lopes, seu marido e filhos; Rosária de Mattos Cardoso; António Cardoso, e sua mulher; Estefânia de Mattos Cardoso Coimbra, e seu marido; Manuel José Rebêcho participam que amanhã dia 20, será rezada missa às 12,20 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, por alma do seu muito querido marido, irmão, genro, cunhado, tio e padrinho, agradecendo desde já recondicionalmente a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, assim como a todas, que por qualquer forma manifestaram o seu pesar, as quais não é possível agradecer directamente por desconhecimento de moradas.

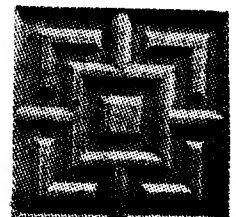
P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO

ARQUITECTOS—DECORADORES—CONSTRUTORES EIS A SOLUÇÃO PARA O REVESTIMENTO DE TECTOS E PAREDES



PAINÉIS
MAFE



- MOLDADOS EM BAIXO RELEVO
- IMITAÇÃO PERFEITA DA MADEIRA E GESSO
- PESSOAL ESPECIALIZADO PARA A MONTAGEM

Pedidos e informações:

LEVERCA, LDA. — CALÇADA DA ESTRELA, 76 — LISBOA
TEL. 67 68 12 — 67 45 29
EM EXPOSIÇÃO NA F. I. L. — STAND 155

TRIPLA VITÓRIA DE HEATH

LONDRES, 19 — (F. P.) — Edward Heath ganhou a noite passada uma vitória tripla: sobre Harold Wilson, sobre os institutos de sondagem da opinião pública e sobre os detratores.

Tendo em linha de conta 400 resultados conhecidos (num total de 630 circunscrições), os ordenadores da BBC e da Associated Press previam para os conservadores uma maioria surpreendente de cerca de 30 lugares nos Comuns.

No entanto, Heath, depois de ter deixado a sua circunscrição de Bexley, nos arredores do sueste de Londres, só esteve uma minutos na sede do Partido Conservador e depois foi tranquilamente para a cama.

ELEITO O NETO DE CHURCHILL

LONDRES, 19 — (A. N. I.) — Winston S. Churchill, neto do antigo primeiro-ministro inglês, foi hoje eleito para o Parlamento.

Tem 29 anos e representa a quarta geração da família a ocupar um lugar na Câmara dos Comuns — sempre pelo Partido Conservador.

ma, no seu apartamento de Albany.

Edward Heath tem, pois, para toda a gente a probabilidade de ser o novo primeiro-ministro do Reino Unido, o que constitui uma surpresa tanto para ele como para os seus adversários, e com toda a certeza

FIM DA CARREIRA DE BROWN?

LONDRES, 19 — (R.) — O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros George Brown, afastado do Parlamento ao ser inesperadamente derrotado ontem, vê assim terminada uma carreira política de 25 anos durante a qual se tornou uma figura popular devido às suas monumentais «gaffes», aos seus rompanes de mau génio e à sua oratória contudente.

O anafado Brown, filho de um motorista de camião, divertiu e chocou muitas vezes os seus colegas do Parlamento por não ter papas na língua e dizer tudo o que lhe vinha à cabeça, sem preocupações de diplomacia.

Brown era deputado trabalhista por Belpe há 25 anos, sendo derrotado por escassa margem de votos.

para os institutos de sondagem da opinião pública que foram todos favoráveis aos trabalhistas, com percentagens de 1 a 12 por cento.

Um ministro trabalhista declarou a este respeito que seria bom examinar de perto a actividade desses institutos. Com efeito, segundo Short, as previsões têm como resultado deixar ficar em casa muitos eleitores que julgaram a vitória assegurada para o seu partido.

A provável mudança de Governo vai ter consequências importantes tanto em política interna como externa.

Nos meios políticos falava-se já a noite passada de Ian Mac Leod para as Finanças e de «Mr» Alec Douglas-Home para ministro dos Negócios Estrangeiros.



HAROLD WILSON — os resultados não corresponderam às sondagens

REFORÇADA A POSIÇÃO DO RACISTA POWELL

LONDRES, 19 — (R.) — O conservador da extrema direita Enoch Powell viu reforçada a sua posição na cena política britânica ao ser reeleito por Wolverhampton, por uma maioria de 14 000 votos, ou seja mais do dobro da maioria que obtivera nas anteriores eleições.

Este resultado veio assim desmentir os seus adversários que o acusavam de desacreditar o Partido Conservador devido às suas declarações vincadamente racistas.

Pelo contrário, Powell declarou estar convencido de que foram precisamente as posições que defendeu que garantiram ao Partido Conservador a vitória que parecia querer-lhe fugir.

No círculo de Wolverhampton, onde o problema racial preocupa a população branca, deu-se uma viragem de 8.7 por cento do eleitorado a favor do Partido Conservador.

Powell, que se tornou famoso pela sua intransigente oposição aos imigrantes de cor e pelas suas críticas violentas ao Governo, é considerado como um sério candidato à chefia do Partido Conservador. A ameaça a posição de Edward Heath, que segue uma política muito mais moderada.

Devido à sua crescente popularidade junto do eleitorado — conforme provam os resultados da votação —, Powell tornou-se agora ainda mais forte para vir a disputar eventualmente a Heath a chefia e o cargo de primeiro-ministro que ela implica, dada a vitória do Partido Conservador.

Muito religioso e dedicado ao estudo dos clássicos, Powell foi violentamente criticado durante a campanha eleitoral, tendo o ministro trabalhista Wedgwood Benn acusado o deputado conservador de levantar uma bandeira semelhante à bandeira nazista do ódio racial.

A sua residência em Wolverhampton tem estado guardada pela Polícia devido aos numerosos telefonemas e cartas com ameaças que lhe são dirigidas. Vários dos seus comícios eleitorais foram interrompidos por manifestantes esquadristas e acabaram em desordem com intervenção da Polícia.

VIRAGEM PARA A DIREITA

LONDRES, 19 — (R.) — O chefe liberal Jeremy Thorpe afirmou, a noite passada, julgar que a Grã-Bretanha caminhava para um período de política das direitas.

«Tem havido, obviamente, uma mudança maior para a direita», observou, numa entrevista que concedeu à televisão.

«Penso que o «powellismo» está em ascensão do momento, e que esse será o cariz que a política britânica irá ter durante algum tempo. As estatísticas comerciais do mês passado tiveram, nitidamente, efeito nas eleições gerais».

WILSON RECONHECE A DERROTA NAS ELEIÇÕES

(Continuação da 1.ª pág.)

Edward Heath, O líder conservador elutou à sua maneira, não saindo dos grandes problemas, e os eleitores corresponderam a esta honestidade e a esta franqueza.

«A mais espantosa reviravolta de situação nos últimos 25 anos», escreve por seu turno o «Guardian».

O «Daily Telegraph» escreve: «Nunca tantos inquéritos à opinião pública se mostraram tão errados quanto aos resultados de uma eleição. O que parecia ser impossível aconteceu: Desde a surpreendente vitória de Truman sobre Dewey, nas eleições presidenciais norte-americanas, que não se verificava uma tal viragem eleitoral».

O próprio «Financial Times», de ordinário esquivo, apresenta um cabeçalho a oito colunas em que diz: «Os «to-

ries» a caminho da vitória».

O «Daily Express» é mais categórico, escrevendo: «Não há qualquer dúvida. Ganham os «tories». Esta tarde, Edward Heath irá ao palácio de Buckingham para ser empossado como o novo primeiro-ministro».

Alguns comentadores atribuem os fracos resultados alcançados pelos trabalhistas a um excesso de confiança dos seus simpatizantes que não se deram ao trabalho de ir votar devido às previsões e sondagens indicarem uma fácil vitória trabalhista.

Apesar do bom tempo que fazia, apenas 70.8 por cento do eleitorado compareceu nas urnas, ou seja quase 5 por cento menos do que nas eleições anteriores.

Uma baixa percentagem de votantes prejudica geralmente mais os trabalhistas do que os conservadores.

RESULTADOS MAIS RECENTES

LONDRES, 19 — (A. N. I.) — Às 4 horas foi anunciada a seguinte distribuição de votos, nas eleições gerais britânicas:

- Trabalhistas: 8 752 773 votos (45.8 por cento).
- Conservadores: 7 914 178 votos (45.3 por cento).
- Liberais: 1 182 304 votos (6.1 por cento).

DISTRIBUIÇÃO DE LUGARES

LONDRES, 19 — (R.) — Faltando conhecer os resultados relativos a 196 lugares, a situação era a seguinte:

- Trabalhistas — 236 — ganhos 9 — perdas 52.
- Conservadores — 200 — ganhos 55 — perdas 6.
- Liberais — 2 ganhos 0 — perdas 3.
- Outros — 2 — ganhos 1 — perdas 4.



VULCAIN

DE PRESTÍGIO MUNDIAL



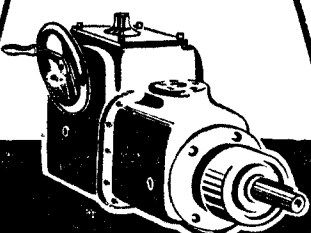
Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

Oferecemos-lhe o „Saber Como“

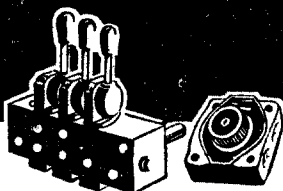
utilizar a energia óleo-hidráulica e pneumática

BOMBAS e MOTORES óleo-hidráulicos



Debito fixo e variável de embolos axiais ou radiais — de engrenagens — de palhetas

VALVULAS de regulação e comando



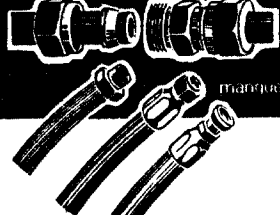
— Comando manual, eléctrico ou pilotado — Todos os órgãos hidráulicos de alta e muito alta pressão

CILINDROS UNIDADES ENERGÉTICAS



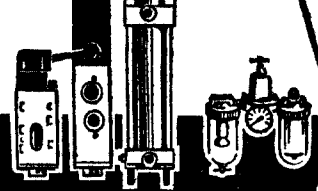
Entrega rápida de modelos de série ou execução especial

JUNÇÕES ERMETO Segurança visível



— Tubagem e junções para alta e muito alta pressão — Grande stock sortido

COMANDOS PNEUMÁTICOS



Distribuidores Cilindros Filtros Redutores Lubrificadores

REPRESENTAMOS EM EXCLUSIVO AS MARCAS MAIS VENDIDAS DA EUROPA

AEROQUIP PRADIFA
CONSTANTIN RAUCH REXROTH
ERMETO STAFFA
HAWE TUROLLA
IMO-INDUSTRI WESTINGHOUSE

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO O+P (Óleo-hidráulica e Pneumática)

ENG. GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
LISBOA - Rua Passos Manuel, 99-A.
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

As
Serviço
Informativo
ENG. GUSTAVO
CUDELL
Apertado, 248 - Porto
Qualquer enviar-me
Literatura sobre:
(marcar X no que interessa)
☐ Óleo-hidráulica
☐ Pneumática
☐ Cortadores para água e
outros líquidos
☐ Mangueiras e junções

os exames do ensino liceal

Com as provas escritas de Latim e Geografia, às 9 horas, e de Matemática, às 11, prosseguiram, esta manhã, os exames (1.ª chamada) do 7.º ano dos liceus. À tarde, pelas 15 e 30 e 17 e 30, respectivamente, realizaram-se as de Matemática e Ciências da Natureza do Círculo Preparatório.

3.º Ciclo 1.ª chamada Prova escrita de Filosofia

SOLUÇÃO

a) As ciências só têm valor pelas soluções que dão a problemas precisos e determinados, em virtude da sua própria natureza. A racionalidade, a objectividade e a certeza, tal como a existência de um objecto bem definido, são suas características fundamentais. A objectividade implica a impessoalidade das suas conclusões, a linguagem que utiliza, ainda que convencional, permite no entanto a acção das suas conclusões sem dar margem a subjectivismo. A conexão racional interna (aspecto formal), e o recurso à verificação experimental, permitem a atitude categorial nas conclusões a que chega, sobre o objecto específico, que juntamente com o método que utiliza a caracterizam.

b) Esta resposta depende da perspectiva assumida por cada aluno.

2) É impossível apresentar uma tentativa de solução, visto que apela para a opinião pessoal do aluno.

3) a) Racionalismo é o conjunto de doutrinas que consideram que no acto do conhecimento intervêm elementos de base sensorial e elementos racionais, dependendo destes a interpretação e compreensão dos primeiros. O empirismo, por seu lado, é o conjunto de doutrinas que consideram a experiência como fonte única e crítica de conhecimento.

b) O empirismo de Locke, tradicionalmente conhecido pela doutrina do «espírito tábuila rasa» e o apriorismo de Kant.

4) O autor refere-se ao facto de a filosofia não se deter já nas atitudes fixistas de contrapor conceitos puros em termos de antagonismo, mas antes levando em linha de conta o homem na sua situação concreta, fazendo o uso funcional da razão e experiência através de um processo dialéctico.

II

1) A «emoção» é uma «embriaguez» em virtude do seu carácter passageiro embora intenso, provocando desequilíbrio de ordem intelectual e afectiva; a paixão será uma doença, na medida em que mais duradoura, absorvente e

prejudicial a outras capacidades psicológicas.

2) Uma das principais dificuldades que enfrenta o historiador quando pretende investigar cientificamente uma época do passado, reside no facto dos acontecimentos históricos serem de observação indirecta. Os materiais utilizados pelo historiador, para tal observação, designam-se genericamente por documentos. Os documentos que podem ser de várias naturezas, terão que ser enfeitados à crítica, quanto ao aspecto externo, visando a forma, e quanto ao conteúdo e significado (crítica interna). Esta tarefa, apesar de recorrer às chamadas ciências auxiliares da História, está sujeita a interpretações subjectivas. A experimentação como critério de confirmação de hipóteses, é impossível no sentido vulgar do termo em virtude da irreversibilidade dos factos históricos. A experimentação histórica ganha por isso um significado específico e tem que ser entendida noutros moldes.

3) Segundo a concepção positivista, na medida em que a moral é uma física de costumes, tendo segundo tal concepção a consciência moral origem nas pressões e condicionamento da própria sociedade, o bem, será o que está universalmente aprovado e em uso na época e sociedade em que vivemos.

4) O tema é bastante extenso e apela para as atitudes assumidas pelo aluno, em relação, à multiplicidade de doutrinas sobre tal assunto.

— Principais doutrinas: mecanicismo, dinamismo, hilemorfismo nas suas várias modalidades e interpretações, assim como as doutrinas que consideram a matéria e a energia como modos da mesma realidade.

III

a) Devia o aluno nesta linha definir actividade reflexa, distinguindo-a de actividade reflexiva. Deve depois fazer a distinção entre reflexos primários, secundários e condicionados.

b) O estudo dos reflexos condicionados como perspectiva de estudo em psicologia, alusão a Pavlov a suas experiências com cães.

c) O reflexo condicionado ao serviço do adestramento animal, por exemplo, às tarefas realizadas por animais de circo. Referência à importância do reflexo condicionado no comportamento humano.

Prova escrita de Latim

Texto

Ceterum fama tanti facinoris per omnem Africam brevi divulgatur; Adherbalem omnesque, qui sub imperio Micipsae fuerant, metus invadit; in duas partes discedunt Numidae; plures Adherbalem sequuntur, sed librum alterum bello meliores. Igitur Jugurtha quam maximas potest copias armat, urbis partim vi, alios voluntate imperio suo adiungit, omni Numidae imperare parat. Adherbal, tametsi Roman legatos miserat, qui senatum docerent de caede fratris et fortunis suis, tamen fretus multitudine militum parabat armis contendere.

I

1 — Diga a razão dos casos e império.

2 — Em que modo se encontra miserat? Justifique.

3 — Como classifica a proposição cujo predicado é docerent?

4 — Traduza o texto.

II

1 — Do verbo a que pertence a forma miserat (linha 6), diga:

a) Imperfeito do Indicativo;

b) Presente do Conjuntivo.

2 — Dê outra forma à proposição cujo predicado é docerent.

3 — Verta para latim:

Salústio conta que, embora Micipsa, ao morrer, tivesse exortado Jugurtha e os seus filhos à paz e à concórdia, estes, depois da sua morte, tornaram-se inimigos e guerrearam violentamente.

SOLUÇÃO

1) Facinoris — genitivo do singular, complemento determinativo de fama;

Imperio — dativo do singular, requerido pelo verbo composto da preposição ad (adiungit).

2) Miserat — encontra-se no modo indicativo por ser predicado de uma proposição subordinada circunstancial concessiva, introduzida pela conjunção tametsi.

3) É uma proposição subordinada relativa com valor de proposição subordinada circunstancial final.

4) Ora a notícia de tão grande feito espalha-se rapidamente por toda a África; o medo apodera-se de Adherbal e de todos os que tinham estado sob o poder de Micipsa; os Numidas cindem-se em dois partidos; muitos seguem Adherbal, mas os melhores na guerra, o outro. Então Jugurtha organiza o maior número possível de tropas, junta ao seu domínio uma parte da cidade pela violência, os outros por livre vontade, prepara-se para dominar toda a Numídia. Adherbal, embora tivesse enviado a Roma emissários, para informarem o senado do assassinio do irmão e perda dos seus bens, todavia confiante no elevado número de soldados que estava-se a lutar pelas armas.

II

1 —
a) mittēbam; mittēbas; mittēbat; mittēbamus; mittēbatis; mittēbant.
b) mittam; mittas; mittat;

mittamus; mittatis; mittant.
2 — a) Sob forma de proposição; ut senatum docerent de caede fratris et fortunis suis.
b) Sob forma de complemento:

— ad senatum docendum de caede fratris et fortunis suis;
— senatus docendi causa de caede fratris et fortunis suis;

— senatum docentes de caede fratris et fortunis suis;
— senatum docturos de caede fratris et fortunis suis;
— senatum doctum de caede fratris et fortunis suis.

3 — Cellustius narrat, cum Micipsa, moriens, ad pacem et concordiam Jugurtham et filios suos hortatus esset, hos, post mortem ejus, hostes factos esse acriter pugnavisse.

Prova escrita de Geografia

Obs. — Além das figuras obrigatórias, o examinando poderá fazer desenhos esquemáticos que considere expressivos e elucidativos.

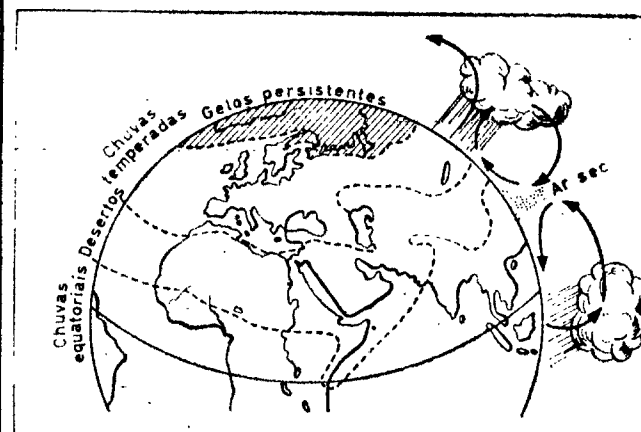
I

Responda sucintamente ao questionário seguinte:

1 — a) Desenhe a esfera celeste (raio: 3 cm), projectada sobre o plano do meridiano celeste de um lugar situado a 15º de latitude do hemisfério onde está a prestar prova, com os seguintes elementos: eixo do mundo, vertical geocêntrico, equador, horizonte geocêntrico e trópicos.

(Obs. — Indique na figura o ângulo ou o arco correspondente à latitude do lugar).

b) Em relação ao mesmo lugar, indique, por letras, e expresse em graus a amplitude dos arcos correspondentes à altura meridiana superior do Sol nos dias equinociais, no dia solsticial de Junho e no dia solsticial de Dezembro.



2 — A figura 1 mostra a influência da circulação atmosférica na distribuição das zonas secas e pluviosas.

numa extensa área do hemisfério norte. Observe-a atentamente e responda ao seguinte questionário:

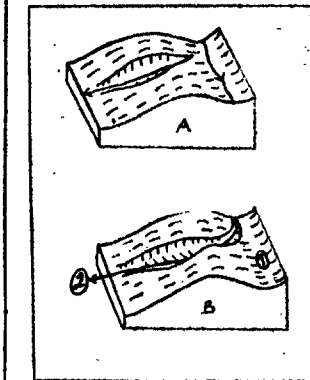


a) Que movimento tem o ar, respectivamente, nas regiões secas (desertos) e nas regiões equatoriais?

b) Justifique as características pluviométricas dessas regiões, em função do movimento do ar.

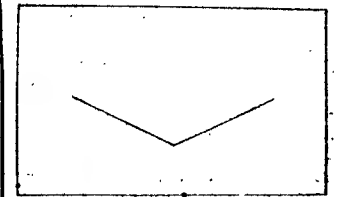
c) Caracterize as mesmas regiões quanto à pressão atmosférica.

3 — A figura 2 representa uma discordância estratigráfica angular, muito característica das estruturas geológicas discordantes. Guiando-se pela figura, procure distinguir e explicar as diferentes fases da sua formação.



4 — Os blocos-diagramas A e B, da figura 3, representam dois episódios da luta travada por dois rios pela conquista da drenagem.

a) Que nome dá ao fenómeno esquematizado na figura?



5 — A figura 4 representa o perfil transversal esquemático de um vale fluvial «normal». Imagine que um glaciar substitua o rio, em consequência de uma glaciação.

a) Desenhe o perfil transversal do vale glaciário resultante.

b) Que nome dá a parte das antigas vertentes do vale fluvial que não foram modificadas pela erosão glaciária? Indique-as no esquema que fez.

c) Indique três vestígios diferentes da acção modeladora de glaciares na serra da Estrela.

6 — Uma das marcas deixadas pela acção do Homem na superfície terrestre e que mais caracterizam a paisagem humanizada é a casa de habitação.

a) Quanto à forma (ou plano), quais são os três tipos fundamentais de casa rural?

b) Relacione as características e funções de cada um desses tipos com o regime agrícola.

II

Desenvolva um, mas só um, dos temas a seguir indicados, orientando a sua exposição pelas respectivas alíneas:

A — O Nordeste transmontano e a sua população.

a) Caracteres geológicos e climáticos da região.

b) A actividade humana.

c) A densidade populacional e o problema da emigração.

B — A Província Ultramarina de S. Tomé e Príncipe.

a) Situação geográfica e caracteres geológicos e morfológicos.

b) Caracteres climáticos e factores que os condicionam.

c) Agricultura e sua organização.

CICLO PREPARATÓRIO

Prova escrita de Língua Portuguesa

TEXTO

Certa vez meu Pai, que ia ao Porto, prometeu que, de volta, me traria um brinquedo. Claro que mal dormi nessa noite! Ainda as estrelas piscavam no céu, já eu atirava a casa:

— Pai, não se esqueça, ouviu?

(Continua na página seguinte)

Liceu—Institutos

CICLO PREPARATÓRIO

ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 805504

EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (fte. à Igreja de Benfica) — Tel. 706974

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

ESTALAGEM DE LUSO TERMAS DO LUSO

MOBILADA ESTILO SÉC. XIX

TODOS OS QUARTOS COM BANHO

Situação magnífica dentro de Jardim Privativo e a 2 km da maravilhosa floresta do Buçaco

Para Reservas — Telef. 031-93114

LICEU

NOCTURNO

Ensino Audio-Visual

EXTERNATO

PAULO DIAS

R. TEN. FERREIRA

DURÃO, 37-3.º

65 43 04

EM CAMPO
DE OURIQUE

os exames do ciclo preparatório

(Continuação da pág. anterior)

Claro que ouviu, mas tentava fazer de surdo.

— Pai, Pai, o que o presente do Porto...

Igualmente meu Pai não olhava nada, tão negro era ainda o lusco-fusco. Até que, finalmente, respondeu á minha gritaria:

— Dorme, descansa, eu não me esqueço!

Voltou à noite com um pão enorme, colorido às riscas, com pança maior que a de um barril. Movido pela corda que lhe enrolei, redopiava no chão como uma bailarina doida. Tanto dava duas voltas e caía para o lado, cansado e aos tropeções, como dançava, piruetava e adormecia num sono que parecia não ter fim...

Como eu o olhava extasiado! Era meu aquele pão!... E nessa noite adormeci, com ele apertado na mão, encantado e feliz...

Agulino Ribeiro
(Adaptado)

1. O rapazinho mal dormiu naquela noite.

a) Porquê?
b) Transcreve uma frase do texto que reforce esta afirmação.

2. «Pai, Pai, olhe o presente do Porto...»

a) Supõe que o rapazinho tratava o pai por tu. Como construirias a frase?
b) Que forma verbal empregaste?

II

1. O pão tinha uma pança maior que a de um barril.

a) Que comparação se faz aqui?
b) Esta comparação estará de acordo com a realidade? Justifica.

c) Que pretenderá, então, com ela o autor?

2. A criança parece ver o pão como se fosse um ser vivo.

Transcreve duas expressões do texto que provem esta afirmação.

3. «... e adormecia num sono que parecia não ter fim...»

a) Qual é o sujeito da primeira oração?

b) Na segunda oração, o pronome que está em vez de outra palavra?

Qual é essa palavra?

c) Classifica a oração introduzida por esse pronome.

III

1. «... E nessa noite adormeci, com ele apertado na mão, encantado e feliz...»

a) Que estado de espírito revela esta frase?

b) Classifica, morfológicamente a palavra encantado.

c) Escreve o superlativo absoluto sintético da palavra feliz.

2. No final do texto o autor afirma: «adormeci... encantado e feliz...»

Lembras-te de que no princípio declarara que mal dormia?

Qual o motivo desta mudança?

3. Agora, que já conheces bem o texto, diz em quantas partes o poderias dividir e exprime, por uma pequena frase, o assunto de cada uma delas.

IV

Redacção

Tal como o menino do texto, também tu já realizaste ou gostarias que se viesse a realizar algum desejo. Conta como ele se tornou possível ou então como esperas alcançar o que pretendes.

SOLUÇÃO

1. a) Porque seu pai lhe prometera trazer um brinquedo do Porto e temia que, por esquecimento, não cumprisse o seu prometimento.

A ansiedade de o possuir excitava-o e não podia conciliar o sono.

b) As estrelas piscavam no céu...

2. a) Pai, Pai, olha o presente do Porto.

b) Imperativo

II

1. a) Estabelece-se a comparação entre a forma do pão e a do barril, estabelecendo-se, também, uma relação de volumes.

b) Não. Entre os dois objectos não há relação de grandeza, de utilidade ou mesmo de forma que justifique o termo de comparação.

c) Dar uma noção de grandeza quanto ao tamanho do pão. Era um pão grande.

2. «... adormecia como uma bailarina...» e «... adormecia num sono...», além de outras.

3. a) Sujeito — ele (subentendido o pão).

b) Sono.

c) Subordinada relativa

III

1. a) De felicidade e alegria pela posse do ambicionado brinquedo. De encantamento pela prenda recebida.

b) Adjectivo biforme.

c) Felicitíssimo.

2. No princípio do texto o autor descreve-nos um estado de espírito em que é a ansiedade que o domina: no final, concretizado, o desejo de possuir o brinquedo, sente-se possuído por uma euforia, por uma satisfação, que lhe trazem felicidade.

A concretização da promessa do pai foi, portanto, o motivo da mudança entre os dois estados de espírito.

3. Em duas.

A expectativa e ansiedade pela satisfação de uma promessa... (Até: não me esqueço...)

A alegria da posse e a concretização de um desejo... (Até final).

Prova escrita de História e Geografia de Portugal

longo dos séculos como se fosse um grande e maravilhoso filme.

Repara, bem em algumas imagens desse filme que a seguir te apresentamos.

Agora, que já observaste bem as imagens, procura responder a cada uma das seguintes perguntas:

1 — A que época histórica diz respeito cada uma das imagens?

2 — Os homens que construíram o monumento que vês na 1.ª imagem viveram no nosso território.

a) Como se vestiam?

b) Como se abrigavam?

c) De que se alimentavam?

3 — Além da arte, que mais nos deixou o povo que construiu o templo representado na 2.ª imagem?

4 — Os monges do mosteiro de Alcobaca, além da oração, dedicaram-se ao ensino. Que escolas havia nesse tempo?

5 — Esses mesmos monges também se dedicaram à agricultura. Que fizeram os reis da 1.ª dinastia para desenvolver a agricultura?

6 — Como sabes, a agricultura depende das condições do clima das diferentes partes do nosso território. Indica uma produção agrícola que se dê, de preferência, em cada uma das seguintes províncias: Beira Alta — Algarve — S. Tomé — Timor.

7 — Foi um navio, como o que te é apresentado na imagem n.º 4, que passou além do cabo Bojador. Que importância teve tão grande feito?

8 — Porque consideramos a acção dos Portugueses nos Descobrimentos digna da maior admiração de todos os outros povos do mundo?

9 — Como resultado dos nossos descobrimentos, grandes foram as vantagens para todos.

Que aprenderam connosco os povos desconhecidos?

10 — A imagem n.º 5 representa o convento de Mafra. Para a construção de tão grandioso monumento foi preciso muito dinheiro.

De onde veio esse dinheiro?

11 — A imagem n.º 6 mostra uma das grandes obras que os Portugueses de hoje realizaram. Para que servem obras de tão grande importância como esta?

12 — A imagem n.º 7 lembra-te um grande aeroporto português. Diz o que sabes sobre a importância que os transportes aéreos, e os transportes em geral, têm no desenvolvimento e união de to-

das as províncias do Mundo Português

SOLUÇÃO

1 — Período Paleolítico. 2 — Dominação Romana na Península. 3 — Fundação da Nacionalidade. 4 — Época dos Descobrimentos. 5 — Reinado de D. João V. 6 — Governo da República Portuguesa; Estado Novo. 7 — Época dos nossos dias ou Época Actual.

2 —

a) Principalmente com a pele dos animais que caçavam.

b) Procuravam as grutas naturais, cavadas nas rochas. Mais tarde construíram as antas e as habitações palafitas.

c) Procuravam os alimentos essencialmente na caça e nos frutos silvestres que encontravam. Se escasseava a caça ou não encontravam frutos, socorriam-se de caules tenros e ervas. Mais tarde, estes homens primitivos aprenderam a pescar e a pesca foi, ainda que rudimentar, mais uma das suas fontes de alimentos.

3 — Os Romanos, além da arte, legaram aos povos da Península: as suas leis, os seus usos, a sua literatura, a ciência e a técnica.

O «latim», que falavam, divulgou-se por toda a Península e deu origem à nossa língua: o português.

4 — Escolas Monásticas ou Conventuais para os que se dedicavam à vida religiosa. Escolas Catedrais ou Episcopais que, fundadas pelos bispos nas dioceses das cidades, admitiam não só membros do clero, mas também outras pessoas. Mais tarde, tanto as escolas monásticas como catedrais passaram a estar abertas para todos os que procuravam instruir-se.

5 — O desenvolvimento da agricultura, além de uma necessidade natural de subsistência, ficou-se devendo, também, à necessidade de povoar o território, após as conquistas feitas aos mouros. Ao concederem os forais, os reis da primeira dinastia concediam regalias especiais na exploração dos terrenos conquistados. Mais tarde, D. Dinis, verificando a escassez de cereais, mandou cultivar cuidadosamente as suas terras e incitou os nobres e o clero a proceder do mesmo modo. D. Fernando, para protecção à agricultura, publicou a Lei das Sesmarias.

6 — Beira Alta — fígios e amêndoas; Algarve — fígios e amêndoas;

S. Tomé — cacau; Timor — café.

7 — Vencida a lenda do Mar Tenebroso, a exploração das terras situadas para além do Bojador começou a ser feita mais intensamente, pois que as caravelas sulcavam os mares já sem receio das velhas lendas. O caminho dos descobrimentos pode dizer-se ficava desimpedido.

8 — Porque os descobrimentos dos portugueses deram a conhecer aos restantes povos todo o mundo desconhecido, levando as populações mais atrasadas os benefícios da civilização e trazendo aos povos mais civilizados possibilidades de comércio, de expansão religiosa, de exploração científica que, até aí, lhes estavam vedadas.

9 — Aprenderam a fé cristã, a exploração racional e mais rentável dos seus terrenos, a exploração de minas, a nossa língua e costumes, enfim, toda a nossa civilização.

10 — Das minas de ouro descobertas no Brasil de que o rei D. João V recebia avultada percentagem. Também, para essa construção, contribuiu a expansão dos Vinhos do Porto que trouxe maior rendimento à coroa.

11 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

12 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

S. Tomé — cacau; Timor — café.

7 — Vencida a lenda do Mar Tenebroso, a exploração das terras situadas para além do Bojador começou a ser feita mais intensamente, pois que as caravelas sulcavam os mares já sem receio das velhas lendas. O caminho dos descobrimentos pode dizer-se ficava desimpedido.

8 — Porque os descobrimentos dos portugueses deram a conhecer aos restantes povos todo o mundo desconhecido, levando as populações mais atrasadas os benefícios da civilização e trazendo aos povos mais civilizados possibilidades de comércio, de expansão religiosa, de exploração científica que, até aí, lhes estavam vedadas.

9 — Aprenderam a fé cristã, a exploração racional e mais rentável dos seus terrenos, a exploração de minas, a nossa língua e costumes, enfim, toda a nossa civilização.

10 — Das minas de ouro descobertas no Brasil de que o rei D. João V recebia avultada percentagem. Também, para essa construção, contribuiu a expansão dos Vinhos do Porto que trouxe maior rendimento à coroa.

11 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

12 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

13 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

14 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

15 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

16 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

17 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

18 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

19 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

20 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

21 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

22 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

23 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

24 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

25 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

26 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

27 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

28 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

29 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

30 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

31 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

32 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

33 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

34 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

35 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

36 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

37 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

38 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

39 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

40 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

41 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

42 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

43 — As barragens são valiosas fontes de riqueza, pois nela se produz uma das energias mais utilizadas nos tempos modernos: a energia eléctrica. As suas águas, com possibilidades de serem dirigidas, vão ainda irrigar campos onde a sua falta se fazia sentir, tornando-os mais produtivos.

44 — Os meios de transporte, quer os de via terrestre, como os da aérea ou marítima, têm grande importância no desenvolvimento das regiões, pois garantem a troca de produtos, assegurando um maior desenvolvimento comercial. No transporte de passageiros garantem a deslocação das populações de umas para outras regiões e, assim, uma maior divulgação de cultura.

Sá de Miranda

ENSINO PRIMÁRIO —
CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

EXTERNATO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 1.º, 2.º e 3.º CICLOS

DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções

Semi-internato — transporte

Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) Tel. 722461 - Lisboa

LICENCIADO EM FINANÇAS

DU FINALISTA DO CURSO DE FINANÇAS
DO I. S. C. E. F.

PARA GRANDE COMPANHIA DE SEGUROS
EM LISBOA

OFERECEMOS

★ Carreira de excelentes perspectivas
★ Integração nos quadros superiores de Empresa

EXIGIMOS

★ Sexo masculino
★ Situação militar resolvida
★ Idade não superior a trinta anos

Resposta a este jornal ao n.º 522.

EXTERNATO DE ALVALADE

PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO

Telef. 771965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 — Campo Pequeno

CONSTELLATION

OMEGA

apresentado no

AGÊNCIA OFICIAL

TORRES

Joalheiros

Rua Áurea, 253
LISBOA

ELA NÃO CONHECE UTILMÓVEL

mas adora as máquinas

FAEMA

Ela não precisa de conhecer a UTILMÓVEL para adorar as máquinas FAEMA que fazem tão bom café! Mas para si que vende esse café tão bom é importante saber que a FAEMA é representada em Portugal pela UTILMÓVEL. Visite a UTILMÓVEL e verá outros equipamentos para todo o comércio alimentar, auto-serviço, café, bar e hotelaria; uma gama completa de móveis úteis para o seu

negócio, móveis e máquinas que vendem por si.

VISITE NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA O STAND DA UTILMÓVEL (PAVILHÃO "E")



UTILMÓVEL
MÓVEIS E EQUIPAMENTOS ÚTEIS PARA O SEU NEGÓCIO
uma organização ao serviço da hotelaria e do comércio alimentar

A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

(Continuação da pág. central)

o corte de tecido, oferta da qual a empresa. Foi vencedora Clarisse Valder rabano Quadros, recebendo o respectivo prémio das mãos da sr.ª D. Maria Amélia Brandão de Carvalho, directora de modas

«WHISKY» VELHO PARA JOVENS

O numeroso público presente ao «cocktail» para a proclamação da Princesa das «Teen-Agers» de 1970 era predominantemente jovem. Até a grande maioria das mões das concorrentes passava quase por «teen-agers». Tudo era novo!

Velho mesmo, naquele salão do Hotel Tivoli, só os «whiskys» «Chivas» e «100 Pipers» que a firma Macleira, representante em Portugal da Seagram's, ofereceu para ser servido durante o «cocktail».

O «Chivas 12 anos» era o mais velho mas não desfilou na «passarelle». Falava-lhe um ano para ser «teen». Desfilou apenas nos copos dos convidadas, acompanhado do «100 Pipers» e foram ambos tão apreciados como as concorrentes

de Bayer Portugal. Clarisse enviava um vestido novo com flores brancas. Esta primeira apresentação das dez finalistas do Concurso das «Teen-Agers» provocou a mais viva surpresa entre os convidados. E o mesmo pode dizer-se em relação ao juri, que foi igualmente surpreendido pela beleza e juventude contagiante de um grupo de raparigas bem representativas da nova personalidade da mulher portuguesa.

Meta hora, depois realizou-se o segundo desfile para atribuir o Prémio Bayer de Elegância, destinado também à concorrente que melhor soubesse aproveitar um corte de Dralon «unprimé», oferta das fibras Bayer. De novo o bom gosto geral se manifestou numa diversidade de modelos perfeitamente adaptados ao tipo físico de cada uma das «teen-agers». O júri votou em Maria Rita Almeida Ribeiro, que vestia um elegante conjunto formado por saia «midia», blusa preta e meias pretas. O prémio foi-lhe entregue pelo sr. Salgado Guimarães, adjunto da administração da Bayer, no Porto.

«SUSPENSE». PALMAS. FELICITAÇÕES.

Finalmente, chegou o momento culminante da eleição. O ambiente agradável que se vivia afastou o natural nervosismo das concorrentes. Rolo Duarte, falou em nome do júri, e salientou o êxito desta iniciativa do «Diário de Lisboa». Depois, para tornar menos densa a expectativa, deu algumas preciosas «informações» aos «teen-agers» masculinos que rondavam as concorrentes. Estes ficaram a saber que, no conjunto das dez, a maioria «prefere» Omar Shariff, fazer ovos estrelados e todas gostam de lagostas.

El concluiu: — Tivemos muita dificuldade na escolha, pois o nível das concorrentes é verdadeiramente excepcional.

Seguiu-se o último desfile, envergando todas as finalistas vestidos de corte igual, feitos em malha Dralon. Antes de proclamar a vencedo-

ra, Jaime Mourão Ferreira, em nome do «Diário de Lisboa», da Bayer e da Alitália, agradeceu as finnas que colaboraram no Concurso, salientando:

— Creio que nunca se conseguiu reunir em Portugal um grupo de tão elevado nível, quer sob o ponto de vista de presença física, quer cultural, não só no Concurso das «Teen-Agers» como noutros. Damos os nossos parabéns às dez finalistas e desejamos que, quando mais tarde recordarem os tempos de «teen-agers», possam recordar que foram dignas representantes da mulher portuguesa.

A seguir, perante a expectativa geral, anunciou as classificações atribuídas pelo júri: 3.º lugar ex aequo para Laura Serra Coelho, Maria Rita Almeida Ribeiro e Isabel Winter; segundo lugar para Ana Margarida Barreto; e, finalmente, Vera Maria Crato Ferreira de Castro, como Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas-1970. Os convidados aplaudiram, enquanto Olga Pinho Morgado, Princesa das «Teen-Agers» do ano passado, colocava a faixa na vencedora. Entre as concorrentes não houve um só gesto de decepção. Todas aplaudiram também e felicitaram a vencedora, mantendo o mesmo sorriso feliz e jovem. Até na maneira como encaram o resultado final, foram excepcionais e revelaram pertencer a uma geração que marcou já uma fronteira bem definida de concepções e mentalidade.

AUGUSTO VILELA

O PRÉMIO DE ESTÉTICA FEMININA

No ambiente festivo e galante da eleição da Princesa das «Teen-Agers» algo de novo surgiu este ano para tornar o concurso ainda mais aliciente: a atribuição do Prémio de Estética Feminina.

Numa apreciação a esta iniciativa, D. Maria de Lourdes Sousa e Silva, directora do Centro de Estética Feminina, a cuja personalidade dinâmica se deve um trabalho construtivo de longa data dedicado à promoção da mulher e bem assim da juventude, disse-nos:

— Era justo que mais entidades responsáveis viessem compensar a confiança que tantas jovens deram a este concurso superiormente organizado pelo «Diário de Lisboa», com o patrocínio da importante firma Bayer.

Assim, além da simpática adesão da Alitália, o Centro de Estética Feminina que desde o primeiro ano tem tido a honra de pertencer ao júri desta eleição, sentiu que não seria de mais aumentar os alicientes prémios deste magnífico concurso.

O prémio, no valor de 5000\$00, é acompanhado pela figura simbólica «Nascimento de Vénus», e retrato flagrante de uma «teen-ager», constituindo a parte artística e evocativa desta festa, o que muito alegrará a «corrente» juvenil da Princesa «Teen-Ager» que foi eleita.



MAIORES DE 17 ANOS — AMBIENTE SELECIONADO

MÁRIO SIMÕES

E O SEU CONJUNTO na «BOITE»

HIPOPÓTAMO

SERVIÇO DE CEIAS

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384
AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR N.º 3
ABERTO DAS 22 AS 5 H. (Fechado aos domingos)

ANDAR PRÓX. DA PRAÇA DO CHILE

Em prédio de construção cimento armado, bons acabamentos, composto 6 div. soalhadas, cozinha, 3 casas de banho, despensa, marquise, grande hall, garagem, arrecadação.

Preço — 1400 contos.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rosário, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5/6 - 32 82 32/3 - 36 17 56

O PRIMEIRO LUGAR NAS EXPORTAÇÕES: MADEIRA E PRODUTOS DERIVADOS

ACTUALIDADE RELIGIOSA

• A FAO realiza em Lisboa de 29 de Junho a 3 de Julho um colóquio internacional sobre a produção e utilização internacional do eucalipto

No conjunto das exportações de Portugal destacam-se de forma especial a expansão das exportações de pasta para o fabrico de papel com um aumento de 73 por cento em 1968 relativamente ao ano anterior, tendo atingido cerca de 1 200 000 contos em 1969. No mesmo ano, as madeiras e produtos derivados excederam 1 700 000 contos, surgindo em primeiro lugar no conjunto das exportações metropolitanas. Para que esse interesse e essa expansão se mantenham e desenvolvam há, porém, que intensificar a florestação o que não tem acontecido. A expansão da nossa indústria continua, assim, a ter neste domínio um dos mais graves obstáculos, apesar de toda a aptidão natural do País para a produção florestal.

Estes dados foram esta manhã revelados numa reunião com os jornalistas, na qual foi anunciada a realização em Lisboa de 29 de Junho a 3 de Julho de um colóquio internacional sobre a produção e utilização industrial do eucalipto.

Esse colóquio é organizado pelo «comité» de madeiras

O CHEFE DO ESTADO VISITOU A F. I. L. PELA SEGUNDA VEZ

Acompanhado pelo subsecretário de Estado do Tesouro, e pelo director do I. N. I. L., o presidente Américo Thomaz visitou esta manhã pela 2.ª vez os pavilhões dos vários expositores na F. I. L.

Nos pavilhões de empreendimentos de J. Pimenta S. A. R. L.

O Chefe do Estado, acompanhado pela sua comitiva, visitou também, com muito interesse, os pavilhões de J. Pimenta, S. A. R. L., que apresentam aspecto deslumbrante, sintetizando a variedade de realizações daquela importante empresa, em especial no sector de construção civil através da venda e aluguer de propriedades.

O sr. Presidente da República, que foi recebido pelo industrial J. Pimenta, tomou conhecimento da inauguração (ainda este mês) do Bairro Joaquim Matias, em Paço de Arcos, e, ainda, de diversos Hotéis-Apartamentos destinados exclusivamente ao turismo médio e que se situam a uma escassa centena de metros da praia.

Por último, o sr. almirante Américo Thomaz, apreciou os magníficos apartamentos em construção no Alto da Pampilheira (em Cascais) que lhe mereceram palavras de louvor para a obra de J. Pimenta.

da comissão económica para a Europa da F. A. O., de colaboração com a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, em estreita ligação com a indústria através da secção de celulose e aglomerados de madeira da Associação Industrial Portuguesa. Além de Portugal, participam no colóquio os seguintes países: Argentina, Brasil, Espanha, Estados Unidos da América, Finlândia, França, Inglaterra, Itália, Japão, Marrocos, Noruega e Suécia.

A iniciativa desta reunião internacional reveste-se da maior importância para o nosso País pois Portugal tem agora a sua grande oportunidade no mercado das pastas celulósicas de eucalipto, cada vez mais procuradas. Basta dizer-se que, mercê de satisfatórias condições climáticas, se pode fazer em nove meses, uma floresta de eucalipto no nosso País, motivo pelo qual se torna imperioso intensificar a florestação. Caso, contrário, e como o eucalipto cresce ainda mais depressa nos países tropicais, Portugal arriscar-se-á a ver a indústria de celulose, a partir dessas espécies, passar a ser dominada por países sul-africanos ou sul-americanos.

Preside à sessão inaugural o secretário de Estado da Agricultura

As sessões de trabalhos do Colóquio, realizar-se-ão no Palácio Foz. A sessão inaugural efectuar-se-á às 9 e 30 de Junho, sob a presidência do secretário de Estado da Agricultura.

Antes do Colóquio Internacional sobre a Produção e Utilização Industrial do Eucalipto, realizar-se-á, também em Lisboa, no Hotel Tivoli, de 22 a 24 do corrente, a assembleia anual da Federação

Europeia dos Industriais dos Aglomerados de Madeira. Estarão presentes representantes dos seguintes países: Alemanha, Austria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Noruega, Portugal, Suécia, Suíça e pela primeira vez do Canadá.

A reunião com os representantes da Imprensa desta manhã efectuou-se no Hotel Tivoli, estando presentes o sr. eng.º Manuel Ferrelinha, da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas e, pela secção de celulose e aglomerados de madeira da

Associação Industrial Portuguesa a sr.ª dr.ª Sara Cabral e o sr. eng.º Rui Sanches.

Durante o diálogo estabelecido, abordaram-se vários aspectos relacionados com o atraso no fornecimento de créditos de florestação, o problema dos preços e os incêndios, como causas mais ou menos importantes da falta de cumprimento dos objectivos do Plano de Fomento neste domínio.

Foi ainda revelado que, no dia 25 do corrente, haverá em Lisboa outra reunião internacional: a da Federação dos Industriais de Contraplacados, em que Portugal não está ainda representado.

A IGREJA PAROQUIAL DO CORAÇÃO DE JESUS CUIA 1. FASE É HOJE INAUGURADA

Fica hoje aberta ao culto, depois de inaugurada pelo sr. cardeal-patriarca de Lisboa, a nova igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus, 4 Rua Camilo Castelo Branco. O prelado, assistido por arias dignidades eclesiásticas e civis, procede à b

va casa do culto e á sagração do seu altar.

Trata-se, com efeito, do templo paroquial de Lisboa do século XX que é construído segundo todas as técnicas e exigências da construção pública moderna. Obra que deve custar cerca de 40 mil contos, deles se encontrando realizados 14 000, espera-se da generosidade e boa vontade de muitos, o que vai faltar para cobrir os encargos. Além dos 4000 contos de participação do Estado pelo Fundo de Desemprego, e do produto da venda do terreno da velha igreja paroquial na Rua de Santa Marta, ainda faltarão cerca de 20 por cento da soma total.

O terreno, adquirido em 1956, representa um encargo de 7000 contos, dos quais apenas 1000 foram saldados. A verba restante foi conseguida à custa de dois empréstimos bancários: 5000 contos do Banco Nacional Ultramarino e 1000 do Banco Espírito Santo.

A projecto, adjudicado por concurso precedido de um curso de arte sacra em 1959, é da autoria dos arquitectos Nuno Portas e Nuno Teófilo Pereira; e dos engenheiros Rui Júdice Gamito e João Lobo Fialho, e foi coadjuvado e acompanhado na sua execução por mais nove arquitectos, dois engenheiros e 4 técnicos (liturgia, iluminação, ventilação, aquecimento acústico e som).

A inauguração de hoje refere-se à 1.ª fase das obras: templo com capacidade para 3000 pessoas, salão paroquial com capacidade para 1000 pessoas e, ainda, capelas funerárias, vestíbulo e cartório.

Partiu para Espanha o eng.º Rogério Martins

A convite do Instituto de Estudos Superiores de Empresas da Universidade de Navarra, partiu para Barcelona o eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria.

O eng.º Rogério Martins vai assistir à cerimónia da graduação dos novos licenciados daquele instituto.

No aeroporto teve afectuosa despedida por parte de pessoas de família e outras personalidades.

DOCTORAMENTO PELA FACULDADE DE CIÊNCIAS

PORTO, 19 — Na Faculdade de Ciências terminaram ao princípio da tarde, as provas de doutoramento em Física, prestadas pelo sr. dr. João António de Bessa Meneses e Sousa, que foi aprovado por vinte valores.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	ctos	Compras	Vendas	ctos	Compras	Vendas
Consolidado 2 3/4% ...	506\$	—	506\$	Buz	88\$	87\$5
Consolidado 3% ...	516\$	—	516\$	Cabinda	227\$	227\$
Consolidado 3 1/2% ...	612\$	—	612\$	Diamantes Angola	2 970\$	2 960\$
Centenários 4% ...	1 480\$	—	1 480\$	H E Revul	—	730\$
Obrigações Tesouro 5% ...	—	—	1 000\$	Moçambique	201\$	200\$
Externo 1.ª Série ...	—	630\$	—	Sonete n	—	465\$
Externo 1.ª Série c ...	—	725\$	—	Sonete p	—	470\$
Externo 2.ª Série ...	—	800\$	820\$	Zambézia	—	83\$
Externo 3.ª Série ...	—	800\$	840\$			
Cautelas 3.ª Série ...	—	—	90\$			
OBRIGAÇÕES						
Agua Lisboa 5% ...	900\$	475\$	905\$	Diversos	6 900\$	6 850\$
A P T 5% 56 ...	—	905\$	—	Cdm Lisboa	—	7 000\$
A P T 5% 58 ...	—	—	905\$	Cdm Tejo	—	1 550\$
A P T 5% 65 ...	—	—	905\$	Col Navegação	—	900\$
A P T 5% 67 ...	—	—	1 000\$	C U P	—	4 450\$
C U F 6% 68 ...	—	940\$	945\$	Ind Alentejo	—	1 880\$
C U F 6% 68 ...	—	955\$	—	Nac Navegação	—	1 480\$
Gás Elect 4% 48 ...	—	800\$	—	Petroquímica	4 300\$	4 250\$
Gás Elect 4 1/2% 51 ...	—	870\$	—	Port e Colónias	—	1 050\$
Gás Elect 5% 52 ...	—	830\$	850\$	Port Celulose	720\$	720\$
Gás Elect 5% 58 ...	—	830\$	—	Port Pesca	—	—
Gás Elect 5% 59 ...	—	—	—	Port Tabacos	2 210\$	2 200\$
Gás Elect 5% 62 ...	—	—	—	Sacer	2 300\$	3 300\$
Gás Elect 5% 68 ...	—	900\$	—	Siderurgia Nac	3 300\$	3 300\$
Gás Elect 5% 68 ...	—	900\$	—	Socel	3 300\$	3 300\$
Gás Elect 5% 65 ...	—	900\$	—	Tabacos de Portugal	—	1 050\$
Gás Elect 5% 67 ...	—	950\$	950\$	Tabaqueira	820\$	820\$
H E A Alentejo 5% ...	—	825\$	805\$	U F Azoto	—	—
H E Cávado 5% ...	—	925\$	—			
H E Cávado 6% ...	1 000\$	995\$	1 002\$			
H E Douro 5% ...	—	790\$	795\$			
H E Douro 6% ...	990\$	—	1 000\$			
H E Norte Port. 5% ...	—	860\$	—			
H E S Estrela 6% ...	—	1 000\$	1 005\$			
H E Zêzere 5% 57 ...	—	810\$	—			
H E Zêzere 5% 55 ...	—	—	—			
Lisboa 6% ...	—	950\$	980\$			
Metropolitano 4% ...	—	840\$	840\$			
Metropolitano 5 3/4% ...	—	965\$	975\$			
Moçambique 5% ...	—	800\$	800\$			
Nac Elect 5% ...	785\$	780\$	806\$			
Nitroto 5% ...	—	—	800\$			
Nitroto 5% 60 ...	—	865\$	865\$			
Petroquímica 5% ...	—	—	—			
Port Celul 5% ...	—	—	—			
Sacer 5% 54 ...	—	—	900\$			
Sacer 5% 60 ...	—	—	815\$			
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	—	810\$			
Siderurgia 5% 3.ª ...	—	—	—			
Siderurgia 5% 4.ª ...	—	800\$	800\$			
Sonete 5% ...	850\$	840\$	850\$			
T. A P 4% ...	—	—	800\$			
Termoelect. Port 5% ...	—	—	84\$			
U. E. P. 3 3/4% ...	—	89\$	90\$			
U. E. P. 4% ...	—	—	90\$			
U. E. P. 5% ...	—	—	810\$			
U. E. P. 5% 60 ...	—	840\$	—			
U. E. P. 5% 63 ...	—	—	—			

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 666666/7

Telex: ALMEIRO — Telex: 47 ALBAP P

ACCÕES	ctos	Compras	Vendas
Agropecuária	2 347\$	2 345\$	2 350\$
Alentejo	1 126\$	1 127\$	1 127\$
Angola	—	3 750\$	3 880\$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	8 700\$	8 700\$	8 750\$
E. Santo	21 750\$	21 600\$	21 800\$
E. Santo S.	—	—	—
Fonseca S.	—	—	—
Fomento	2 450\$	2 440\$	2 490\$
L. G. Açores p.	7 000\$	6 980\$	7 050\$
L. G. Açores n.	—	5 860\$	5 900\$
P. Atlântico p.	—	3 050\$	3 080\$
Portugal n.	—	3 980\$	3 980\$
Portugal p.	—	6 150\$	6 300\$
Totta Alentejo	—	3 670\$	3 680\$
Ultramarino n.	3 670\$	3 660\$	3 680\$
Ultramarino p.	4 020\$	4 020\$	4 055\$
Seguros			
Alentejo	133\$	132\$	134\$
Douro	—	880\$	880\$
Mundial	—	1 500\$	2 500\$
Sogres	—	95 000\$	65 000\$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Ag. de Angola	—	780\$	800\$
Ag. Cascais	685\$	680\$	690\$
Ag. Incomat	—	—	—
Ag. Neves	—	—	290\$
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	120\$	20\$
Boror	—	—	—

INDICE BORGES & IRMAO

(TOTAL DAS ACÇÕES B. & I. em 1969)

GERAL	12/6/70	18/6/70	19/6/70
METROPOL.	157,7	157,9	158,3
ULTRAM.	148,1	147,4	147,6
	227,7	234,6	236,7

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Randa	36 900	38 900
América:		
— Dólares, de 1 a 2	28 910	28 960
— Dólares de 5 a 1000	28 940	28 980
Canadá — Dólares	26 980	27 940
Argentina — Marco	7 970	8 900
Argentina — Peso	306	309
Austria — Schilling	1 088	1 115
Brasil — Cruzeiro	4 980	6 980
Espanha — Peseta	940,5	942,0
Francia — Franco	7 975	8 005
Holanda — Florim	68 900	70 900
Inglaterra — Libra	904,4	904,7
Itália — Lira	955	958
Bélgica — Franco	4 990	5 930
Francia — Franco	6 960	6 980
Suiza — Franco	4 980	5 940
Marrocos — Dirhan	3 965	3 995
Dinamarca — Coroa	3 985	4 915
Noruega — Coroa	5 935	5 965
Suécia — Coroa	—	—
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300 900	320 900
Inglaterra — 1/2 Libra	290 900	310 900
Ouro fino — Barra	35 900	37 900

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

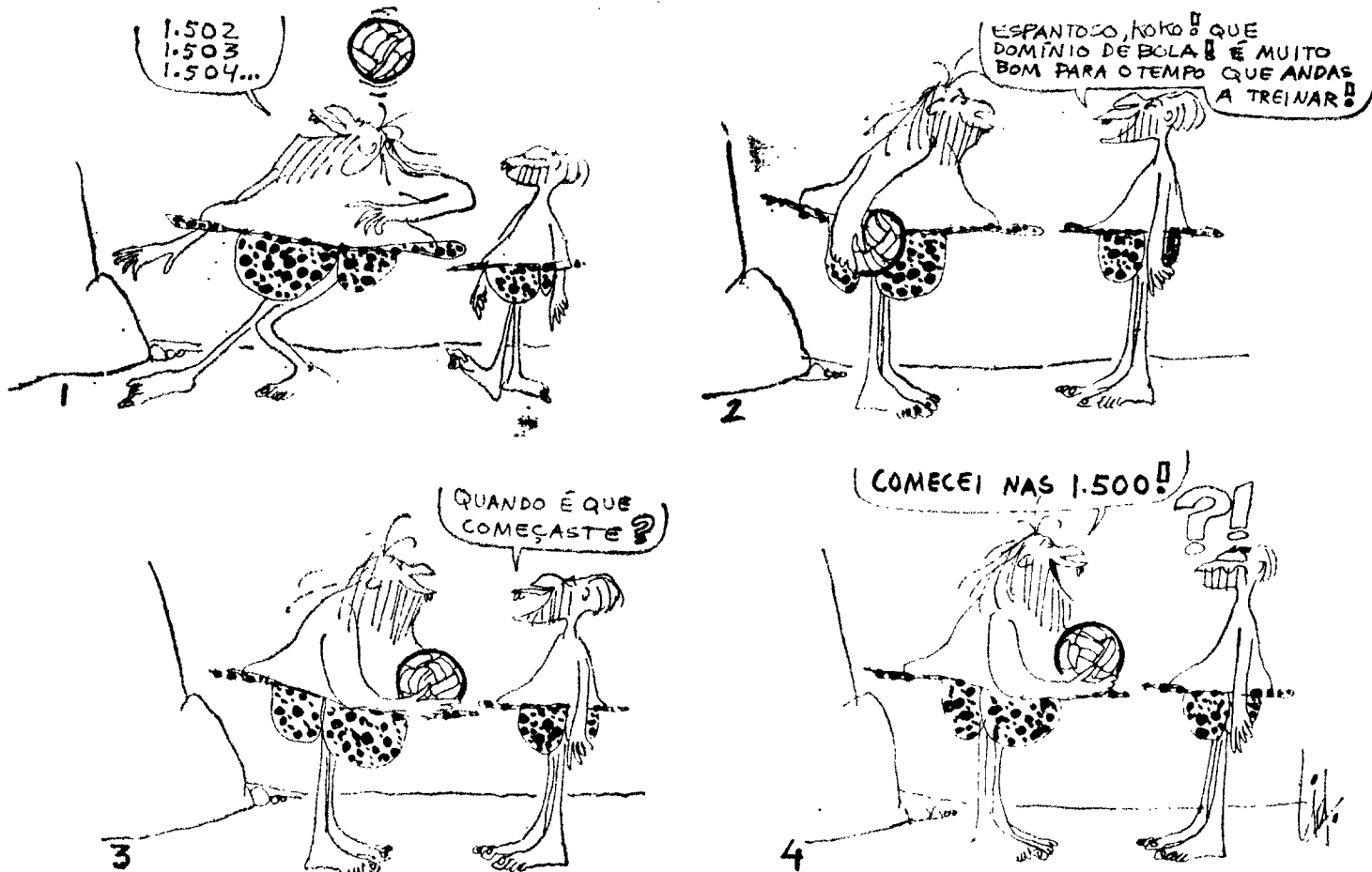
Quatro sinistrados na explosão de um gasómetro

Quatro tripulantes de uma draga da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, atracada na doca de Santo Amaro, sofreram queimaduras quando esta manhã um gasómetro explodiu a bordo da embarcação.

São eles os srs. António José, de 51 anos, maquinista, residente na Encosta de S. Vicente, Torres Vedras; Walter Manuel Pacheco da Paixão, de 20, fogueiro, Bairro dos Pescadores, Portimão; Francisco Moreira Carvalho, de 72, maquinista, Travessa Arthur Lamas, 19-2.º esq.; e Manuel Justiniano Salvador, de 34, marítimo, de Santo Estêvão, Tavira.

Transportados ao Hospital de S. José, os dois primeiros ficaram ali internados e os restantes regressaram a casa, após terem recebido tratamento.

koko



2.º

caderno

Grupo de Estudos de História Marítima

O comodoro Alves dos Santos Júnior fez o elogio histórico do investigador Frazão de Vasconcelos da última reunião do Grupo de Estudos de História Marítima. Presidiu o alm. Sarmiento Rodrigues, que na qualidade de presidente deu conhecimento de várias correspondências de interesse para o Grupo e, depois, referiu-se ao falecimento recente de Frazão de Vasconcelos que foi membro do G. E. H. M. Falou, a seguir, o comodoro Alves dos Santos Júnior que traçou o perfil biográfico daquele investigador.

Na mesma reunião, o dr. Alberto Iria apresentou uma comunicação sobre «Caíques do Algarve no Sul de Angola — Novos subsídios para o estudo da arqueologia naval portuguesa».

QUATRO ANOS DEPOIS

REUNIDA PELA PRIMEIRA VEZ A COMISSÃO MISTA DO ACORDO CULTURAL LUSO-ALEMÃO

Matérias de grande importância para as relações culturais luso-alemãs estão a ser analisadas pela comissão mista nomeada para estudo e aplicação do acordo cultural assinado em 18 de Fevereiro de 1966, no decurso de uma reunião de três dias, ontem iniciada no Instituto de Alta Cultura.

É a primeira vez que a comissão se reúne, figurando, entre as matérias em estudo, as que se referem a institutos

culturais, intercâmbio de professores, cientistas, artistas e estudantes, visitas de estudo e de informação, equivalência de diplomas, bolsas de estudo, expansão da Língua e cultura portuguesas na Alemanha e da Língua e cultura alemãs em Portugal e actividades culturais diversas.

O acordo cultural luso-alemão é um dos seis até hoje celebrados pelo Governo português com os de outros países, sendo os restantes firmados com o Brasil, a Espanha, a Bélgica, a Inglaterra e, ainda, há poucos dias, a França.

Preside aos trabalhos, o prof. Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura.

A delegação portuguesa é chefiada pelo dr. Coelho Lopes, adjunto do director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e constituída ainda pelos srs. prof. dr. Manuel de Paiva Boléo, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e dr. Costa Miranda, secretário do Instituto de Alta Cultura, e secretariado pelo dr. Santos Matos, secretário-adjunto do I. A. C.

Por seu turno, a delegação alemã é chefiada pelo sr. H. W. Forster, adjunto do director-geral do Departamento de Cultura do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha, e constituída ainda pelos srs. conselheiro Diehl, do Ministério da Educação do Norte-Westfália, prof. H. Flasche, director do Instituto de Investigação Ibero-Americano de Hamburgo, e dr. Johannes Schmidt, secretário da Embaixada da Alemanha.

Hoje ao princípio da tarde, o presidente da delegação portuguesa oferece um almoço em honra da delegação alemã.

ora diga-nos...

— Gosta de falar?

Falar: eis um hábito dos portugueses. Parecendo que não, fala-se muito entre nós. O que nem sempre quer dizer que se diga alguma coisa. Síntese popular: quem muito fala, pouco acerta.



• Etelvina Gonçalves
Lérias, empregada de limpeza, declara:

— Gosto de falar. Falo um bocadinho... Com as pessoas do trabalho. Sobre a casa, sobre os problemas do dia-a-dia, sobre o custo da vida. Até agora ainda não dei conta de falar de mais. Acho que falo o normal.



• Alfredo Mateus, empregado de comércio, confessa que gosta de falar:

— Gosto de falar, sim, senhor. Não sou das pessoas que falam mais, mas falo bastante. No emprego, é claro, tenho de estar calado. Falo muito é com a miúda. De quê? Ora, de tudo: da vida, da vida de hoje e da vida de amanhã...



• Finalmente, um súbdito britânico, padre John A. Flynn:

— Sim, gosto de falar. Quando a gente conhece as pessoas fala muito, quando não conhece, naturalmente, fala pouco. Estou em Portugal há 10 anos, e penso que os portugueses não falam de mais, como se diz às vezes. Pelo contrário, são muito simpáticos e naturais nas relações.

VIETNAME - CAMBOJA

Reportagem de Guerra de PAULO CARDOSO



EM produção e realização dos



PARODIANTE DE LISBOA

EM RÁDIO CLUB PORTUGUÊS

LOGO A PARTIR DA MEIA NOITE

PATROCÍNIO EXCLUSIVO

J. PIMENTA, S.A.R.L.

CONSTRUINDO AS CASAS DO FUTURO

ESQUENTADORES

DESDE 70\$00 MENSAIS

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

Av. 5 de Outubro n.º 53 - C — Telef. 535010 - 47769

FILIAIS: — CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA E

AGORA TAMBÉM NO LARGO DE D. ESTEFÂNIA N.º 12-D

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL

RUDI GLOECKNER (República Democrática da Alemanha) SERÁ O ÁRBITRO DA «FINAL»



AS EQUIPAS PARA A «FINAL»

CIDADE DO MEXICO, 19 — (A. N. I.) — Dos jogadores das duas equipas finalistas do campeonato mundial — Brasil e Itália — só um elemento se encontra lesionado, Domenghini, mas parece não haver dúvidas quanto a possibilidade de sua utilização, no domingo.

Ao que se afirma, as duas equipas vão alinhar exactamente como nas meias-finais. Assim sendo, teriam esta constituição:

BRASIL — Félix; Everaldo, Brito, Piazza e Carlos Alberto; Clodoaldo, Gerson e Rivelino; Jair, Pelé e Tostão.

ITALIA — Albertosi; Burginich, Facchetti, Cera e Rosato; Bertini, Mazzola e De Sisti; Domenghini, Bonisegna e Riva.

Prevê-se que Rivera, na segunda parte, substitua Mazzola, repetindo-se o que aconteceu nos quartos e nas meias-finais.

«Mundial» na TV — dia santo na prisão

TIXTLA (México), 19 — (F. P.) — Vinte e três prisioneiros, incluindo alguns condenados por assassinio ou tentativa de assassinio, fugiram, ontem, da prisão de Tixtla, enquanto os seus guardas acompanhavam a retransmissão das meias-finais do Campeonato do Mundo de Futebol pela televisão.

Foram ajudados por um dos guardas que lhes abriu as portas e fugiu com eles. Antes de deixarem a prisão, os evadidos apossaram-se de oito espingardas e de munições.

MÉXICO, 19 — (F. P.) — A Comissão de Arbitragem da F. I. F. A. escolheu Rudi Gloeckner (Alemanha de Leste) para arbitrar a final do Campeonato do Mundo entre a Itália e o Brasil. Gloeckner será assistido pelos juizes de linha Rudolf Scheurer (Suíça) e Angel Coerezza (Argentina). O juiz de linha de reserva é Vital Loraux (Bélgica).

Para o jogo de apuramento dos 3.º e 4.º lugares, entre a Alemanha e o Uruguai, o árbitro será Antonio Sbardella (Itália) e os juizes de linha Drago Horvath (Jugoslávia) e Abel Aguilar (Argentina).

O juiz de linha de reserva é Ferdinand Marschall (Austria).

Os inspectores da F. I. F. A. serão Robert Masson (França), para o jogo Uruguai-Alemanha e o professor Andrejevic, presidente da Comissão de Arbitragem da Federação, para a final Itália-Brasil. Rudi Gloeckner, que conta 41 anos de idade, é negociante em Markrahstadt e arbitrou vários jogos internacionais anteriormente ao Campeonato do Mundo. Embora não houvesse dirigido quaisquer dos encontros anteriores a contar para o «Mundial» (foi fiscal de linha

na partida inaugural entre o México e a Rússia), Gloeckner era tido como um dos favoritos para arbitrar a final.

Não há drogas...

CIDADE DO MEXICO, 19 — (R.) — A Comissão Médica da F. I. F. A., anunciou que as análises de «controlo» antidoping, feitas com amostras fornecidas por jogadores que participaram, na quarta-feira ultima, nos desafios das meias-finais,

os quartos-de-final do Campeonato do Mundo, foram todas negativas.

Isso significa que as análises de jogadores em 28 dos 30 desafios que se realizaram até agora foram todas negativas.

Não são ainda conhecidos os resultados das análises feitas com amostras fornecidas por jogadores que participaram, na quarta-feira ultima, nos desafios das meias-finais.

Em Angra do Heroísmo

Damas contra o Sporting

...mas os campeões venceram (5-1)

ANGRA DO HEROÍSMO — Defendendo a baliza do Lusitânia no jogo que esta equipa realizou, ontem, em Angra do Heroísmo, contra o Sporting, Damas não pôde evitar que os seus colegas leoninos o batassem por cinco vezes — isto a despeito da boa exibição que realizou, designadamente na primeira parte, em que o marcador se manteve em branco para ambos os lados.

No 2.º tempo, porém, o

Sporting aumentou a velocidade do jogo e terminou em vencedor por 5-1.

A luta entre o guarda-mão e os avançados da equipa leonina e foi seguida com grande interesse.

ATLETAS DE LISBOA E DO PORTO NO «GRANDE PRÉMIO DE FARO»

A F. P. A., colaborando com a Associação de Faro, promove amanhã à noite pelas 21 e 30, nas pistas do Estádio de S. Luís, em Faro, o Grande Prémio de Faro, que terá a participação de atletas de Lisboa e do Porto.

Foram especialmente convidados para esta organização os seguintes atletas:

F. C. Porto — Vital e Silva. **Sporting** — Ricardo Mota, Rui Oliveira, Carlos Cabral, José Diogo, António Ribeiro, José Morais, Eulália Mendes, Lídia Faria e Maria do Céu Lopes.

Benfica — Rogério Soromenho, Celso Pinto, Carlos Cardoso, Leonardo Caetano, Maria Manuela Simões, Nelson Martins, Manuel Costa, Ana-

bela Santos e Fernando Pinto.

Universitário — José Sorto, mayor, Abreu Matos, Guimarães Marques e Luís Alves. **Vitória de Setúbal** — Fernando Ferreira.

Belenenses — António Riscado e Francisco Magalhães.

Os atletas convidados participarão nas provas de lançamento do peso, salto em comprimento, corridas de 80 m; 800 m; 1500 m; 60 m e 600 m, na categoria de iniciados (masculinos e 80 m 400 m (femininos).

O «Nacional» de juniores (femininos)

De acordo com o calendário da F. P. A. disputar-se-á no próximo fim de semana, no Estádio de Alvalade, o campeonato nacional de juniores (femininos), cujo programa é o seguinte: sábado — 80 m barr., comprimento, dardo, 400 m, disco, 100 m. Domingo — 200 m, peso, altura, 800 m e 4x100 m.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Famalicão-Braga	1
Salgueiros-Porto	1
Boavista-Leixões	2
Espinho-Lamas	1
Gouveia-Sanjoanense	1
Santarém-Marinhense	X
Tramagal-T. Novas	1
Belenenses-Atlético	1
Torreense-Sintrense	1
Barreirense-Benfica	2
Luso-Oriental	1
Seixal-Sesimbra	X
Lusitano-Portimonense	X

COMEÇA ESTA NOITE

O «DISTRITAL» DE HÓQUEI EM PATINS

Com a participação de doze clubes, dos quais, apenas, dez entram hoje em acção, começa a disputar-se a mais importante competição de hóquei em patins lisboeta: o campeonato distrital da 1.ª Divisão.

Prolonga-se, assim a actividade dos principais grupos da Associação de Patinagem de Lisboa, após os animados torneios da Taça «Rádio e Televisão» e, mais recentemente, o de «Abertura, de que saíram vencedores — é oportuno referir — o Benfica e o Paço de Arcos.

Quem será o futuro campeão? A incógnita é o grande alicante da competição, que na jornada de abertura nos oferece: hoje: C. U. F. — Campo de Ourique, Parede-Hoq. Sintra, Juv. Salesiana-

Benfica, Cascais-Paço de Arcos e Fut. Benfica-Sporting; amanhã: Estremoz Oeiras.

O elenco é diferente em relação ao da época transacta. As vagas proporcionadas pelas desistências do Belenenses e da Educação Física, à 2.ª Divisão, foram preenchidas pela promoção do Estremoz e do F. Benfica.

O campeonato é disputado em duas categorias (honra e reserva), em duas voltas realizando-se os encontros às 2.ª e 6.ª feiras.

BOA EXIBIÇÃO DO BARREIRENSE

PORTO AMÉLIA — Realizando uma excelente partida, o Barreirense venceu a selecção local por 4-0, com 1-0 ao intervalo.

A equipa metropolitana, que nunca deixou dúvidas sobre a sua superioridade, surpreendeu os muitos entusiastas presentes ao jogo com a valia da exibição que produziu.

W. A. SARMENTO, LDA.
JOALHEIROS
1870 - 1970



AO COMEMORAR O 1.º CENTENÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO, CUMPRIMENTA E AGRADECE A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES, FORNECEDORES E AMIGOS, AS ATENÇÕES QUE SEMPRE LHE TÊM SIDO DISPENSADAS.

A GERÊNCIA

PIANOLA
AUTO-RADIO DE TÉCNICA AVANÇADA

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÃO:

- ACESSÓRIOS DO CAMPO DE OURIQUE**
RUA ALMEIDA E SOUSA, 295-B (a Campo de Ourique)
- AUTO ESTEFÂNIA ACESSÓRIOS**
RUA D. ESTEFÂNIA, 79-B
- AUTO GAMARROS**
RUA GAMA BARROS, 55-A e B
- AUTO VALÉRIOS**
AVENIDA VISCONDE VALMOR, 54-A
- BORTEX**
RUA MARQUES DA FRONTEIRA, 110 C
- MANUEL RIBEIRO**
AVENIDA DE ROMA, 56-A

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 42 - 9.ª Época

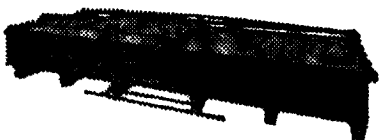
Beira Baixa — 121 111 111
1222; Comércio de Portimão — 221 111 111 2112; Correio dos Açores — 1XX 111 1X1 212X; Correio da Horta — 222 1XX 211 1X12; Diário da Manhã — 1X2 111 111 2112; O Distrito de Setúbal — 12X 111 111 21X2; Ecos do Desporto — 11X 11X 111 211X; Estrela da Manhã — 11X 1X2 111 2112; Eu Sei Tudo — 111 111 111 21X2; Folha do Domingo — X11 111 111 1X12; Gazeta do Sul — 12X 1XX 11X 1X12; Jornal de Felgueiras — 1X2 111 11X 21XX; Jornal do Fundão — 1X2 1X1 221 2111; O Jornal da Lixa — 122 121 11X 2112; Jornal de Sintra — 12X 122 112 2122; Linhas de Elvas — 221 112 111 21X2; Litoral — 12X 1X2 111 211X; Mundo Desportivo — 112 11X 111 211X; Notícias de Chaves 11X 111 111 22X2; Notícias de Gouveia — 2X2 112 112 2111; Notícias de Felgueiras (SD) — 1X2 11X 111 21X2; Notícias de Felgueiras (Tot) — 112 112 11X 2112; Novidades — 1X1 11X 121 2212; Povo Algarvio — 111 X11 111 2112; Rádio Alentejo — 1X1 112 111 1X12; Rádio Oceano — 1X2 112 211 2112; Rádio Sports — 121 111 111 2112; Reconquista — 11X 111 111 1X1X; Renovação — 12X 11X 112 2111; República — 211 112 121 2212; Auto Rádio — 12X X22 X11 2111; Boletim Desportivo do RP — 111

N.º	JOGOS	1	X	2	1	X	2 a)
1.	Famalicão-Braga	79	12	21	9	1	2
2.	Salgueiros-Porto	40	28	44	4	3	5
3.	Boavista-Leixões	40	26	46	4	3	5
4.	Espinho-Lamas	98	13	1	10	1	1
5.	Gouveia-Sanjoanense	76	19	17	8	2	2
6.	Santarém-Marinhense	60	30	22	7	3	2
7.	Tramagal-T. Novas	89	16	7	10	1	1
8.	Belenenses-Atlético	97	8	7	10	1	1
9.	Torriense-Sintrense	91	14	7	10	1	1
10.	Barcelonense-Benfica	4	11	97	1	1	10
11.	Lusitano-Oriente	83	22	7	9	2	1
12.	Seixal-Sesimbrense	63	33	16	7	4	1
13.	Lusitano-Portimonense	24	23	65	3	2	7

E o prognóstico lógico será: 122 111 111 2112.

a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

«MIDA»



UMA FABRICA
ALTAMENTE
ESPECIALIZA-
DA NO FABRI-
CO DE MAQUI-
NAS PARA AS
INDÚSTRIAS
DE:

SERRA CIRCULAR
AUTOMÁTICA
Modelos 400-500-600

● SERRAÇÃO
● CARPINTARIA
● MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

Que Não Maça — 112 11X
111 21X2; Póvoa de Lanhoso
(CA) — 112 112 111 2XX2;
Póvoa de Lanhoso (Desp) —
121 121 111 2122; Prog. Elec-
tro Mecânico — 121 12X 111
2X1X; Correio do Douro —
122 121 111 211X; A Lição do
Menino Quim — XX2 111
X11 2111; Penalti — 111 112
111 2X12; Norte Desportivo —
1X2 111 111 2112; Prog.
da Manhã — 111 11X 111
211X; Música e Desporto —
11X 1X2 X11 X221; Só Rádio —
X2X 1X1 111 2X11; Alma-
naque — 221 121 11X 2X1X;
Boletim Desportivo — 1X1
111 21X 1111; Comércio de
Leixões (Desp) — 11X 111
111 21X1; Comércio de Lei-
xões (DTUP) — X22 111 111
2111; Colina Sagrada — 12X
X22 X11 222X; Vámos à Bru-
xa (Adesivo) — 1X2 111 111
21X2; Vámos à Bruxa (D.
Conchita) — 112 11X 111
2112; A Nossa Chave — 1XX
1XX 1X1 2122; Diário — 111
11X 111 211X; Comércio —
112 11X 111 21X2; Apostola-
do — 12X X11 111 2XX2;
Bondazinho — 121 12X XXX
2121; Brado Africano — X11
X12 1XX 2112; Cidade 70 —
212 111 121 2111; Diário de
Moçambique — X12 1XX X11
2X22; Domingo Alegre —
221 111 X11 2X11; Passatempo —
111 1X1 X22 21X2; Ro-
teiro Sonoro — 222 1X1 111
2XX1; Terceiro Programa —
212 121 11X 2X11; Vámos
Jogar no Totobola — 11X 112
11X 2X1X; Prog. Sem Nome —
121 1X2 111 2X1X; A Ra-
beca — X21 11X 111 2112;
Rádio Clube do Norte — 121
X21 X21 2X12; Rádio Pla-
card (ENR) — 121 X21 X11
2121; Rádio Placard (RCP
de 1x) — 221 1X2 11X 21X2;
Rádio Placard (RCP) — X21
21X 111 2X1X; Repórter do
Dia — 112 11X 111 21X2;
Repórter do Dia (Angola) —
112 112 1X1 2112; Resenha
Desportiva — 11X 112 111
2112; Sorriso da Hora do Al-
moço — 1X1 1XX 12X X122;
Sporting — X12 12X 211
2121; O Templário — 112
11X 11X 21X2; Terra Alta —
221 1X1 211 2X21; A Voz —
11X 112 X11 2112; A Voz
Desportiva — 222 111 X11
2122; Voz de Lamego — 222
11X 112 222X; A Voz de Pal-
meira — 222 111 211 21X2;
A Voz dos Ridióulos — 11X
111 1X1 21X2; Diário de Lis-
boa — 112 11X 111 21XX;
Voz do Casa Pia — 1XX 111
111 2112.

Caminhos de Ferro

Comboios especiais para o transporte de trabalhadores portugueses no estrangeiro que vêm passar férias a Portugal

Comunicamos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses que vêm passar férias a Portugal põe em circulação, no período de 27 de Junho a 2 de Agosto, comboios especiais com partida de Irun, respectivamente às 10.50 (a), 16.20 (b), 17.40 (c), 19.00 (d) e 23.00 (e) e chegada a Pamplhosa às 4.10, 8.52, 9.00, 11.50 e 15.43, a Porto (Campanhã) às 7.10, 12.50, 11.00, 14.25 e 17.35 e a Lisboa (Santa Apolónia) às 8.28, 12.53, 14.35, 15.35 e 19.34 horas.

- (a) — Dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto
- (b) — Dias 24, 25, 26, 30 e 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto
- (c) — Dias 27 de Junho, 4 e 11 de Julho
- (d) — Dias 25 e 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto
- (e) — Dias 25 e 31 de Julho e 1 e 2 de Agosto.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CICLISMO

JOAQUIM AGOSTINHO NO «NACIONAL» DE FUNDO

Amanhã e depois, no Algarve (área da Associação de Ciclismo de Faro), realizar-se-á o Campeonato Nacional de Fundo para ciclistas Profissionais.

A prova compreende duas tiradas — uma em Balsa (201 quilómetros) e outra no sistema de contra-relógio (60 quilómetros, com saídas de 3 em 3 minutos).

Estarão presentes sete clubes e os mais credenciados nomes da velocidade nacional, entre os quais o vencedor do ano findo, Joaquim Agostinho, cuja prova é aguardada com grande expectativa, designadamente pela forte oposição que encontrará por parte dos seus adversários mais qualificados.



Joaquim Agostinho: a sua presença é um dos pontos de interesse do campeonato nacional

Sábado desportivo

ATLETISMO — Campeonato Nacional de Juniores (feminino), no estádio «José Alvalade», às 17 horas.

— Campeonato regional da II Divisão, equipas, nas pistas da C. U. F., (Lavrado), às 16 e 30 horas.

— Campeonato regional de juniores de Faro.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal (feminina): Académica-Gaia, em Aveiro.

BOXE — Torneio «José da Silva Baptista», (amadores) no parque municipal de Loures, às 22 horas.

CICLISMO — Campeonato Nacional de Fundo (profissionais), 1.ª prova, em linha, com partida de Tavira, às 8 horas, e chegada a Faro, cerca das 13.30 horas, 201 quilómetros.

— Campeonato nacional de

Fundo (amadores-seniores), 1.ª prova, em linha, com partida do Porto, às 8 horas, e chegada ao Porto (Estádio das Antas) cerca das 13.30, 195 quilómetros.

HÓQUEI EM PATINS — Taça «Padre Miguel» (infantis): Sporting Benfica e H. de Sintra-Paço de Arcos.

— Campeonato regional de iniciados: Sp-Benfica, Juv. Salesiana-Cascais e C. Ourique-Fut. Benfica.

NATAÇÃO — Comemorações do 55.º aniversário do S. Al-
gés e Dafundo: regatas para todas as classes, interclubes, em Al-
gés, às 10.30 horas.

— Regata «D. Carlos I», Belém-Sines-Sesimb. Cascadas (2.º dia).

— Campeonato nacional de

Benfica C. T. Estoril, respectivamente, nos «courts» do C. L. F. e do C. L. T., às 15 horas.

TÊNIS DE MESA — Campeonatos nacionais, individuais, em todas as categorias, 1.ª jornada, no pavilhão gaudesportivo de Espinho, a partir das 13 horas.

VELA — (Comemorações do 55.º aniversário do S. Al-
gés e Dafundo): regatas para todas as classes, interclubes, em Al-
gés, às 10.30 horas.

— Regata «D. Carlos I», Belém-Sines-Sesimb. Cascadas (2.º dia).

— Campeonato nacional de

PAÍSES DE LESTE

TUDO INCLUIDO
APENAS POR 9.890\$00*

*TARIFA ECONÓMICA IT

VISITANDO BRUXELAS • BUDAPESTE
BUCARESTE • VARSÓVIA • PRAGA • PARIS



SABENA

BELGIAN World AIRLINES



QUEIRAM ENVIAR-ME FOLHETO DETALHADO

NOME _____
MORADA _____
O MEU AGENTE DE VIAGENS É _____
RECORTE E ENVIE PARA SABENA AV. DA LIBERDADE, 13.1-D-LISBOA

LISBOA DIA E NOITE

PAULA RIBAS

NO FESTIVAL DE ORENSE

* aceite o nosso CONVITE *

Termina hoje a recepção da quarta colecção de cupões

Termina hoje a recepção da quarta colecção de cupões da iniciativa que estamos a promover com a colaboração dos melhores restaurantes típicos e «boites» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol e interessa semanalmente milhares de leitores do «Diário de Lisboa» de todos os pontos do País.

Efectivamente, com a colaboração destes estabelecimentos, temos oportunidade de oferecer aos nossos leitores a possibilidade de passarem algumas horas agradáveis — jantar, ouvir o fado e dançar num destes restaurantes típicos e «boites»: Adaggio, Adeg

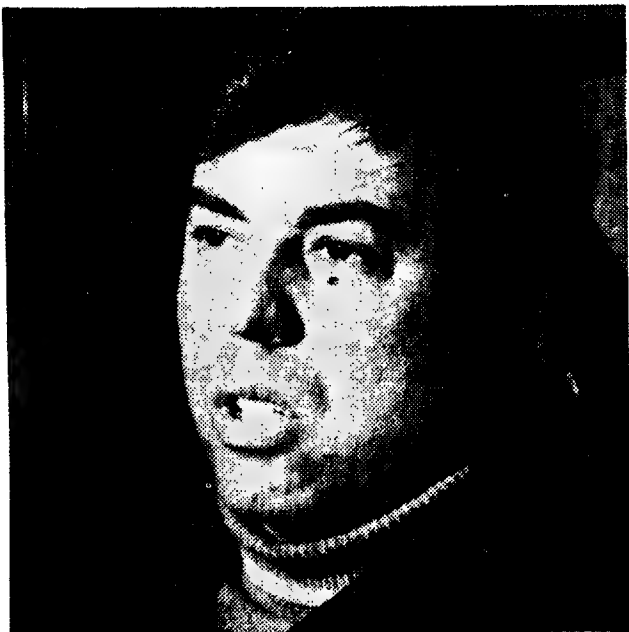
ALFREDO DUARTE JR. na «Casa da Mariquinhas»

Alfredo Duarte Junior, que faz parte do elenco artístico da «Viel», vai cumprir agora um contrato na «Casa da Mariquinhas», de Heitor Gil de Vilhena, na capital do Norte. Este empresário pretende manter o propósito de, com regularidade, apresentar intérpretes lisboetas no seu restaurante típico que regista grande afluência de público.

Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiuca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hippopotamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Marcia Condessa, Maxime, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop Fado, Solar da Madragoa,

Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho e Sanzala.

Aceite o nosso convite; participe neste concurso e divirta-se, sem gastar dinheiro.



Valério Silva apresenta-se em novo disco para a «Alvorada» interpretando «Canção da esperança» (de Carlos Rocha e Luís Simão), «Só penso em ti» (Alguém-Guijarro, na versão do cançonista madeirense), «Sou barco» (D.R.) e «Todos gostam de mim» (da dupla Manuel Viegas-António José). Os acompanhamentos pertencem a uma orquestra dirigida por Manuel Viegas.

Confirma-se a presença da cançonista Paula Ribas no Festival de Orense, que se realiza a 26 e 27 do corrente. Esta participação obrigou

Paula Ribas a interromper as suas actuações no Casino de Espinho, partindo para Barcelona, onde gravará (para a «Belter») dois discos a

publicar muito brevemente, um dos quais incluirá a canção que Paula interpretará no Festival: «Rosalia», de certo modo uma homenagem a Galiza e à sua poetisa de maior relevo: Rosalia de Castro.



REGULAMENTO DO CONCURSO

- para concorrer o leitor deve recortar seis cupões da mesma colecção e juntá-los ao boletim de identificação;
- preencher o boletim de identificação em duplicado, remetendo-o, com a colecção dos supões, para a Rua Castilho 185-1.º;
- as colecções devem dar entrada nos serviços do «Diário de Lisboa» até às 18 horas da sexta-feira seguinte à semana em que forem publicadas;
- as colecções podem ser entregues pessoalmente nos nossos serviços ou enviadas pelo correio desde que cheguem dentro do prazo determinado;
- os sorteios, com a presença dos delegados do Governo Civil de Lisboa, serão realizados todas as segundas-feiras, às 18 horas, na Rua Castilho, 185-1.º;
- os prémios são constituídos por jantares em restaurantes típicos ou «boites», para o contemplado e um acompanhante;
- o número de premiados é igual ao dos estabelecimentos que colaboram nesta iniciativa e que serão classificados por ordem alfabética, de forma que o primeiro premiado irá jantar ao estabelecimento A, o segundo ao estabelecimento B, e assim sucessivamente;
- os premiados terão o prazo de um mês, a contar da data da realização do sorteio, para levantar as credenciais relativas ao prémio ficando a sua utilização condicionada a data a marcar pelas gerências dos estabelecimentos.

O FADO EM LISBOA

ADEGA EMERALDA

cantam: Esmeralda Amadeo, Ivete Pessoa, Tina Ferreira, João Quelhas, José Vilela e o «Trío Melodias». Danças pelo Grupo Típico de Villa Franca de Xira Tocam: António Proença e Américo Silva * Cons. mín. 60\$00 * Rua do Norte, 91 * Telfs. 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Celeste Maria e João Vielhota. Tocam: José Luís Nobre Costa e Amadeu Rami * Cons. mín. 40\$00 * Rua da Adica, 19 * Telf. 863451.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vicência Lima, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Adão Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40\$00 * Rua da Rosa, 219 * Telf. 368579.

A KAVERNA

cantam: «Os 3 de Portugal», Beatriz da Conceição, Filipe Duarte

Tina Santos e Zélio Lopes. Tocam: Amândio Mota e José Maria Corvalho * Cons. mín. 40\$00 * Travessa dos Fieis de Deus 37 * Telf. 35593

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Cecília de Jesus, Armando Miranda, Selma Fernandes, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Besa e Fernando Reis * Cons. mín. 50\$00 * Rua da Barroca, 133 * Telfs. 369760 e 30532 * Encerra às Terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Laurindo Gonçalves. Tocam: Sales Carneiro e Agostinho Dias * Cons. mín. 30\$00 * Rua das Trinas, 67 * Telf. 669857 * Encerra ao domingo.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Manuel Dias, Adriano Franco, Rosa de Jesus, José Barros, Nazaré Maria, Maria de Fátima e Henrique Ma-

nuel. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40\$00 * Travessa da Espera, 8 * Telf. 35464 * Encerra às 5 da madrugada.

TIMPANAS

cantam: Ina Odemira Alcindo de Carvalho, Luís Braga, Benyndo Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolz 24 * Telfs. 676655-67341

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos, Tucha Mascarenhas, Rossana Lima, João Nunes, e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua do Vigário, 60 * Telf. 866811.

VELA

cantam: Sérgio, Beatriz Ferreiro, Alfredo Duarte Junior * Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * Cons. mín. 50\$00 * Rua das Taipas, 14 * Telf. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Corvalho, Ana Rosmaninho, Vicente da Carmo, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fátima Rocha Carlos Gonçalves e Pedro Leal * Cons. mín. 90\$00 * Beco das Costumes, 10 * Telf. 860816

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Lina Maria Alves, Ivo Pereira e Natalina Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos * Cons. mín. 40\$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telf. 868209

A SEVERA

cantam: Flórida Maria Cândida Ramos, Maria Amora, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Corvalinho e Pais da Silva e o conjunto «Aguardeiros de Portugal» * Cons. mín. 50\$00 * Rua das Gáveas, 57 * Telf. 34006 * Encerra à quinta-feira.

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS ENCERRAM AS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Beatriz Fragoso e Julieta Maria. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telf. 367093 * Encerra à segunda-feira.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Maria José Ramos, Fernanda Maurício. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50\$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552

FOLCLORE

elenco: Aminda Vidal, Fernando Guerra, Julieta Braga, Lúcia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Chalhó, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega e «Os 3 de Portugal» Corao de baile di-

rigido por António Gonçalves * Cons. mín. 120\$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telfs. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

LUSO

cantam: Augusta Ermida, Fernando Pinto, Tristão da Silva, Plínio Sérgio, Górgia Maria e Vítor Duarte. Tocam: Pedro Teixeira Cabral e Fernando Alvim. Conjunto folclórico dirigido por António Cunha * Travessa da Queimada, 10 * Tels. 328503-322889.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Alice Maya, Carlos Zel, e Emílio dos Santos. Tocam: António Panheiro e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telf. 661915 * Cons. mín. 50\$00.

FLOR DE LIZ

Bar. Fado «vadio» às sextas-feiras, depois das 22 h. * Cons. mín. 20\$00 * Rua da Atalaia 18 (Bairro Alto) * Telf. 367136.

«BOITES» E «DANCINGS»

ADAGGIO

Carlos Portugal no seu novo repertório e Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis, 51-A * Telf. 775695

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telfs.: 260729-260730-260731-263221-262365

FORTE VELHO

Papo * S. João do Estoril * Telf. 261337

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A

Telf. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto Encerrado aos domingos.

POP-FADO

R. Ferreira Lopes, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reação e Maxmiano * «Shows» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telf. 55366

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipe de Vilhena,

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telf. 530171

BONAPART CLUB

Música de discos * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Telf. 872761 6-D * Telf. 49960

TAGIDE

Conjuntos José Pedro e «Os Duques» Variedades com José

Manuel, Maria José Valério, Alice Maya e conjunto de folclore «Belezas da Potugala» * Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

TAMILA

Mourão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69 * Telf. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.

SANZALA

Av. Madalena Caramona, 2 * Campo Grande * Telf. 790177 * Encerra às 3,30

RESTAURANTES — BARES

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telf. 34700

LORD

Rua Victor Gordon 14-A * Telf. 323098

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA

* Telf. 981661.

Encerra à meia-noite.

ENCERRAM AS 2 HORAS DA MADRUGADA

ENCERRAM AS 5 HORAS DA MADRUGADA



HOJE PODE VER...

TV JUVENIL

«OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS»

Pelas 19 e 45 é transmitida a rubrica «Os Homens, os Livros e as Coisas», produção do dr. Joaquim Magalhães que continua a tratar de Fernando Pessoa, sua poesia, seus heterónimos, sua obra, enfim.

Hoje fala de Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

No Mundo da Arte

BARBARA HEPWORTH

Exibe-se pelas 20 e 30 um documentário sobre Barbara Hepworth, na rubrica «No Mundo da Arte».

«Barbara Hepworth é um dos grandes nomes da es-

cultura contemporânea inglesa. A sua obra aparentemente reduzida ao equilíbrio das formas e ao tratamento da matéria, revela-se inesperadamente ligada a todo um substrato lírico que o filme seleccionado revela integralmente.»



Shirley (Sweet) McLaine (Charity): do cinema para a televisão

Shirley McLaine «passou-se» para a TV com um contrato fabuloso

Parece que 1970 será o grande ano da televisão britânica, mais especificamente, da A. T. V., produtora de programas televisivos que tem «seu» Lew Grade como direc-

tor. Ora «seu» Lew Grade é um dos homens mais activos e inteligentes de todos aqueles que se dedicaram às «coisas» da TV inglesa. A ele se devem três supercontratos: com o actor americano Tony Curtis que interpretou para a A.T.V. e a série de aventuras «Frendly Persuaders»; outro com Roger Moore «O Santo», com igual finalidade, e, finalmente, um terceiro com a apreciada e talentosa actriz Shirley McLaine que será protagonista de uma série de vinte e seis episódios de trinta minutos, de corte tragicómico, dentro de um estilo clássico que sempre caracterizou esta actriz americana. Falta dizer que, mesmo antes de se iniciar a rodagem dos episódios, a série completa já foi vendida a várias cadeias de TV norte-americanas numa clara

demonstração da grande popularidade de Shirley McLaine, talentosa e inteligente protagonista de «Sweet Charity» e «Irma La Dulce», entre outros êxitos, e do não menos inteligente Warren Beatty. Além, este tal como James Gardner, Glenn Ford, e tantos outros, passou-se também para a televisão, rendendo-se a uma outra influência, hoje tão importante como o cinema. Com efeito, hoje, a Televisão dispõe, lá fora, de meios técnicos e económicos próprios de molde a oferecer a cada telespectador, comodamente instalado em sua casa, todo o género de espectáculo, quer aventuras, policiais, documentários ou mesmo um

(Continua na página seguinte)

NOITE DE TEATRO

«FREI LUÍS DE SOUSA»

Cerca das 22 horas é apresentado, em repetição, o drama de Almeida Garrett «Frei Luís de Sousa», na rubrica «Noite de Teatro», numa realização e encenação de Jorge Listopad.

Intérpretes: Carmen Dolores, Ana de Sá, Jacinto Ramos, Couto Viana, Luís Santos, Branco Alves e Mário Sargedas.



Jorge Listopad encena e realizou «Frei Luís de Sousa»

AMANHÃ À HORA DO ALMOÇO «O CASO DA SEMANA» E «DÓ LÁ SI»

A notícia esteve na Imprensa, na Rádio e na TV. Será «O Caso da Semana» apresentado por Luís Filipe Costa, pelas 13 horas.

Após o noticiário, virá «Dó Lá Si», apresentado por Alfredo Alvela na companhia de Maria da Paz, insinuante «Miss Simpatia».

Algumas das maiores atracções internacionais de «music-hall» desfilarão nesta rubrica durante cerca de meia hora.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19: TV Educativa; 9 e 30: Teletexto; 19 e 45: TV Juvenil — «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20 e 30: Cortaz TV; 20 e 25: No mundo da arte; 20 e 55: «Caso com uma Feiticeira»; 21 e 30: Teletexto; 22: Noite de Teatro — «Frei Luís de Sousa»; de Almeida Garrett; 23 e 50: Marcha do mundo; 0 e 5: Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Teletexto; 22: Noite de Cinema — «Desportistas à Força»; 23 e 35: Fecho.

AMANHÃ — 1.º Programa — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: O caso da semana; 3 e 5: «Uma mãe para Eddie»; 13 e 45: Teletexto; 14: Dó Lá Si; 14 e 25: Nos bastidores da aventura; 14 e 55: Nós as mulheres; 15 e 25: Concerto para jovens; 16 e 10: Enciclopédia 16 e 35: TV Infantil; 16 e 55: TV Educativa; 17 e 20: Teledesperto; 17 e 50: Desporto em camera lenta; 18: Homens e aviões; 18 e 30: Estudo sem marcação; 19 e 30: Teletexto; 19 e 45: «Skypys»; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 30: TV 7; 21: Estudo C, com Gilberto Gil; 21 e 30: Teletexto e Boletim Meteorológico; 22: Transmissão directa das Marchas de S. João, no Porto; 22 e 50: Eurovisão — Campeonato do Mundo de Futebol (Alemanha Federal-Uruguai); 0 e 50: Marcha do Mundo e Fecho.

2.º Programa — As 21 e 30: Teletexto e Boletim Meteorológico; 22 e 30: Documentário — A Sinistra Sociedade dos Jivaro; 23 e 10: Concerto pelo Grupo dos Menestréis de Lisboa; 23 e 30: Fecho.

TUDOR

pilhas para força motriz

«Casei com uma Feiticeira»

«ENDORA e as tias de SAMANTHA resolveram tirar a prova de que a pequena TABATHE é feiticeira. Para isso, reúnem-se em conselho de família para deliberar. A prova é clara — em potência. Porém, DARRIN não consente que a sua filha frequente a estudante. Ela é uma feiticeira de uma das tias. En-

tão. ENDORA encanta a filha, o genro e a tia Clara...»

É este o enredo hilariante do episódio de hoje da série «CASEI COM UMA FEITICEIRA».

É exibido pelas 20 e 55 e intitula-se «FEITICEIRAS E FEITICEIROS SÃO OS MEUS PREFERIDOS».

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Orfeão dos C. T. T.; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, por dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma gota de sangue e renasce uma vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 11.º episódio do folhetim «José Balsamo»; 21 e 05: Canções portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O homem e a sociedade, pelo prof. dr. Feiticeira de Almeida; 22 e 30: Fadas, por Benvidade Cruz e António Paiva; 22 e 50: Música, só música; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16: Folclore do mundo — Canções folclóricas do Japão; 16 e 17: Janitzio (Silvestre Revueltas). Orquestra Sinfónica Nacional do México, sob a direcção de Limantour; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Música de câmara; 18: Música portuguesa; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 19 e 45: Música de orquestra; 20: Diário sonoro; 20: 20: A pianista Rona Kynakou — Obras de Chopin; 20 e 30: Música de câmara; 21: Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Martin Rich — Festival Beethoven;

21 e 38: Música de piano de Schubert; 22: Selenita op. 31 para tenor, corne inglês e cordas (Benjamin Britten); 22 e 25: T. n.º 6 em m. bemol maior op. 70 n.º 2 (Beethoven), pelo Trio Chacó; 22 e 58: Fecho.

Programa MF — 94,3 mc/s — As 23: A ópera «Die Kluge» «A Mulher Esperta» (Carlo Orff); e 20: Os Preludios op. 28 (Chopin). Piano, Samson François; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — As 21: Música de jazz, por Gerry Mulligan Butterfly With Hiccups; Variadas; Música de filmes; 22: Canção cénica «Carmina Burana»; 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Panorama dos Estados Unidos; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Dois ritmos; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádiojornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 08: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Música para meditar; 21 e 32: Vozes; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande rodada; 24: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário mural; 7 e 3: Talkshow.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02:

(Continua na página seguinte)

canal da crítica

A «CONVERGÊNCIA» EM PESSOA

João Gaspar Simões, a quem tanto se deve no que respeita à discussão do fenómeno literário, é uma das melhores conquistas da televisão portuguesa. Esta é certo que tardou;

Ora, se João Gaspar Simões não retirará da sua telelatura qualquer glória, já acreditado que o público retiraria daí algum proveito. Bastava, por exemplo, que Simões fosse encarregado de uma rubrica de crítica literária que tanta falta faz na televisão. Assim, poderíamos aproveitar alguma coisa.

Algumas noções importantes, porém, se fortaleceram ontem: que João Gaspar Simões admirava Pessoa quando Pessoa ainda não era admirado por ninguém; que o conheceu pessoalmente; que fazia parte da meia dúzia de amigos que o acompanharam aos Prazeres. Nós, telespectadores, contactámos com um

dos apóstolos que viram o Mestre: logo, o Mestre existe.

Da sua aplicada leitura, ficaram-nos duas pinceladas fundamentais para o retrato do Poeta: ele é «inesquecível autor da Ode Marítima»; «Pessoa não era um indivíduo: era uma nação».

Como se diz de outro jeito numa marchinha de Santo António enquanto houver a retórica. Pessoa não morre mais...

O POEMA E A LAGRIMA

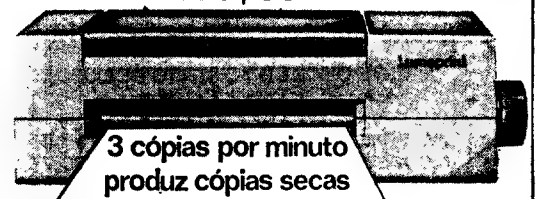
Pois o melhor que aconteceu no território de Fernando Pessoa foi o seu poema e foi o espectáculo de Ma-

mas arrecadou. No seu anel brilha um nome que não pode acusar-se de mediocre e de muitas outras coisas. Seria já bastante razão para se encontrar de parabéns a RTP.

nuela de Freitas; a palavra, correctamente aproveitada, a clara intenção de não se fa-

zer ao Fernando Pessoa, a simplicidade de processos. (Continua na página seguinte)

MAQUINAS DE FOTOCÓPIA 4.074\$00



3 cópias por minuto
produz cópias secas
reproduz todas as cores

peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso

serbiportuguesa
rua buenos aires, 7 1º tel. 667928 e 667772

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

SE PRETENDE

COMPRAR UM ANDAR COM GARANTIA DE CONSTRUÇÃO, PRONTO A HABITAR, OU A DAR RENDIMENTO

TEMOS:

150-175 c. com 2 e 3 soalhadas na Rua Bastos Nunes, Lote 3-B em Queluz.
180 c. 4 boas soalhadas no Cacém, Praceta D. Nuno Álvares Pereira, Lote D-1.
240 c. — 4 grandes soalhadas, 1 boa arrecadação e terraço, Av. Infante D. Henrique, Lote B — Rio de Mouro, frente à Estação.
280 c. — 3 grandes soalhadas, espaçosa cozinha numa imponente torre de 14 pisos — no Bairro Girassol, Lote 24 junto posto Policia Transito de Benfica.
385 c. — 4 luxuosas soalhadas com 2 casas de banho num prédio de 9 pisos — Travessa dos Arceiros, Lote 6 — Benfica.

Para rendimento e já alugados tem os andares desde 150 c. em Algue, Carnaxide, Saseiros, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Queluz e Damai.

LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.

Mediador Oficial desde 1951
PRACA DA ALEGRIA, 58, 2.
SALA E — LISBOA
TELS. 326718/327803/328567

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião 64-68

Capitais

TEM PRÉDIO?

TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telefs. 367414/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na tabacaria «A NELITA» — Praça das Casas Novas, 2.ª loja C.

Contacto
H. NUNES



PUBLICIDADE
Telef. 847260

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PRÉDIO

(Junto à Av. Almirante Reis)

Antigo, 12 inquilinos. Vende-se por 1.500 contos.

Trata o próprio. Resposta ao D. L. ao n.º 472.

PRÉDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS

não compre sem consultar a



PREDIAL

ROBREL

Rua Rodrigues Sampaio, 69

CASAS

para alugar

Procure V. Ex. no n.º 472. Temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos

Trata: SOC. CONST. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.ª — Telefs.: 36259-34755.

PRÉDIO PRÓX. DO CHIADO

Construção antiga, grande volume, composto de 25 inq., alagado com rendas baixas, hab. de 7 e 8 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, corredor.

Preço — 3 400 000\$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.ª — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

CONTABILIDADE

Executamos numa SEMANA, a vossa Escrita dum mês.

Assistência por Técnicos especialistas e qualificados.

Todo o País.

CONTOR — Telef. 535493 — Apartado 5057 Lx.

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não o mpre, sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro, 40, cave. Tel. 44846.

Contacto
H. NUNES



Telef. 847260
PUBLICIDADE

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1. Tel. 769848-761987.

AUTOMÓVEIS de todas as marcas, nas melhores condições, Av. João XXI, 8-A.

ALUGUER:



SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxi Universo, Lda., — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169/539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

E a lágrima. Catapultada dos olhos por essa emoção que a obra de arte desencadeia. Ficámos a seguir o caminho dela e a marca deixada na cara; a charrua do poema lavrava a sua terra.

Talvez Sócrates tenha razão. Talvez o pior atleta seja o que tomba sem querer. Talvez o melhor actor seja o que chora quando quer. A lágrima representada nos olhos do actor, a lágrima em vez da lágrima, melhor: a lágrima dominada, ou ainda a lágrima verdadeira...

Mas a lágrima celeste, pórola do mar, de Manuela de Freitas não era de representação. Nem fazia parte do poema. Fez parte de Manuela em não a reprimir? Fez mal seguramente a câmara em aproveitá-la demagógicamente, em explorar a força motriz da barragem daqueles olhos.

A estas horas, Manuela de Freitas, você deve estar envergonhada, como quando se ouve inesperadamente uma grosseria. Aprenda com a lição. Guarde as suas lágrimas naturais para a sua solidão ou deixe-as apenas correr na presença de amigos, pois

também para isso os amigos existem. Lágrimas no palco ou em publico? Sim, quando fizerem parte do guião. Pen. se nisto.

Deixe falar. A lágrima sem querer voou mesmo na presença de amigos. O pior de tudo foi a câmara.

PORQUE FERNANDO PESSOA?

Fernando Pessoa é o mamute. Fernando Pessoa é o dinossáurio. Podemos falar dele a vontade. Não incomoda ninguém, estamos, com ele, nessa terra de ninguém que é a obra de arte com certificado de garantia. Da tranquilidade, Universalidade.

Personalidade, como aquelas camisas do anúncio. Quem é quem. Não se correm aventuras. Viva a poesia. Viva quem está certo e aceita pelos vivos, pois já é doutro reino: reino onde não se come, não se veste, não se têm compromissos nem responsabilidades. Pois fomos dos mortos...

Dos mortos que são bons substitutos dos vivos. Pois há poetas vivos em Portugal. Poetas de hoje. Poetas cujos versos deviam ser conhecidos e amados. Embora, para alguns, incómodos. Embora, para alguns, antipáticos. Embora...

Fernando Pessoa: uma cortina. Ah, esta nossa vocação para o nevoeiro...

MARIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Rádio

(Continuação da pág. anterior)

Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita dois, 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar—383,6 m 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Motinês teatral; 19 e 03: Miscelâneo; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Consciência; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Carrocel; 23 e 04: Clube da Juventude.

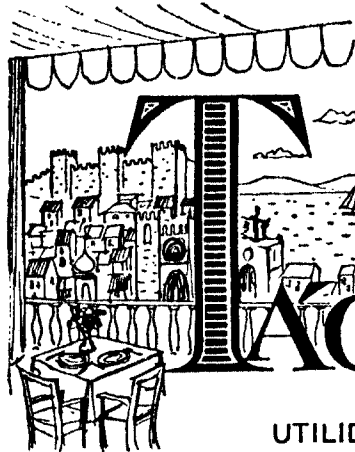
RÁDIO RENASCENÇA — 233, m — 1286 kc/s — As 16: Ra-

diorama; 18: Artistas portugueses; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão da exorcização da locustaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos jogos; 22: Quando a telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23ª Hora; 1: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8; das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22. Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2. Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 Rádio Graça — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17.

TÁGIDE

BOITE



Serviço de Restaurante

Aberto até às 5 Horas

TÁGIDE

BOITE

UTILIDADE TURISTICA

LG BIBLIOTECA PÚBLICA, 18-20

TELS. Boite 3 5328
Restaurante 36 21 23
Cabine

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ETP 12 A

Motores Usados

DIESEL

MERCEDES-BENZ • SAMOFA

A GASOLINA

FORA DE BORDA • EVINRUDE

TOTALMENTE REVISTOS NAS NOSSAS OFICINAS

REPRESENTANTES

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

ESCRITÓRIOS • ARMAZENS • OFICINAS • SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 14 A 16 - LISBOA - TEL. 60 22 31

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEFS. 727654-727665-713057



Cars e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas, estação de serviço e oficinas

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54151
As 15.15, 18.15 e 21.30
No ciclo «Humor em 2 Tons»
Os mais famosos «astros» da
hilaridade!
**COM JEITO VAI...
CAMPISTA!**
com Sidney Jones e Kenneth
Williams

CONDES

PARA TODOS Tel. 322523
As 14.15, 16.30 e 18.45
2 horas de alegria com um
tipo de cinema inesquecível
**O HOMEM MAIS EN-
GRAÇADO DO MUNDO**
com CHARLOT

As 21.45
**DOZE INDOMÁVEIS
PATIFES**
EM 3.ª SEMANA

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
As 9 da noite
(VII CICLO DA CASA
DA IMPRENSA)
**O FANTÁSTICO E O MARA-
VILHOSO NO CINEMA**
PSICO
O CHARLATÃO

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
As 9 da noite
**O FANTÁSTICO E O MARA-
VILHOSO NO CINEMA**
(VII CICLO DA CASA
DA IMPRENSA)
PSICO
O CHARLATÃO

ODI ON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
5.ª MES DE SENSACÃO
19.ª SEMANA
COM O FILME PORTUGUÊS
**O DESTINO MARCA
A HORA**

com Tony de Matos, Isabel
de Castro e Anabela

CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)
A DOCE VIDA
com Marcello Mastroianni

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 795290
As 21 horas
A MORTE VEM A CAVALO
ROMA ERA ASSIM

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
Acção sempre explosiva!
CORRE, HOMEM, CORRE
com Tomas Mihan, Linda
Veras, Chelo Alonso e John
Ireland
**UMA CORRIDA DE VIDA
OU DE MORTE**
Cromoscope Eastmancolor

IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
**EPICO — SUPERIOR
ESPECTACULAR**
ALFREDO O GRANDE
c/ David Hemmings, Michael
York e Prunella Ransome

ESTUDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
**A MINHA NOITE
EM CASA DE MAUD**
c/ Jean Louis Frintignant

MACQUEMONT

(M. 17 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
Ele joga a vida e a carreira
DETECTIVE EM ACÇÃO
com James Garner
e Gaye Hunnicutt

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
Em continuação de estreia
hoje às 21.30
Um filme de Elia Kazan
com Kirk Douglas e Faye
Dunaway
O COMPROMISSO

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48566
As 21 horas
Em continuação de estreia
OS BONS VELHOS TEMPOS
UM ESTRANHO EM CASA

LIDO

As 21.30 (M. 17 anos)
Um filme máximo
do realizador ANTONIONI
A AVENTURA
Uma interpretação primorosa
de Monica Vitti

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
A original e espirituosa
comédia
O ANJINHO
com Vittorio Gassman

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
5 homens — 5 feras!
Um vendaval de acção...
OS 5 BANDOZEIROS
com Peter Graves (intérprete
na TV de «Missão Impossível»)

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779098
As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 9.ª SEMANA
BAMSE
PAIXÃO IMPOSSÍVEL
com Gynet Molvig
EASTMANCOLOR

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA DE ÉXITO
Brigitte Bardot e Laurent
Terzieff na alta comédia
que conquistou o público!
**DUAS SEMANAS
EM SETEMBRO**
um filme em
Scope colorido
de Serge Bourguignon
AR CONDICIONADO

No programa: o filme colorido
de Francisco de Castro
«ALMADA NEGREIROS»
1.º prémio do Festival
de Valladolid
Realização de António
de Macedo

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
WEST SIDE STORY
(AMOR SEM BARREIRAS,
com Natalie Wood, Richard
Beymer, Rita Moreno e Geo-
ge Chakiris
70 mm — Technicolor

CHIAVO TERRASSI

(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
**007 AO SERVIÇO DE SUA
MAJESTADE**
SAL E PIMENTA

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
ADEUS, GRINGO
O VELHO E A CRIANÇA

ROYAL

(Adultos) Tel. 365937
As 21.30
O JOGO É MATAR
O CULPADO

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
JAMES COBURN
LEE REMICK
no empolgante filme em
Panavision — Cor de Luxe
ESTRANHO CONTRATO
As 18.30 — BALLET

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
**HERCULES
E A RAINHA**
c/ Steve Reeves, Sylvia Koscina
e Gianna Maria Canale
Eastmancolor — Dyaliscope

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
Suzanne Pleshette, Ian McShane
e Santa Bernier
no filme mais «fresco» do ano!
em 2.ª semana de gargalhada!
**ESTES TURISTAS
AMERICANOS...**
Uma sensacional comédia
em Technicolor
AR CONDICIONADO
No programa o filme colorido
de Francisco de Castro
«ALMADA NEGREIROS»
1.º prémio do Festival
de Valladolid
Realização de António
de Macedo

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos
Mandel, 01-B (722668)
ALCANTARA — Nogueira, R. do
Cruzeiro, 2 (63'635)
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lo-
pes, 120 (84338) * Teles, R.
João de Barros, 2 (638249)
ALVALADE — Brasília, Av. Rio de
Janeiro, 66 (722368) * Cortez,
Av. da Igreja, 21-C (776358)
AMOREIRAS — D. João V, R. D.
João V, 6-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Álvaro Cou-
tinho, 0 (40471)
AREIRO — Avis, Av. de Roma,
56-B-C (715370) * João XXI,
Av. João XXI, 16-A (726462) *
Nova Lisboa, Rua Guilherme
Suggia, 12 (727721)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av.
5 de Outubro, 47-A (763107)
* Avenida, Av. da República,
27-A (533688) * Império, Rua
Filipe Folque, 40-A-B (48002)
* Palma, Av. Duque de Ávila,
25 (47088)
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av.
Ressano Garcia, 7-A (51451)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO —
Ascensão, R. 27, n.º 41 (3112'6)
BAIXA — Americana, Calçada de
Santana, 3 (863984) Costa, Pra-
ça da Figueira, 6-B/C (Tel.
328381) * Nacional, R. do Sal-
itre, 7 (46858)
BELÉM — Remísia, R. dos Jeróni-
mos, 14-C (631699) * Segol,
Calçada da Boa Hora, 94-A
(631958)
BENFICA — Lisboa, Rua Claudio
Nunes, Lote 2 (703393) *
Souza, Est. de Benfca, 429-431
(780027)
CAMÕES — Combro, Calçada do
Combro, 78 (326059) * Aze-
vedo Irmão & Velge, R. da Mi-
sericórdia, 24 (325440)
CAMPO DE OURIQUE — Castro
Fonseca, Rua A de Infância,
28-A (688557) * Ourique, Rua
Freitas Gouveia, 32-B (67'667)
CAMPOLIDE — Leão, R. Rodrigo
do Fonseca, 101-101 A (682833)
* Pátio, Calçada dos Mestres,
30-A (680627)
CARNIDE — Leão de Matos, Rua
Naves Costa, 33-35 (780 81)
CONDE REBONDO — Capuchos,
Rua Luciano Condeiro, 2-A
(52076)
ENTRECAMPOS — Galeno, Av.
Óscar Monteiro Torres, 38-A
(774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pas-
coal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA E LAPA — Central de
Lapa, Rua dos Navegantes, 10
(661734)
GRACA — Monte, R. Senhora do
Monte, 30-A-B (867842) *
Rosa & Viegas, R. de S. Vicente,
31 (864371) * Bastos Andrade,
Cal. de S.º André, 102-111

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — As 21 e 45:
«Tchau» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
e às 28: «O prato do dia» (17
anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«Vitor ou as crianças no poder»
(17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Relíquia» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45:
«Pobre milionário» (17 anos).
VILLARET — As 20 e 45 e às 28:
«O vision voador» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «Fúria san-
guinária» (17 anos).
OLÍMPIA — As 19: «A fuga de
Tarzan» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Sinfonia para
um inimigo» (17 anos).
PARIS — As 21: «O homem a
quem chamavam cavalo» (12
anos).
IDEAL — As 21: «O inspector
Tormenta» (12 anos).
SALAO LISBOA — As 21: «Senhor
da guerra» (17 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «Os 3 Su-
per-homens» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «A pele de
um malandro» (17 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30 «A doce vida» (17
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30 — «Com a fortuna de cas-
tas» (12 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15 — «Uma viúva de ouro»
(17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E
RECREIO — As 21 e 30 —
«Boa noite sr. Campbell» (17
anos).

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DES-
PORTIVOS — As 21 e 15 —
«Assalto à cidade» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL —
As 21 e 5 — «Choques» (17
anos).



Mari Trini, uma jovem voz de Espanha, autora e orien-
tadora de êxitos populares (casos de «Vais de Otoño» e
«Mañana») lança mais uma composição: «Quando me
acaricias»

SINTRA — Misericórdia, L. Dr.
G. de Almeida, 2 (Tel. 980391)
VENDA NOVA — Nova — Rua
Elias Garcia, 10 (Tel. 989970).
COLARES — Colares — Alameda
(Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel
Ramos da Costa, 10 (234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua
Cândido dos Reis, 30 (224020).
ALMADA — Algarve, Rua Fernão
Lopes, 1 (Tel. 270271).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança,
Est. Nacional, 174 (224302).
BARREIRO — Avenida, Av. Alfre-
do da Silva, Tel. 2273212).
COVA DA PIEDADE — Atlântica,
Quinta do Pombal, 1 (274365).
MOITA — Silva Rocha — P. do
República, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Giraldo — R. Al-
mirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Lopes, Rua Cândido
dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETUBAL — Marques — R. Arron-
ches Junqueira (Telef. 227093) *
Bonfim — Av. Rodrigues Ma-
ninha, 12 (Tel. 245558).
SEIXAL — Godinho — L. da Igre-
ja, 51 (Tel. 2218580).

SERVÍCIOS URGENTES

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE —
Companhia das Águas, 36135
* Companhia Reunidas 93701
* Gásclide 538821 * Gáscl-
del, Idem e feridos, 822069.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 86534
* Enfermagem permanente
766161 * Enfermagem de ur-
gência, 43738 * Hospital de
Santa Maria 775171 * Hospi-
tal de S. José, 860131 * San-
tuario, exigência e cores, 77116
e 771169 * Transfusões, soro
e exigência, 538524 * Centro
de Intervenções (Informativa,
76777, 761179 e 763450).
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço
de emergência, 115 * Seguran-
ça Pública, 866141 * Judiciá-
ria, 335380 * Marítimo, 326456
* Internacional, 362721 * Via-
ção e Trânsito, 42205 * G.N.R.
(área rural), 86865.
TRANSPORTES — Aeroporto, 72011
* Caminhos de ferro (C. F.),
869029 * Caminhos de ferro
(Estoril), 861121 * Estação fla-
via (T. Paço), 325345 * Estação
Marítima de Alentejo, 863195
* Estação Marítima de
Rocha, 672445 * Estação flue-
via (Belém), 888511.
BOMBEIROS — Sapadores, 82222.

BOM APETITE

Solar do Minho

Rua do Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
FADOS—FOLCLORE
Jantar COMPLETO
50\$00 por pessoa
M/17 anos

AZEITÃO

NO RESTAURANTE
SALA DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA

RESTAURANTE

TATU

Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

JANTE NA

TARANTELA

EM AMBIENTE FAMILIAR
LANCHES DE CASAMENTOS
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA

TONI DOS BIFES

AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junta do Monumental)
Telef. 536080

ESTALAGEM

E RESIDENCIAL

DE SANTA MARIA
DA ARRABIDA
33 Quartos c/ casa de banho
RESTAURANTE
Telefone 228927 — Portinho
da Arrábida

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Junho de 1949 publicava:

«NOVA YORK, 19 — Segundo notícias recebidas de Madrid pelo «New York Times», quase todas as unidades da esquadra francesa abandonaram os portos da França.»

MALHAS

Liquidação total a preços a/ concorrência
Calçada do Carmo, 10
(Defronte do Celeiro)

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

COMBOIOS PARA MILITARES

Comunica-nos a C. P. que no próximo domingo, dia 21, por motivo de trabalhos na via, não se realiza o comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia) às 23,45 h. Os senhores militares com destino ao Norte podem utilizar o comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia) às 0,05 horas, da noite de 21 para 22.

Palavras cruzadas

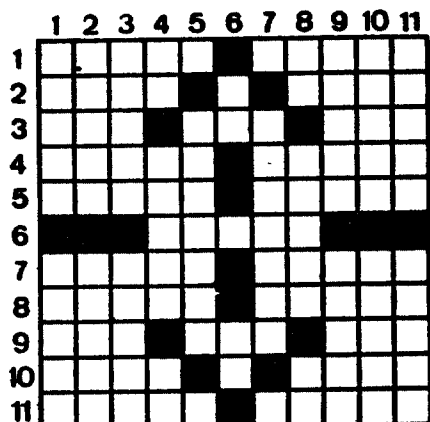
(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5569

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Pesquisam. 2 — Escarnece. Rosto. 3 — Patrão. Preposição. Raer. 4 — Nome de jogo. Roloi. 5 — Serra de Portugal. Amvela. 6 — Manas. 7 — Pegal. Amofinam. 8 — Afia. Planta medicinal da família das palmeiras (Bras.). 9 — Ler. Figura que simboliza o povo americano. Negativa. 10 — Rio de Espanha afluente do Aragão. Tempo do verbo ser. Parente por afinidade. 11 — Fundador do Islamismo. Carvão incandescente.

VERTICAIS: 1 — Grita. Escavam. 2 — Versejar. Realiza. 3 — Perfume. Amplo. 4 — Gália (s. q.). Transferir para outro dia. Amónio (s. q.). 5 — Guarnições de asas. 6 — Nome antigo da nota musical dó. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontificais de interesse para Portugal (Inv.). 7 — Vaguearam. 8 — Antes de Cristo. Empreender. Viração. 9 — Sobre o fim do dia. Selva. 10 — Piraia. Lavrais. 11 — Nome de mulher. Freguesia do concelho de Sátão.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PRO-VERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5568

HORIZONTAIS: 1 — Assim. Golas. 2 — QUEM. Reli. 3 — Una. Aas. Vir. 4 — Irradiam. 5 — Moado. Látia. 6 — Sir. Opa. 7 — DA. Aa. Mâ. Cp. 8 — Apa. Ira. Lar. 9 — Matas. Obite. 10 — Agar. E. Imds. 11 — Oásis. Moera.

VERTICAIS: 1 — Aquém. Damão. 2 — Surro. Apaga. 3 — Seares. Afas. 4 — Im. Adia. Aul. 5 — Adorais. 6 — Mol. 7 — Salomão. 8 — Or. Rapa. TIO. 9 — Levita. Lime. 10 — Alja. Gatar. 11 — Sirma. Presa.

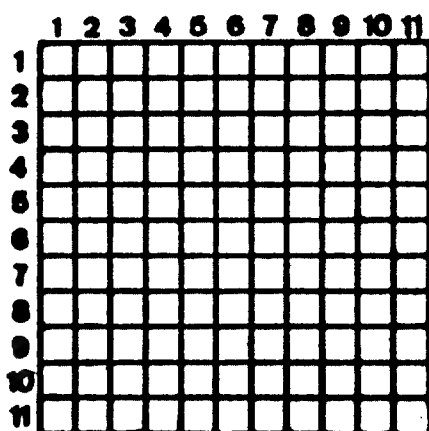
Provérbio: QUEM DA É TIO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9412

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Cante das plantas poáceas. 2 — Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Fechar as asas para descer mais depressa. 3 — Curso de água natural e abundante. Viscera dupla. Pega. 4 — Farripas. 5 — Concluiam. 6 — Concelho do distrito de Cabo Delgado (Moçambique). Medida de superfície. 7 — Retardaremos. 8 — Transferes para outro dia. 9 — Joera. Uma das Cidades Prende. 10 — Imã. Rasguei. 11 — Estéril. Serra de Portugal.

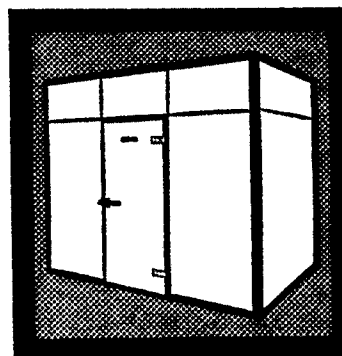
VERTICAIS: 1 — Igual. Doutora (Inv.). Artigo indefinido. 2 — Preparar com ópio. Assistir. 3 — Abundância (fig.). Cruzes (pop.). Agência telegráfica de imprensa. 4 — Basta. Ressoa. Preposição latina que designa movimento. 5 — Resmunguei. 6 — Beberão (pop.). Escudeiros. 7 — Assassinaras. 8 — Artigo definido. Cures. Nota musical. 9 — Liga. Caminha para cá. Prefixo que designa ar. 10 — Medida. Molusco comestível criado em viveiro. 11 — Agora. Espaço de trinta dias. Camareiro.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9411

HORIZONTAIS: 1 — Pérsia. Capa. 2 — Anear. Sabão. 3 — Rio. Calas. 4 — Vds. Remonta. 5 — Ae. Sol. Soam. 6 — Velas. Una. 7 — To. Ma. AC. Ar. 8 — Ora. Raras. 9 — Nds. Cri. Ga. 10 — Paraste. Dá. 11 — Grosso. Dose.

VERTICAIS: 1 — Pá. Vaste. Pg. 2 — Enros. Omar. 3 — Reis. Aara. 4 — Sba. Sem. Sds. 5 — Ir. Rolat. Ss. 6 — Cela. Aoto. 7 — Sam. Sonre. 8 — Calos. Cal. 9 — Abanau. Dó. 10 — Pas-tara. Gas. 11 — Ao. Amarga.



- Fácil montagem
- Em 24 horas poderá ser utilizada
- Capacidade desde 4 metros cúbicos
- Melhor isolamento



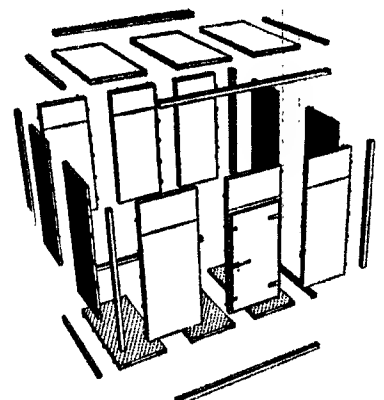
esta é a marca

REPRESENTANTES:

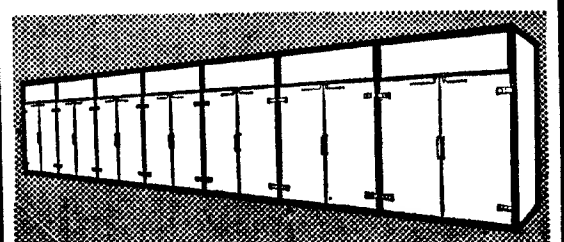
FRIAL

INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS E ARTIGOS DOMÉSTICOS, LDA.
Avenida Brasil, 40-A — LISBOA — Telef. 76 89 63-76 89 78

Câmaras frigoríficas ou de congelação, desmontáveis



Agora poderá possuir a sua câmara frigorífica ou de congelação, quer seja para Carne, Peixe ou Fruta, sem problemas ou demoras. Exponha os seus problemas nós os resolveremos



CADEIRA

Por quê um lugar tão escasso à música portuguesa?

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Segundo tudo leva a crer, a organização dos Festivais Gulbenkian é da exclusiva responsabilidade do Serviço de Música da Fundação, sem interferência de um conselho cultural ou de qualquer outro tipo de organismo consultivo formado por representantes qualificados de vários sectores da vida musical portuguesa.. A opção pode ser inteligente se, com ela, se pretende afastar a influência daqueles cuja representatividade é mais aparente que real. De resto, tratando-se de um Serviço de Música adjectivado de Gulbenkian, nem sequer é lícito pôr em dúvida a superior qualificação que ele próprio, enquanto tal, há-de atribuir-se. Mas também, por isso mesmo, só a sua capacidade de aceitar a crítica e fazer a autocritica justificará o exclusivo de tamanha responsabilidade.

Seja como for, urge trazer a debate os Festivais Gulbenkian. Não esqueçamos que absorvem quantias fabulosas (talvez mais elevadas que o total do dispendido com as demais actividades da Fundação, no domínio da música) e que as questões atinentes ao emprego de um tal volume de investimentos e sua eficácia reprodutiva (do ponto de vista do nosso contexto sociocultural) são de ordem pública.

Vamos passar em revista os 14 Festivais, segundo três das perspectivas possíveis: a) a função informativa e formativa em termos de História da Música; b) a protecção e estímulo à música e aos músicos portugueses; c) a descentralização geográfica e social da cultura musical.

Os programas em função das épocas

Na figura 1 compara-se graficamente a organização dos programas de Lisboa, do II aos XIV Festivais (1), em função de três épocas que, para esse efeito, distinguimos na História da Música (2).

Duas linhas de referência (assinando, respectivamente,

1/3 e 1/2 da totalidade de música programada) sublinham o evidente predomínio da música clássica e romântica, expresso nomeadamente pelas seguintes verificações: a) no 2.º, 4.º, 7.º e 14.º Festivais iguala ou excede metade dos espectáculos; b) predomina absoluta ou relativamente em oito Festivais; c) todos os anos lhe tem sido reservada, pelo menos, a terça parte dos programas (à excepção de 1966).

A desejável evolução que se nota desde 1958 a 1960, no sentido de uma presença cada vez maior de música contemporânea, inverte-se a partir daí, descendo a cerca de 20 por cento em 1964, depois de dois Festivais (o 5.º e o 6.º) em que teve participação superior à antiga ou à romântica. Só no ano passado a música contemporânea viria a ganhar outra vez maior importância relativa, sem, no entanto, atingir o relevo de 1960-62. Mas a nova quebra acusada pelo Festival deste ano (o bicentenário de Beethoven não chega para desculpá-la) mostra que os organizadores continuam a não sentir a acuidade do problema.

Quanto à música antiga, o lugar que lhe tem sido reservado varia muito, praticamente desde o zero (1960) até ao predomínio absoluto (1966). Não há dúvida, porém, que, salvo alguns exageros, ainda é este o único sector tratado com um certo sentido das proporções.

Se considerarmos autónomamente os espectáculos do Coliseu, o panorama piora (fig. 2). Compreende-

-se que a música antiga perca boa parte da sua relevância, já que as próprias condições da sala se adequam melhor a grandes massas corais e instrumentais. Mas, exceptuado o respeito pela rotina, nada justifica a obsessiva preferência dada ao repertório do século passado, em detrimento do contemporâneo (3).

O confronto entre os gráficos n.ºs 1 e 2 mostra ain-

da que os programas do Coliseu, ora ampliam ora contradizem (e quase sempre no mau sentido) as características do Festival (considerado no seu todo): esta última alternativa é a que se verifica em 1961, 1962 e 1969 (4).

No Porto (fig. 3), o esforço de actualização do repertório, realizado no IV Festival, começou logo a ser metódicamente contra-

Cont. na pág. 6

Temas em debate

■ **Responsabilidades sociais da Rádio.** Mesa-redonda em que intervieram Artur Agostinho, Jorge Gil e Luís Filipe Costa (pág. 3).

■ **Problemática açoriana.** O dr. Sá Vieira responde ao director do «Diário Insular» (pág. 4).

■ **Linguística e ideologia.** Eduardo Prado Coelho contrapõe pontos de vista de Maria Helena Mateus (pág. 5).

■ **Os telefones e a vida das empresas.** Uma nota de Rodrigo de Menezes (pág. 12).

MESA REDONDA



Praticamente sem apoio, lutando com enormes dificuldades económicas, operários da Cova da Piedade organizam cursos para adultos e mantêm escolas pré-primárias (Página central)

TRABALHO INFANTIL (2)

Crianças que não podem brincar

LEONOR MARTINHO SIMÕES

Na Quinta da Curraleira há duas oficinas de marcenaria e carpintaria que empregam rapazi-nhos. Augusto Saraiva Martins, o «Aruga», é dono de uma delas. Começou a trabalhar aos 12 anos, na mesma arte, numa fábrica da estrada de Chelas. Acerca do trabalho dos miúdos, diz-nos. «As mães são pobres, vêm-nos pedir para os metermos cá, para eles não andarem aí atrás dos carros, na va-diagem. Da parte da man-hã estão aí uns 7 ou 8,

e o mesmo às 5 e meia, depois da escola. As vezes são tantos que não podemos aceitar todos.»

Mário Andrade Vaz, o dono da outra oficina, começou a trabalhar aos 8 anos; andou «na venda do peixe, da fruta, do que calhava», até aos 20. Depois foi fundidor e canalizador. Sobre os miúdos: «Vêm cá oferecer-se. Muitas vezes são também os pais, para eles não andarem aí na brincadeira. Chegam aqui aos 10, 11.

Cont. na pág. 9

ASSIM VAI O MUNDO

Automóveis

Segundo André Gorz (La Stratégie Ouvrière et Néo-capitalisme), a indústria automobilística americana, voltada para a rentabilização imediata do capital, criando modelos sucessivos de luxo a substituir anualmente, não descobriu nenhum dos últimos dez inventos mais importantes para a segurança rodoviária. Notícias recentes indicam que, em Março, somente 11 por cento das viaturas produzidas dispunham de travões de disco. Em contrapartida, 43 por cento dispunham de ar condicionado. Contudo, é de assinalar que o movimento de vendas nos Estados Unidos desceu muito em Janeiro deste ano. Em contrapartida, vai de vento em popa o negócio das bicicletas...



Salário

Uma comissão internacional francesa decidiu oficializar a subida do salário mínimo interprofissional garantido. O salário mensal mínimo francês foi fixado em 582 francos (cerca de 3 contos) para um trabalho semanal de quarenta horas, e de 676 francos para um trabalho de quarenta e cinco horas semanais.

Argélia

As trocas comerciais aprovadas para 1970, entre a Argélia e a União Soviética, atingiram a cifra «record» de 140 milhões de dólares.

Aumentos

Os salários reais italianos aumentaram, em média, 9,4 por cento num ano. Os aumentos médios sectoriais nas indústrias metalúrgica, alimentar, metalomecânica e química variaram, acima da média geral, entre os 10 e os 12 por cento. Além dos aumentos quantitativos, o patronato italiano foi obrigado a dar, perante a acção unitária das diversas federações sindicais, regalias, como o «direito à reunião no local de trabalho», subsídios de transportes e, em alguns casos, teve de construir habitações perto do local de trabalho.

Conversão

A União Soviética anunciou a fabricação em série, pelas indústrias televisivas de Lvov, de um dispositivo recentemente inventado para conversão da Televisão a preto e branco, em Televisão a cores. O instrumento, fixado na parte frontal do aparelho, pode fornecer um colorido estável reflectido numa tela brilhante de 140x183 cm. O dispositivo — muito barato — vem prejudicar, logo que seja comercializável no Ocidente, a venda dos novos aparelhos de Televisão a cores.

ASSIM VAMOS NÓS

Movimento

A diplomacia portuguesa, ao nível de Negócios Estrangeiros, tem registado ultimamente grande actividade. Para lá da visita do Chefe do Governo a Madrid, acompanhado por uma numerosa comitiva «de trabalho», estiveram em Portugal sucessivamente, o secretário de Estado norte-americano, o primeiro ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul e o Ministro dos Negócios Estrangeiros francês. Em que medida estarão estas visitas ligadas por um problema essencial comum? Comunidade Económica Europeia (e necessárias relações com o Ultramar) pensa-se «a priori». Mas não só, evidentemente. As conclusões terão de ficar para mais tarde. Sobre tudo as de carácter político. Para já, algumas sugestões: Cabora-Bassa e segurança em África (Vorster); Base dos Açores (Rogers); Cooperação e «Mercado Comum» ibérico (visita a Madrid); Mercado Comum, Cabora-Bassa, Emigração e... um acordo cultural luso-francês (Schumann). E muito mais.

Aumento

Segundo um artigo publicado pelo Boletim da E. F. T. A., Portugal acusou a seguinte taxa de aumento nas suas relações comerciais (importações-exportações), com os diversos grupos económicos ou países (1959-1969): com a E. F. T. A. 11,8/18,8%; com a C. E. E. 8,8/8,5%; com os Estados Unidos, 7,8/10,9%; com a Europa Oriental, 14,0/1,7%; com o resto do mundo, 10,4/8,0%. Mundo, 10,0/11,0%.

Ensino

Um dos temas tratados nas conversações luso-francesas recentemente verificadas em Lisboa, foi a aceitação de professores portugueses nas escolas francesas, com vista a acompanhar os filhos de emigrantes, em idade escolar. A mesma preocupação têm as autoridades alemãs, que se queixam, aliás, da falta desses professores. Na verdade, a criança portuguesa adapta-se facilmente ao meio mas sente naturais dificuldades em adaptar-se ao idioma. Na Alemanha,

há treze escolas de português, ao nível primário. As entidades germânicas pagam todas as despesas com aqueles estabelecimentos de ensino, desde que haja mais de 14 alunos inscritos em idade escolar. Depois dos seis anos, caso não haja escola portuguesa, os filhos dos nossos emigrantes terão de matricular-se na escola alemã, durante nove anos consecutivos — que tal é o período de escolaridade obrigatória naquele país.

Actividade

O Prof. Marcello Caetano afirmou há pouco, como já afirmara antes, que deseja e considera necessária a existência de «sindicatos activos». Nesse sentido, a declaração de princípio de uma das listas que vão disputar as eleições no Sindicato dos Profissionais de Seguros: «Este é o momento de consciencializar, o dever e o direito de cada um, e de todos nós, a participação activa na vida sindical; entendemos chegada a hora de um assumir de responsabilidades reflexo de uma tomada de consciência face à gravidade do momento que a Classe atravessa, ferida no seu prestígio e dignidade, urge transformar o órdão apático e passivo que tem sido o nosso Sindicato, num corpo vivo e actuante ao serviço dos superiores interesses da Classe, dinamizando e revitalizando a sua estrutura».



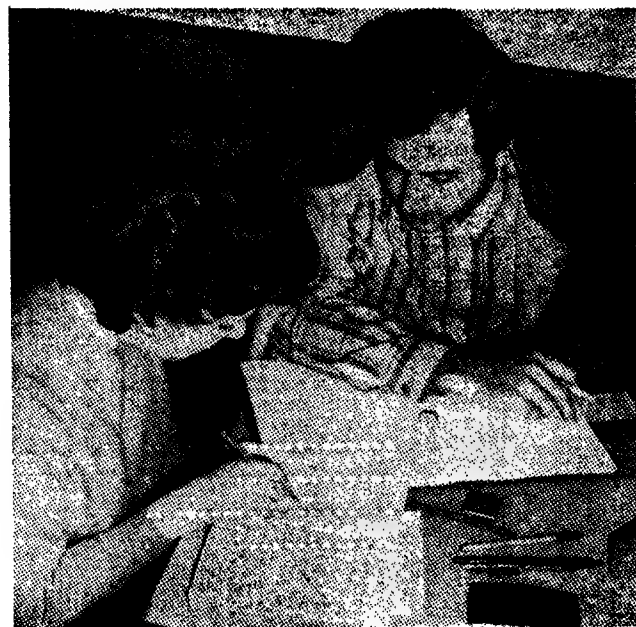
Sociedade, tensões e doenças

«O Homem e o seu meio ambiente» foi o tema geral de uma série de cinco simpósios internacionais efectuados na capital sueca. Procurou-se abordar, em especial, a sociedade actual como origem de tensões e doenças psicológicas e psicossomáticas.

Nos referidos simpósio, patrocinado em conjunto pela Organização Mundial da Saúde e pela Universidade de Uppsala, tentou-se definir os factores psico-sociais nas diferentes sociedades, factores particularmente ligados ao aparecimento da tensão nervosa e de outras doenças. Procedeu-se a um exame dos conhecimentos actuais sobre doenças mentais e psicossomáticas, causadas por tais factores, e sobre as medidas de política social necessárias à sua eliminação. Além disso, apresentaram-se recomendações no sentido de encaminhar as pesquisas internacionais para os mais graves problemas neste domínio.

No primeiro simpósio examinou-se, em geral, o meio ambiente. O segundo foi dedicado ao meio ambiente da criança, em geral e na escola. No terceiro, tratou-se das relações entre marido e mulher (o casamento e outras formas de co-habitação), como factor de tensões. No quarto examinou-se o ambiente de trabalho, o desenvolvimento tecnológico e o urbanismo. Finalmente, o quinto foi dedicado, em especial, à discussão dos problemas psico-sociais e ao meio-ambiente das pessoas idosas.

Em cada um dos simpósios participaram, no máximo, 30 pessoas, incluindo uma selecção dos melhores investigadores mundiais no domínio psico-social e no psicossomático. Salienta-se, entre estes, o professor Hans Selye, de Montreal, que definiu o conceito de tensão nervosa, conhecido internacionalmente como «stress».



Desemprego

Os Estados Unidos anunciaram novo aumento de desemprego. O último número fornecido foi de 3 milhões 406 mil homens sem trabalho. Num mês surgiram mais 300 000 desempregados. A taxa relativa de desemprego aumentou 0,4 por cento, num só mês atingindo 3,9 por cento do total dos trabalhadores inscritos.

Empréstimos

O Banco Mundial acaba de conceder empréstimos no valor de 69 milhões de dólares: 5 milhões ao Afeganistão, sem juros, num prazo de 50 anos, destinados a créditos agrícolas internos; 9 milhões de dólares à República da China (Formosa), a um juro de 7% e 25 anos de prazo, para auxiliar o programa de ensino, num país onde 90% da população sabe ler e escrever — embora necessite de proceder a certas adaptações; 27 500 000 dólares à União Indiana, sem juros e a 50 anos de prazo, para financiar um plano de desenvolvimento do Estado do Punjab; 18 500 000 dólares à República da Indonésia, sem juro e a 50 anos, para aumentar a produção de arroz. Os últimos 4 500 000 dólares vão para a Nova Guiné, e destinam-se a prolongar e melhorar a Grande Estrada das Terras Altas («Highlands Highway»), que é, actualmente, o único meio de acesso terrestre da costa às terras altas do centro da Papuásia.

Flagelados

O departamento da Polícia Federal, em Brasília, distribuiu uma nota, através do seu serviço de Repressão ao Tráfico de Pessoas, revelando medidas energéticas que estão a ser adoptadas no sentido de coibir e punir severamente os responsáveis pelo aliciamento de pessoas. As vítimas são, normalmente, os «flagelados» do Nordeste, aliciados por traficantes sem escrúpulos, que depois os vendem, «por cabeça», a fazendeiros do interior. O drama agudizou-se ultimamente, após um período de grandes secas, seguido de fortes inundações. Quando assim acontece, a situação agrava-se e inicia-se a epopeia dos «retirantes» — vítimas que é preciso proteger na base.

Anulação

O Supremo Tribunal indiano declarou nula a Lei de Nacionalização de 14 bancos comerciais da União Indiana, promulgada pela sr.^a Gandhi. O Supremo Tribunal reputou de insuficientes as indemnizações dos accionistas e a rapidez dos pagamentos.

Bancos

O número de bancos norte-americanos com filiais no estrangeiro duplicou durante um ano. Em 1968, 26 bancos tinham 373 sucursais nas grandes cidades do mundo. Em 1969, o número de bancos aumentou para 53, e o total de sucursais para 460.

Responsabilidades sociais da Rádio

Publicamos mais uma das mesas-redondas que decorreram no «Clube Shell», esta sobre o papel da Rádio na vida moderna portuguesa. Estiveram presente Artur Agostinho, Luís Filipe Costa e Jorge Gil. Luís Filipe Costa, que interveio como moderador, é responsável pelo serviço de noticiários de Rádio Clube Português. Jorge Gil organiza o programa «Em Órbita». Artur Agostinho é figura muito conhecida da Rádio, actualmente co-proprietário de uma estação comercial: a Rádio Ribatejo. O debate centrou-se nas responsabilidades sociais da Rádio em Portugal e teve a participação de pessoas que se interessam por aquele meio de comunicação. Estes assistentes intervieram na discussão, formulando diversas perguntas e levantando vários problemas.

LUIS FILIPE COSTA (Moderador) — O nosso processo de viver é antropofágico. Os homens e os recursos são constante e inexoravelmente devorados. Por extensão, podemos dizer que a Rádio pratica a autofagia: devora os profissionais e as potencialidades. Este facto terá determinado que, depois duma «arrancada» que creio ter sido equilibrada, a Rádio tenha envelhecido, num período coincidente com o do seu desenvolvimento industrial, pelo caminho do recreio, do entretenimento, quase esquecendo as funções «informação» e «formação». De há uma meia dúzia de anos para cá, uma nova geração tentou inverter a situação.

Se nenhum dos camaradas presentes contestar esta exposição do panorama radiofónico português, se, portanto, assentarmos que ela resume a evolução e situação actual, eu proponho que cada um se pronuncie sobre o que julga ser função primordial da Rádio neste País. Determinar das funções «informação», «formação» e «entretenimento», a primordial, parece-me uma opção importante, na medida em que escolhermos participar num movimento de progresso ou, pelo contrário, colaborar num coro que entoia uma canção de embalar.

JORGE GIL — Um programa de Rádio pode solicitar diversas formas de resposta por parte de quem o escuta. Existem, estou certo, processos de comunicação que, agindo como estimulantes, despertam em cada um a necessidade vital de sair da crença vulgar, da dúvida vulgar, da vida banal.

A Rádio pode, e nisto procuro um paralelo com certas formas de cinema, recriar imagens da vida que está perto de nós e que não sentimos, nem conseguimos sequer perceber. Podem-me dizer que um filme ou um programa de Rádio são duas horas que nos escapam, diluindo-se nas práticas de um quotidiano mal-entendido. Contudo se o seu apelo for enérgico e convenientemente dirigido podem constituir lições a aprender, métodos de iniciação a uma nova maneira de encarar e viver as coisas. Esta é a trave-mestra da Rádio em que estou empenhado.

Por outro lado, penso que não se pode criticar duma forma lúcida certos programas portugueses como «Quando o telefone toca», enquanto o público acorre em massa para ver «O destino marca a hora».

E uma completa revisão de valores que terá de se encarar. Criticar, rever tudo.

A mediocridade está instalada a todos os níveis. A procura das diversões, do prazer, é extremamente mediocre.

Há uma carência total de bom gosto e de paixão.

ASSISTENTE — O Gil foi muito benevolente com um certo número de práticas culturais que existem no nosso País e que se autojustificam com o facto de terem o seu público. Mesmo que a existência desse público seja um facto «são precisamente os factos que se discutem». O criador pode tomar duas posições distintas. Pode afirmar um «eu trabalho para mim, quem quiser leia-me, quem quiser ouça-me» ou tomar esta posição como falsa e não esquecer que existe realmente um público. Mas se quiserem pôr-se exactamente ao nível do público, então não há fenómeno cultural, mas simplesmente uma justificação de cada um ganhar a sua vida. Há realmente muita benevolência porque um produtor de Rádio, um produtor de Televisão, um realizador de Cinema que diz «estou justificado porque estou a trabalhar para o meu público e este acorre» não está a utilizar um argumento, está a transformar a sua argumentação em pura impostura.

JORGE GIL — Creio que nada do que foi agora dito, contraria a minha posição. Eu não defendi qualquer forma



«... Necessidade de destruir num movimento único todo um edifício de hipocrisia...»

de mediocridade sob o pretexto de existirem públicos para essa mesma mediocridade. O que afirmei foi a necessidade de destruir num movimento único todo um edifício de hipocrisia, de desencanto e de falsa cultura que se estende da Literatura ao Teatro, do Cinema à Rádio.

Por outro lado é preciso estabelecermos os limites da Rádio. Houve um colóquio em que se falou praticamente como se a Rádio fosse um edifício fundamental donde partisse todo o processo cultural. Ora este processo tem de partir da pré-primária, da primária, do Liceu, da Universidade.

UM ASSISTENTE — Posso pôr uma questão: Quais são os métodos de que dispõe a Rádio para saber se «um programa atingiu o número e a qualidade de pessoas com que queria comunicar»?

LUIS FILIPE COSTA — Não tenho conhecimento de qualquer sondagem válida à opinião pública. Julgo que a E. N. realizou em tempos um inquérito. Digo julgo, pois creio que os seus resultados nunca foram tornados públicos, nem sequer facultados aos profissionais. As estações particulares, por seu turno, têm promovido inquéritos-concursos, cujas conclusões estão duvidosas, na medida em que está sempre em jogo um prémio. Mas, não é só a Rádio que desconhece o que pretende o seu público. A ausência de sondagens ocorre em todos os sectores, em todas as actividades. Logo, são os próprios profissionais que se devem interrogar. Se a Rádio não fosse uma instituição sociocultural, se não fosse responsável perante a sociedade, poderia ser o que melhor entendesse. Mas, sendo responsável, sendo uma instituição, não deve alienar-se da sociedade, a que pertence; deve, pois, evoluir segundo uma linha paralela à da evolução da sociedade. Reformulo, portanto, a questão: neste País, qual deverá ser a função primordial da Rádio?

JORGE GIL — Parto do princípio de que a Rádio pode reunir em si mesma as funções de formar, informar e recrear. Na maneira como ela sabe jogar

com estas três intenções, determina os seus próprios limites.

Na informação consciente e desapaixada está implícita uma formação. A recreação conseguida depende do encanto posto na forma de comunicar. Portanto, poderia definir como função primordial da Rádio, aquela que, assumindo como objectivo a conciliação das já referidas intenções, se propusesse valorizar o património cultural de cada um, excitando a capacidade de opções, revitalizando as energias da imaginação, abrindo novas possibilidades ao exercício do bom gosto e da inteligência.

ARTUR AGOSTINHO — O Filipe Costa falava exactamente de uma fase de arranque da Rádio. Uma chamada «fase pioneira da Rádio» para não falar já na fase pioneira dos homens que construíram tecnicamente a Rádio. Uma fase de pioneirismo em que a Rádio foi servida por profissionais agarrados a um determinado sistema de trabalho, trabalho honesto, preocupado com uma evolução, que pode

não ter acontecido porque determinados condicionamentos, tanto em matéria de informação, como de formação e até mesmo de recreação, não o permitiram. Havia uma certa confusão entre aquilo que seria uma Rádio digna, mesmo que não fosse de casaca, de «smoking», e uma Rádio que poderia ser mais informal, mas digna na mesma e poderia servir melhor o ouvinte. Eu diria que havia uma certa rotina. Quando entrei na Emissora Nacional onde havia um sistema extremamente rígido, com princípios extremamente rígidos de trabalho que não permitiam que os profissionais pudessem fugir de determinadas linhas ou directrizes que estavam estabelecidas, tudo muito formal, tudo muito colarinhos engomados, muito de não poder dizer «Não sei quê e mais não sei quê» alguns profissionais travaram realmente uma luta grande para fugir a esse formalismo. Nem sempre o conseguiram até porque nessa altura havia um conceito que contrariava certa aproximação dos homens que trabalhavam na Rádio com o próprio público que eles serviam. Felizmente com o correr dos tempos as coisas modificaram-se muito nesse aspecto.

LUIS FILIPE COSTA — Podemos, parece-me, concluir destas intervenções que as funções informação e formação devem ser consideradas primordiais. Isto leva-nos a outro ponto: como é possível que uma Rádio condicionada as alcance?

JORGE GIL — Receio cair em posições excessivamente radicais num tipo de conversa como esta, pois é-me impossível conduzir um raciocínio que se ausente de uma experiência que me tem levado ao corte absoluto com as regras habituais de contacto com as pessoas. O isolamento pode corresponder a uma fase extrema de comunicação. Um isolamento que funcionasse ao mesmo tempo como abertura, com imagem reflectida da fórmula maravilhosa: «uma gaiola partiu à procura dum pássaro...»

LUIS FILIPE COSTA — Vejamos: o muro é uma forma de isolar. Mas, pode levantar-se para defender o que fica dentro, das investidas do exterior ou para impedir que o que encerra saia. O isolamento que propões é um muro de defesa do teu mundo?

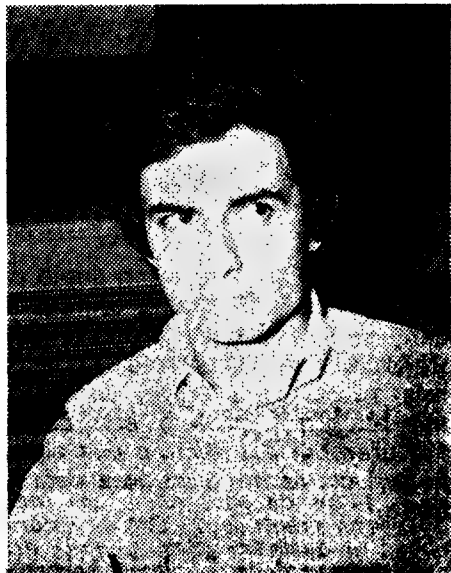
JORGE GIL — Existem solicitações que funcionam como «iscas». Rastilhos que conduzem a explosivos pouco conhecidos. São processos clandestinos, que apanham as pessoas desprevenidas mas encantadas. O que eles oferecem é a possibilidade de uma visão mais justa sobre as pessoas e as coisas. É um fenómeno que se ecoa, por exemplo, na descoberta da mais autêntica poesia. Se há um reduto interdito, ele só existe para quem o vê e vê-lo é já estar de fora.

LUIS FILIPE COSTA — Outra questão. Tanto o Artur como o Jorge recusam que a Rádio seja confundida com a Escola.

Cont. na pág. 9



Artur Agostinho



Jorge Gil

Problemática insular

Conforme tínhamos prometido, incluímos hoje a resposta do dr. Sá Vieira à carta do director do «Diário Insular» de Angra do Heroísmo, publicada no número anterior deste suplemento. Em causa, como é do conhecimento dos nossos leitores, o conteúdo do debate «Problemática insular em quatro pontos fundamentais», no qual intervieram os miçuelenses António Borges Coutinho, Sá Vieira, Lurdes Machado e José Faria.

«MOSTRAR A IDEOLOGIA NO CABEÇALHO»

O dr. Sá Vieira responde ao director do «Diário Insular» fazendo dois reparos:

1.º — Quanto ao sr. dr. Sá Vieira, sempre foi conhecido como de ideologia oposta ao «Diário Insular» lê-se na referida missiva. Confesso, com a

maior franqueza, que desconhecia a existência do D. I., o que não significa por forma alguma, menos apreço pela sua normal função de órgão da imprensa quotidiana portuguesa, mas a minha fixação em Lisboa, há cerca de três décadas, alheou-me de certos pormenores da vida social dos Açores, com excepção da minha Ilha por quem sempre nutri o amor que nasce no berço e acaba na tumba.

Portanto, ignorando o D. I., muito menos sabia da ideologia política que parece orientá-lo, para que tivesse que precaver-me contra os ataques que porventura, fossem desferidos contra quem, ao sentar-se à mesa-redonda do «Diário de Lisboa» deixara á porta deste vespertino, a política de partidário, como (sem vislumbres de comparação) Pasteur, o católico, deixava a religião, ao penetrar no seu labo-

ratório de pesquisas microbianas.

Mas, se o D. I. defende doutrinas (políticas, religiosas, filosóficas, morais, sociais, etc.) e se combate as suas antíteses e os que as adoptam, por que razão não as ostenta no alto do seu cabeçalho, de modo a dar a conhecer, exteriormente, o que vai de oculto na direcção da sua conduta publicitária?

O que é visível, ao cimo da primeira página do D. I., é apenas isto: «Pelos Açores ao Serviço da Nação».

Ora, dentro do âmbito desta legenda, cabe, perfeitamente, toda a matéria contida nas declarações, que fizemos ao «Diário de Lisboa» a circundar o tema aliciante e actualíssimo — surto emigratório dos Açores — as quais consistiram na pretensão, aliás humana de procurar remover obstáculos criar fontes de trabalho, adoptar

medidas de profilaxia económica, demover consciências, refrear apetites vorazes por forma a possibilitar uma vivência desafogada á gente rural das ilhas do nosso arquipélago, esfriando-lhe o ânimo aventureiro que a impele para a «Terra de Promissão» quantas vezes duvidosa e enganadora para quem a procura de olhos vendados.

«Não é a fuga para o estrangeiro da gente válida o problema número um dos Açores, para que o dr. Marcello Caetano promettesse, solenemente, que não deixaria despojar a terra (açoriana) pela emigração?»

Contribuir, na medida da sua experiência e dos conhecimentos generalizados no vulgar das pessoas, sem visar interesses inconfessáveis, nem objectivos de política partidária, para que não aumente, em proporções catastróficas, a rarefacção de homens novos e adestrados nas lides da agri-

cultura, no giro comercial, na técnica industrial, na normalização dos serviços oficiais e até nas profissões liberais, não será pugnar pelo desenvolvimento económico e progresso social dos Açores e prestar, mesmo por pequeno que seja, serviço á Nação que é — e deve ser — de todos os portugueses?

Parece que a inteligência e o bom-senso, isentos de reservados preconceitos, responderiam afirmativamente.

Mas, o director do D.I., preocupado-se mais, por obsessão doentia, com as pessoas dos declarantes do que, com os assuntos por eles versados, não aflora o magno problema da emigração açoriana nem preconiza cabal solução (mesmo a seu modo) aos restantes equacionados á mesa-redonda do «Diário de Lisboa» e, sarcásticamente, mimosa-os com as infelizes e reprováveis expressões já enumeradas e transcritas

na resposta do meu colega, dr. Borges Coutinho, que me dispense de repetir.

É por isto e por outras que o director do D. I. se queixa de acusarem o seu jornal de «uniforme e monocórdico» ao que parece com carradas de razão.

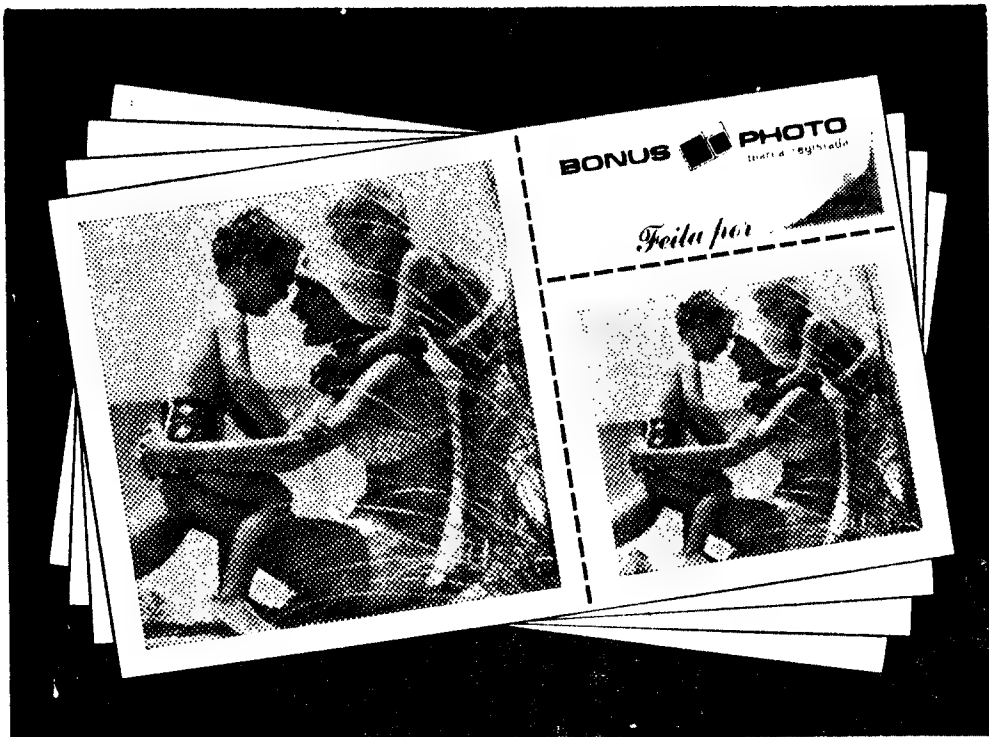
Quanto a nós, não acusamos, aqui, o director do D. I. de coisa alguma, apenas lamentamos que fazer jornalismo por este processo, melhor fora que não escrevesse, por escrever...

O PROBLEMA DAS RAÇÕES

2.º — «Insiste o sr. dr. Sá Vieira, na questão das rações — escrevendo que as rações ilhoas são constituídas, em grande parte, por chicória, por sêmeas, resíduos de beterraba e de trigo», diz o autor da citada carta.

Na verdade, empreguei o vocábulo «chicória» em

Cont. na pág. 8



Agora a Kodak oferece-lhe 2 fotografias... pelo preço de 1

com Bonus Photo

marca registada

Com Bonus Photo será um duplo prazer fotografar a cores. A Kodak oferece-lhe — sem qualquer aumento de preço — o dobro das fotografias do seu rolo Kodacolor-X formato 126. Terá sempre, de cada negativo, uma fotografia para o seu álbum e outra para oferecer à família e aos amigos. Bonus Photo é picotada de modo a separar-se facilmente.

Com a garantia de qualidade dos Laboratórios Kodak

Exija nos Revendedores Kodak



onde vir este símbolo

Kodak

KONI



a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:

SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC - Lisboa
Telef. 560156



Linguística e ideologia

EDUARDO PRADO COELHO

I. Na «Mesa-Redonda» de 8 de Maio apareceu um artigo de Maria Helena Mateus que se ocupava de um tema extremamente importante e actual: «Linguística e ideologia». No final do texto lê-se: «Podendo ser suscitadas algumas perguntas pela leitura deste artigo, considero que haveria toda a vantagem em conhecê-las, pois esse facto concorrerá para uma reflexão certamente proveitosa num campo de investigação ainda inexplorado entre nós.»

II. Para isso, começarei por enunciar os pontos que julgo essenciais do texto de Maria Helena Mateus:

1. A prática científica em linguística visa: a) o conhecimento e determinação dos processos psicológicos que estão subjacentes à aquisição, produção, compreensão, memorização e ao reconhecimento do material linguístico, admitindo-se para estes processos uma generalização tal que permita tornar evidente a existência de uma gramática universal, contendo um sistema de regras que actuam sobre qualquer língua humana, e as condições e os princípios a que essa língua humana deve obedecer; b) a apreensão do mecanismo de uma língua natural e portanto, a explicitação do aspecto particular da competência linguística do falante.

2. Para conseguir os seus fins a ciência linguística trabalha com algoritmos rigorosos que lhe permitem caminhar com segurança e disciplina científica.

3. É cada vez mais evidente a íntima relação entre linguística e a psicologia, e diminui a importância das relações da linguística com a sociologia.

4. A linguagem deixou de ser vista predominantemente como um reflexo do grupo social ou de classe. Considerar a linguística como ciência social é atitude de ideólogos que, com o pretexto de humanização e formação moral e social dos indivíduos, se servem da investigação linguística como instrumento de mentalização ideológica.

5. A linguística está mais perto da psicologia, da lógica, da matemática, e até da cibernética, do que da literatura ou da história.

6. Na linguística, não podemos separar o aspecto criativo do estabelecimento de analogias ou da simples repetição de modelos adquiridos, a não ser com um fim metodológico imediato.

7. É grande o poder formativo e pedagógico da linguística adaptada ao ensino da língua materna, sobretudo pela distinção entre estrutura profunda e estrutura superficial, pela realização de raciocínios abstractos e pela explicitação de operações lógicas.

III. Se interpreto bem o sentido deste artigo, no que concerne as relações entre os dois termos do título (linguística e ideologia), podemos concluir:

1. A linguística era dominada por pressões ideológicas quando, aproximando-se da sociologia, e também da história e da literatura, surgia como instrumento de mentalização de grupos sociais;

2. Na medida em que a linguística de hoje se liga à psicologia e utiliza uma formalização matemática, a questão das suas relações com a ideologia desaparece e entramos no domínio da ciência.

3. Donde, um artigo sobre «linguística e ideologia» serve hoje para provar que, dada a cientificidade crescente da investigação linguística, tal artigo tende progressivamente a ser impossível.

IV. Tais considerações suscitam-me inúmeras dúvidas, que procurarei expor com um pouco de ordem:

1. Suponho que, no estudo das relações entre linguística e sociologia, haveria a considerar:

a) em que medida a prática científica em linguística pode contribuir para uma teoria das ideologias e uma análise das práticas ideológicas (voltarei ao assunto, mas creio que a linguística é um elemento essencial para uma análise das práticas ideológicas);

b) em que medida persistem certos elementos ideológicos ou certos resíduos de problemáticas ideológicas, na actual prática científica da linguística;

c) em que medida a actual difusão da linguística não implica uma vulgarização e uma ideologização que podem retroactivamente influenciar a prática científica da linguística.

2. No que diz respeito à primeira alínea, muito haveria a dizer. É evidente que uma ciência que visa a «explicitação das operações lógicas», que se orienta no sentido de uma análise do discurso e de uma tipologia dos discursos, está em excelentes condições para iniciar a caracterização crítica dos discursos ideológicos, pela diferenciação progressiva do discurso político, do discurso estético, do discurso científico, etc. É fácil de ver que todos os estudos relativos à presunção implicam directamente uma teoria das problemáticas ideológicas de qualquer formação discursiva, uma teoria dos diversos mecanismos de propaganda e de mentalização, e uma teoria do diálogo, da sua validade e dos seus limites.

3. Passemos para a segunda alínea. Também aqui as questões são imensas. Procurarei apenas falar do essencial:

a) Baseando-se numa

ligação cada vez mais íntima com a psicologia, estará a linguística a ligar-se a uma ciência cujo estatuto de cientificidade esteja suficientemente adquirido? As múltiplas discussões em torno da psicologia, a contestação poderosíssima que toda a psicoanálise é da psicologia tradicional, as relações evidentes entre a psicologia e uma teoria do sujeito (que está na base da ideologia individualista, do sistema socio-económico «occidental» e das formas jurídicas que o legitimam), tudo isso leva-me a pôr em dúvida que uma tal ligação possa ser suficientemente garantia de cientificidade. Iria mesmo ao ponto de perguntar se tal aproximação não poderá conduzir a uma ideologização. (Aqui convém esclarecer que não está em causa a relação necessária entre a linguística e o estudo dos fenómenos psicológicos. O que suponho é que o estudo destes só poderá ser feito a partir de uma teoria das práticas significantes, de que a psicoanálise, subversão da psicologia, é um dos eixos essenciais).

b) Aproximar a linguística da psicologia, da matemática, da cibernética, e afastá-la da sociologia, da história e da literatura, não será situar a linguística no campo tradicional das ciências humanas, — que se encontra em plena reestruturação, processo para o qual a linguística contribui profundamente?

c) Afirmar a cientificidade da investigação linguística pelo rigor da sua formalização, recusando por isso mesmo a análise das suas relações com a ideologia, não será uma forma de mais facilmente (porque desprezivelmente) deslizar na ideologia com que os cientistas e investigadores tendem a reflectir espontaneamente a sua própria prática? Não será expor a linguística à recuperação (passando a ser neutramente considerada como «técnica rigorosa» e «método válido») pela ideologia «humanista», com o seu tradicional esquema empírico-idealista?

d) A formalização matemática poderá só por si, independentemente da formalização conceptual, assegurar a cientificidade de uma ciência? A formalização matemática não estará em parte dependente da formalização conceptual (sem que isto implique a redução da matemática a mera linguagem-instrumento e a negação da sua função produtora?). Se não, porque? Se sim, como garantir a cientificidade da formalização conceptual das teorias chomskianas, isto é, com a «aceitação, sem crítica epistemológica, as hipóteses de «sujeito» e de «linguagem», por exemplo?

4. Suponho que o corte epistemológico que insti-

tui a cientificidade da linguística se pode designar através do nome de Saussure. Suponho que as teorias transformacionais constituem uma ruptura intracientífica (como Einstein em relação a Galileu) extremamente importante na prática científica da linguística. Suponho que uma prática pedagógica implica a acentuação das rupturas intracientíficas como factor de mobilização do interesse dos alunos (e não o eclectismo «humanista» tradicional).

Creio, contudo, que a acentuação do valor da função estratégica numa

ruptura intracientífica não pode impedir que se tome consciência das suas possíveis relações com a ideologia.

Admitindo que, se uma ciência se constitui como ruptura em relação a uma ideologia, a ciência não vai ocupar o lugar da ideologia, mas vai subsistir a par dela e articulando-se com ela pela própria ruptura que a separa; que a ciência é sempre acompanhada de um contexto ideológico que em parte, justifica as rupturas intracientíficas (em parte; por outro lado, as carências, os desajustamentos,

as lacunas teóricas, também suscitam o desenvolvimento duma ciência); que não podemos separar a ciência linguística actual da formação discursiva relativa às actividades humanas que estão implicadas na linguagem, na pluralidade das línguas e na multiplicidade dos discursos (esse campo de saber que se desenvolve de dia para dia); que a ideologia se situa precisamente no ponto em que a ciência se insere na formação discursiva correspondente — creio que nenhuma garantia

Cont. na pág. 11.



CAFÉ — o que sai mais caro: o produto ou o serviço?

POLÍTICA DO CAFÉ

A tirania do grande consumidor

No «Boletim do Café» (Ano I, n.º 3, Abril de 1970), publicação da Comissão Interministerial do Café do Ministério do Ultramar, encontramos esta sugestiva síntese sobre os problemas da comercialização internacional do café:

«Na América do Sul, escreve-se que se entrou num combate aberto, provocado pelos países consumidores, ou melhor, pelos países mais ricos do mundo. Na verdade, embora pareça estranho, são estes, os mais ricos, os que se queixam dos preços actualmente em curso nos mercados mundiais. Não ocultam o seu desejo, mais precisamente, a sua decisão, em fazê-los baixar. E são esses mesmos países ricos os que fazem das injustiças sociais que se cometem no terceiro mundo; mas, no entanto, reagem quando os preços dos artigos ou produtos desse terceiro mundo aumentam em consequência de causas naturais, como o foi a geada brasileira. Para eles, a injustiça social é reproável quando a própria justiça é questão de negócios.

Porque, desde que se trata de países ricos, não é injustiça social reduzir preços que se elevam por causas naturais, mas que, mesmo assim, ainda continuam a ser baixos.

É o que acontece com o café. Quando o nacional de um país toma uma chávena de café, o que menos valor tem é o próprio café; custa mais servi-lo, ou lavar a chávena! Não obstante, utilizam todos os meios na guerra desencadeada contra os preços — que não são bons preços, pois estes não existem.

Os consumidores, que neste ano cafeeiro não consumirão mais que 46 milhões de sacos, têm garantida uma provisão de 52 milhões.

Mas não estão contentes e ameaçam se não se lhes entregar outro milhão e meio... E as ameaças vão desde a vingança no momento de aprovação de quotas para o próximo ano, até à possível negação do Congresso americano, se não se mantêm preços que os satisfazam.

Os países produtores, em Colômbia e

naturais, mas que, mesmo assim, ainda continuam a ser baixos.

Os consumidores, que neste ano cafeeiro não consumirão mais que 46 milhões de sacos, têm garantida uma provisão de 52 milhões.

Mas não estão contentes e ameaçam se não se lhes entregar outro milhão e meio... E as ameaças vão desde a vingança no momento de aprovação de quotas para o próximo ano, até à possível negação do Congresso americano, se não se mantêm preços que os satisfazam.

Os países produtores, em Colômbia e

o Brasil á frente, desejam que as soluções contemplem um período mais longo, que não sejam apenas de momento, de forma a garantir, simultaneamente, os interesses de consumidores e produtores. Parece que tudo será em vão.

Oxalá se obtenha uma fórmula que satisfaça os consumidores sem impor onerosos sacrifícios a um mundo que tanto necessita de preços equitativos para o fruto do seu trabalho, são os votos que se formulam na América do Sul.

Arturo Gómez Jaramillo, presidente da Federação Colombiana de Produtores de Café, declarou, ao regressar ao seu país vindo da malograda reunião de Londres de Março passado, que a opinião geral de todos os produtores era a de que a maior quantidade de café pedida não se destinava ao consumo, mas sim à acumulação excessiva de estoques nos países consumidores.

Festivais em discussão

Cont. da pág. 1

riado nos anos seguintes. A partir de 1965 (novo ponto alto) a colação da música contemporânea manteve-se sempre irregularmente baixa, até atingir, no ano em curso, a marca mais insignificante (desde 1960).

O gráfico n.º 4 mostra-nos como a organização dos programas em função das épocas não comporta, no conjunto das outras cidades visitadas pelos Festivais Gulbenkian, a investigação de qualquer tendência dominante (desde o VIII): assim, no XII e no XIII, por exemplo, a música contemporânea adquire um relevo de que Lisboa raras vezes se aproximou, enquanto no XIV, o bicentário de Beethoven, se conciliou misteriosamente com quase 60 por cento de música antiga contra menos de 20 por cento de música clássica e romântica (compreendendo-se aqui apenas quatro obras do autor do Fídelio, distribuídas por

outra implantar posticamente num fundo de rotina elementos novos. Não admira, pois, que a produção do século XX surja desarticulada e com omissões imperdoáveis.

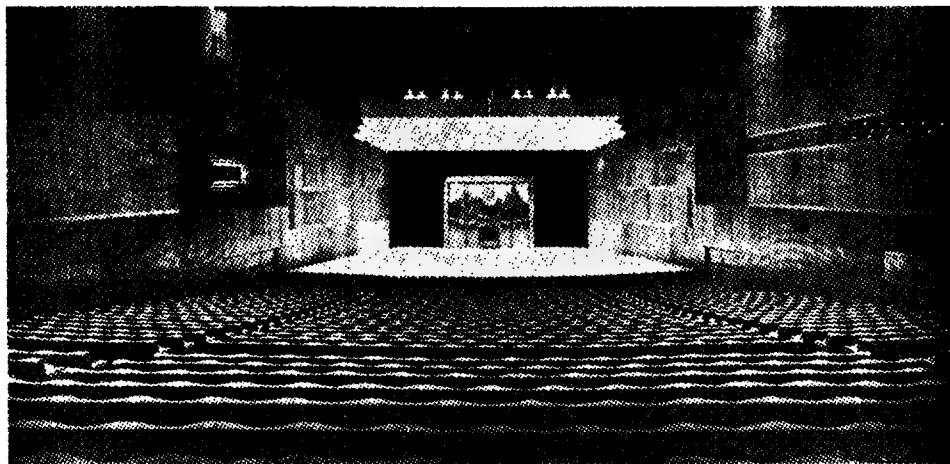
Depois, nem sequer se pode dizer que fosse dada ao público dos Festivais Gulbenkian, ao longo de 14 anos, a oportunidade de conhecer todos os aspectos fundamentais do romantismo. Já sem falar no Grupo dos Cinco e noutras experiências nacionalistas do século XIX, nota-se, por exemplo, a ausência de Bruckner e Mahler (salvo erro, só em 1970 se incluiu pela primeira vez no programa uma obra deste último). Até as sinfonias de Beethoven e Brahms reflectem a tendência para a rotina: de Beethoven nunca apareceram nos programas a segunda e a quarta sinfonias; de Brahms, omitiu-se sempre a terceira, e a quarta não é tocada desde há dez anos.

Tudo somado, aquilo que

guesa antiga, tanto impressa como em disco, seria de esperar que os Festivais reflectissem esse aparente interesse pela produção nacional.

Os gráficos que desenhámos falam por si: Lisboa (fig. 1) — a música portuguesa situa-se, em regra, entre 5 e 10 por cento; Coliseu (fig. 2) — raras vezes excede 5 por cento ou então é pura e simplesmente ignorada (1966 e 1970); Porto (fig. 3) — de cada dois Festivais, só um concede à música portuguesa 5 por cento do programa (à excepção de 1966, ano de «La Spina» de Francisco António de Almeida); outras cidades — à parte o XII e o XIV Festivais, volta a funcionar a linha limite dos 10 por cento.

Se individualizarmos a produção portuguesa contemporânea, o panorama reveste tal gravidade que apetece qualificá-lo de escandaloso: Lisboa (fig. 1) — todos juntos, os compo-



Festivais Gulbenkian: O que conta é o «consumo da sensação da música»

Gulbenkian responderá talvez com o argumento das obras encomendadas, distinguidas com todas (?) as honras no âmbito do Festival. Mas não convence ninguém. É flagrante a contradição entre os programas dos Festivais e essa actividade mecenática, que deveria constituir a cúpula de uma verdadeira política de fomento da música portuguesa, no duplo aspecto da produção e consumo.

simo dos cabedais esbanjados pela Gulbenkian com um Britten, um Milhaud, um Messiaen ou um Penderecki. E dois nomes deveriam ter aparecido já, até mais do que uma vez, a encabeçar todo um ciclo de realizações, no âmbito do Festival: Fernando Lopes Graça, entre os vivos; Luís de Freitas Branco, entre os que já morreram. Em relação ao primeiro, apurámos que o volume da sua música, incluída no conjunto dos 14 Festivais, equivale a 1/4 do programado, em um só Festival, com música de Britten. Quanto ao autor dos Paraísos Artificiais, tudo se resume à magra comemoração do décimo aniversário da sua morte, assinalado em 1965 com a Suite alentejana n.º 2 e parte dos Madrigais Camonianos: nem antes nem depois dessa data consta dos programas qualquer outra obra (por exemplo: uma das quatro sinfonias). Acrescente-se que Lopes Graça é completamente ignorado nos doze festivais realizados no Porto.

Em suma, «o trabalho do compositor é em Portugal o menos solicitado e o que mais frequentemente cai no vazio». Ditas em 1968 por quem assinou as Estrelas Funerárias, o Concerto da Camera, o Canto de Amor e de Morte, estas palavras têm um significado dramático. Compreendemos porque, e estamos em condições de determinar a quem cabem as responsabilidades inerentes.

Entretanto, também os intérpretes portugueses não têm beneficiado do estímulo de uma participação relevante nos Festivais. Nomeadamente, a propósito das comemorações beethovenianas, ocorre perguntar-se, em vez de Wilhelm Kempf, não teria sido preferível contratar Sequiera Costa para a audição integral das sonatas e para uma «tourné» por todo o País, ou (e) propor idêntico contrato ao «Quarteto do Porto» oferecendo-lhe, com a devida antecedência, as indispensáveis condições de trabalho. Sabemos, porém, que é precisamente contrário desta política o que tem sido praticado. Não contente com isso, a ética da Fundação (ou do seu Serviço de Música) chega ao ponto de admitir que se discutam os modestíssimos «cachets» pedidos por artistas portugueses, enquanto se gastam quantias fabulosas (da ordem das centenas ou mesmo dos milhares de contos) com as vedetas estrangeiras. Porquê? Porque o objectivo dos festivais é o «consumo da sensação da música».

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

(1) Dado o seu carácter experimental, não conside-

ramos o primeiro dos festivais.

(2) A designação de música antiga abrange a produção do século XVIII e anterior a este. Em música clássica e romântica incluímos Haydn, Mozart e Beethoven, todo o século XIX e, ainda os prolongamentos de feição romântica que encontramos nas primeiras décadas do século XX (v. g. Ricardo Strauss). A música contemporânea engloba as correntes do século XX (incluindo compositores, v. g. Debussy, que, não obstante terem vivido e criado grande parte da sua obra no século XIX, representam já a rutura com a estética oitocentista e o início do modernismo musical).

Os quantitativos que serviram de base à elaboração dos gráficos n.ºs 1 a 4, foram determinados segundo o critério do número de obras, corrigido pelo da sua duração relativa dentro da unidade — concerto: assim, se uma obra preenche inteiramente um espectáculo é multiplicada pelo coeficiente 1; se compartilha o programa com duas, três, quatro ou mais composições é multiplicada respectivamente pelos coeficientes 1/2, 1/3, 1/4, etc.

Considerando igual a 100 o número total de espectáculos compreendidos em cada um dos festivais (sem contar com as repetições), chega-se depois às percentagens que cabem às diversas categorias. Assim se determina a sua importância relativa em cada ano.

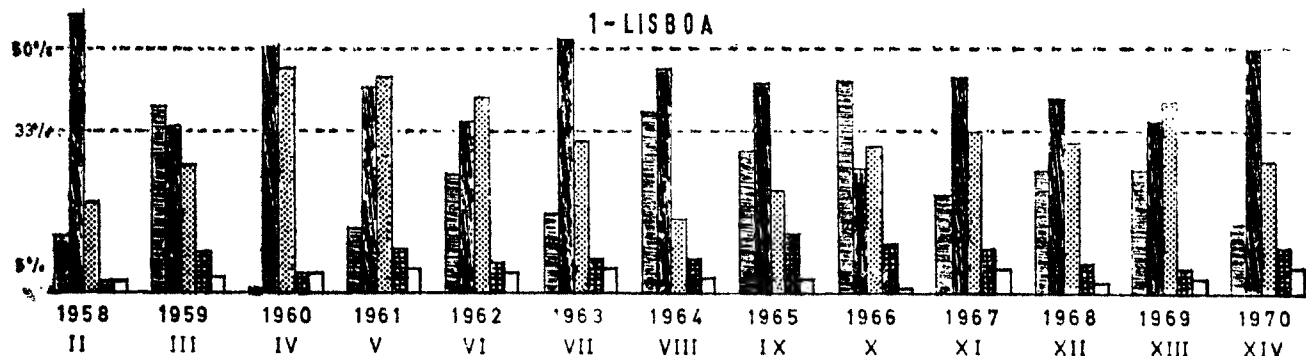
Para não sobrecarregar os gráficos, dispensámo-nos de figurar a participação de outros géneros, insusceptíveis de classificação segundo os critérios que utilizámos.

(3) Para elaborar o gráfico n.º 2, tratámos autonomamente os espectáculos do Coliseu, determinando as percentagens em relação a um todo constituído só por esses espectáculos.

(4) De notar que, em 1966, a música antiga não aparece no Coliseu, apesar do seu predomínio absoluto no festival desse ano.

(5) Convém esclarecer que só por comodidade se incluiu a música portuguesa nos mesmos gráficos em que se analisa a evolução dos festivais segundo o critério das épocas (em cujos contingentes as obras portuguesas também estão naturalmente compreendidas).

A coluna da música portuguesa contemporânea não se soma, antes está contida na da música portuguesa. Consiste na especificação duma parte incluída nesta.

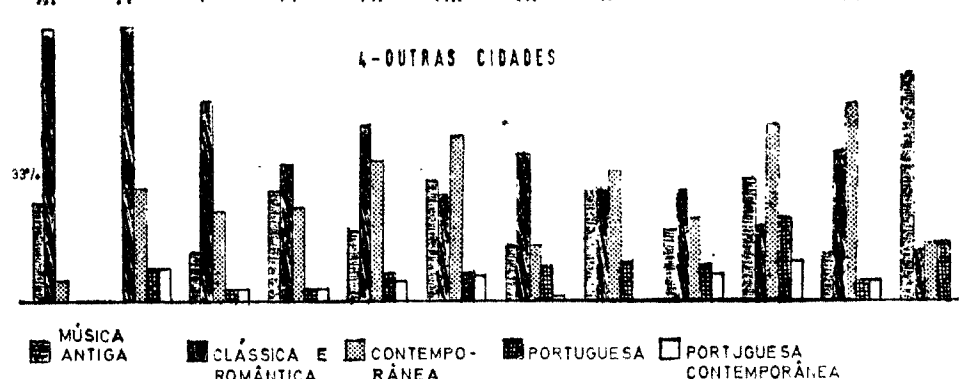
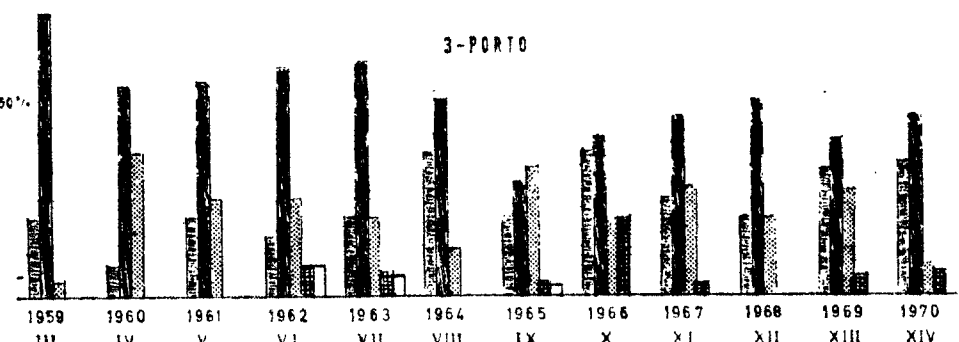


duas cidades) e pouco mais de música contemporânea.

Tudo isto parece provar que, do ponto de vista informativo e formativo em termos de História da Música, não há critérios definidos de programação. A insistência no repertório tradicional em Lisboa e Porto — que o Serviço de Música Gulbenkian poderia pretender justificar, com base no desacreditado argumento da maior acessibilidade — é, nas outras cidades, várias vezes abandonada a favor dos contemporâneos. Ora, se se entende que esses meios (musicalmente inactivos durante todo o ano e onde existem os públicos mais imprevistos) podem receber e assimilar a arte do seu tempo, como explicar que no Porto e, sobretudo, em Lisboa o «platô» do Festival continue a ser feito de rotina?

Alegar-se-á talvez que, se é certo esta imagem estatística parecer desastrosa ao século XX, também não é menos certo que qualitativamente lhe vai sendo dado o devido relevo. Casos como os de Britten, Milhaud, Messiaen ou Penderecki — a quem a Fundação dedicou importantes espectáculos e até encomendou obras — serviriam de exemplo.

O argumento não procede. Uma coisa é estar aberto à arte contemporânea,



ORGANIZAÇÃO DOS PROGRAMAS SEGUNDO AS ÉPOCAS, E PRESENÇA DA MÚSICA PORTUGUESA, DO II AO XIV FESTIVALS

verdadeiramente conta nos Festivais Gulbenkian é, como já alguém disse, o «consumo da sensação da música».

Música e músicos portugueses

Dado que a Fundação Gulbenkian tem promovido a edição de música portu-

sitores portugueses contemporâneos não valem mais do que 5 por cento; Porto (fig. 3) — desde 1966 não há nenhum que se aproveite; Coliseu e outras cidades (figs. 2 e 4) — só de vez em quando aparecem vestígios, que chegam a atingir a percentagem de 10 por cento (5). O Serviço de Música

Na verdade, para que serve encomendar obras, se o seu destino é morrer logo após a 1.ª audição?

Além disso, há ainda outro ponto comprometedor (implícito, aliás, nas vertificações acima indicadas): nunca qualquer dos compositores portugueses contemporâneos beneficiou nem sequer de um centé-

Co
pera
Desp
Pied
ra
rem
inte
que
-ob

ra
Pie
Pied
pa
dos
da
va
Des
Pied
eida
se
zer
des
plo
trab
aut
raln
dad
da
exer
enco
trab
ana
afog
por
cult

B
caix
de
Libe
olho
de
rão
com
ra
ano
quer
soci
Pied
ro
secc
gum
ou
pen
hor
em
met
visó
da
mo
esot
aulla

INICIATIVAS OPERÁRIAS QUE CONVÊM MULTIPLICAR

Cursos para adultos na Cova da Piedade

Cova da Piedade. Cooperativa Piedense, Clube Desportivo da Cova da Piedade. Justificações para os homens se reunirem para defesa dos seus interesses. Os homens que trabalham. Que têm problemas imediatos para resolver. Cova da Piedade = Cooperativa Piedense, exemplo de capacidade organizativa dos trabalhadores. Cova da Piedade = Cooperativa Piedense + Clube Desportivo da Cova da Piedade, exemplo da capacidade dos trabalhadores se unirem para satisfazer as suas necessidades alimentares; exemplo da capacidade dos trabalhadores para se autopromoverem culturalmente. Cova da Piedade = clube desportivo da Cova da Piedade, exemplo das dificuldades encontradas por quem trabalha, para destruir o analfabetismo onde se afogam as esperanças de promoção económica e cultural.

AS ESCOLAS PRÉ-PRIMÁRIAS

Bárbara trabalha como caixeira em Lisboa. Vende louça na Avenida da Liberdade ao turista com olho na porcelana. Vende alguma coisa no Verão. Morre ensimesmada, com os olhos voltados para dentro durante todo o ano. Agora estuda. Frequenta à noite as escolas nocturnas da Cova da Piedade. Tirou o primeiro ciclo. Está a estudar a secção de Letras do segundo ciclo. Para o ano, ou para o ano que virá, pensa ter um futuro melhor. Entretanto, convive, em vez de estar em casa metida em si e nas televisões. Entretanto estuda. Paga dez escudos como sócia e mais cinco escudos como aluna. Tem aulas dadas por orienta-

dores que nada recebem e dão o seu dia para Bárbara e mais os seus companheiros.

Vitor Quaresma, elemento da Comissão Escolar do Clube Desportivo da Cova da Piedade, falou-nos das escolas pré-primárias:

— Esta actividade é a resposta às necessidades da mãe operária que não tem, durante o dia, local e pessoas responsáveis com quem deixar os seus filhos. As escolas pré-primárias frequentadas por mais de uma centena de crianças vivem à custa de subsídios dos amigos da escola, das colectividades da Cova da Piedade (Cooperativa Piedense, Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, Clube Recreativo Piedense), de um ou outro comerciante, da Junta de Freguesia (100\$00 por mês) e de um subsídio camarário de 250 escudos mensais. (Avultado, como se vê!) Algumas empresas, como a Lisnave, dão-nos uma ajuda, devido a muitos dos filhos dos seus trabalhadores frequentarem as pré-primárias. Mas as dificuldades são imensas. Só neste sector (pré-primário) temos um «deficit» significativo que nos impede de desenvolver algumas das iniciativas planeadas e nos inibe de aumentar o corpo docente. As moças que tomam conta das crianças ganham mil e duzentos escudos, o que é manifestamente insuficiente. Mas, com cinco escudos mensais do sócio pouco mais podemos fazer. Temos aqui um terreno que nos seria doado se dispussemos de cem contos para pagar determinadas obras. Com ele alargariamos a pré-primária, construiríamos, com o nosso trabalho, um ginásio e uma creche. Mas onde é



Viver as dificuldades de quem participa no desenvolvimento cultural do operário

que vamos buscar o dinheiro?

Fernando Alves Carvalho, 38 anos, galvanizador, escolheu frequentar a escola, em oposição ao estar ali pelas esquinas, à noite, na cavaqueira:

— Frequento a escola há três anos. Tirei o primeiro ciclo e a disciplina de História do 2.º ciclo. Estou agora a frequentar a Secção de Letras do 2.º ciclo. Se não fossem os cursos não tinha possibilidade de estudar. Quanto à escola, eles já fazem demais. Basta dizer que todos os orientadores não recebem um tostão pelo seu trabalho.

É um homem operário, com «mais de 35 anos», que resolveu pôr-se a decorar aqueles calhamaços da História, a pensar em francês ou em inglês, a entender uma série de regras gramaticais, como meio de obter uma vida melhor. É operário também duma vida (a sua vida) melhor. É duplamente construtor. Não colheu cursos como «perdizes assadas caídas do céu» (como nós). Optou por trabalhar mesmo à noite contra as conversas vazias inúteis, contra o monte de dominós ganhos ou perdidos (mesmo ganhos) na mesa do café.

«O número de crianças nas pré-primárias é de 150. Estão lá todo o dia (manhã e tarde). Gastamos mensalmente 5 escudos e temos o direito ao material escolar.»

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

Maria Inácia Silva, empregada de escritório, 25 anos, casada, é aluna e pertence à comissão. Falamos daquilo que não há:

— Já existiu a Secção de Ciências do 5.º ano mas não conseguiu singular por falta de fundos e de meios pedagógicos. Temos também os cursos de cultura geral com grande frequência...

Joaquim Augusto, empregado de comércio, 22 anos, veio para a escola a partir dos cursos de cultura geral:

— Frequento a escola há cinco anos. Aos 17, eu e o meu irmão vínhamos assistir aos cursos de cultura geral (ouvir falar sobre poesia, teatro, arte, jornalismo). Interessei-me. Aos 18

anos vim para a escola. No primeiro ano não me sentia preparado. Depois deixei de estudar porque me fizeram desistir. No ano passado tinha a minha mãe doente e só eu podia tomar conta dela. Escolhi a minha mãe. O senhor não fazia o mesmo? Portanto, ainda estou no primeiro ciclo. Mas gosto muito do ambiente.

E depois mostrou-se inesperadamente lúcido. Não deve ter conseguido decorar os calhamaços mas aprendeu muita coisa. Principalmente a confiar mais nos actos do que nas palavras:

Joaquim José Lopes Godinho, 31 anos, cabo da Armada; Maria Natália Sequeira, 26 anos, empregada de supermercado (desistiu para estudar); Idalina da Conceição, 19 anos, operária de uma fábrica de confecções; Emílio Rodrigues, 31 anos, operário; Maria de Fátima Henriques, 21 anos, doméstica. Corremos as pessoas, ouvimos os seus porquês, a angústia do ter de dizer tudo em quatro ou cinco palavras.

Tomamos ainda uma aluna porque nela se escondem os que apesar de tudo não podem estudar, os que se sacrificam pelos outros. Chama-se Maria Gabriela Amado dos Santos, é casada, tem 30 anos e duas filhas com 7 e 11 anos.

— No ano passado, eu e o meu marido desistimos. Ele tinha de fazer serões e não podíamos. Este ano vim eu, ele ficou. Está em casa, toma conta das filhas e eu venho estudar. Não ponha lá isso! Estou a tentar tirar o primeiro ciclo e se arranjar emprego bre-

O meu marido não consegue porque tem os serões. E agora, mesmo que quisesse, se calhar não podia. Desistiu...

Não somos todos pessoas «formidáveis». Mas queremos sobreviver. Queremos estar mais bem preparados para sobreviver. Para ganharmos um ordenado suficiente, para termos uma vida mais digna. Não somos todos os formidáveis, mas lutamos. Não nos satisfaz sermos estatisticamente alfabetizados. Queremos saber utilizar os instrumentos que nos dão. E apenas naquilo que queremos.

Falamos com orientadores que foram alunos, elementos da «comissão escolar» alunos também.

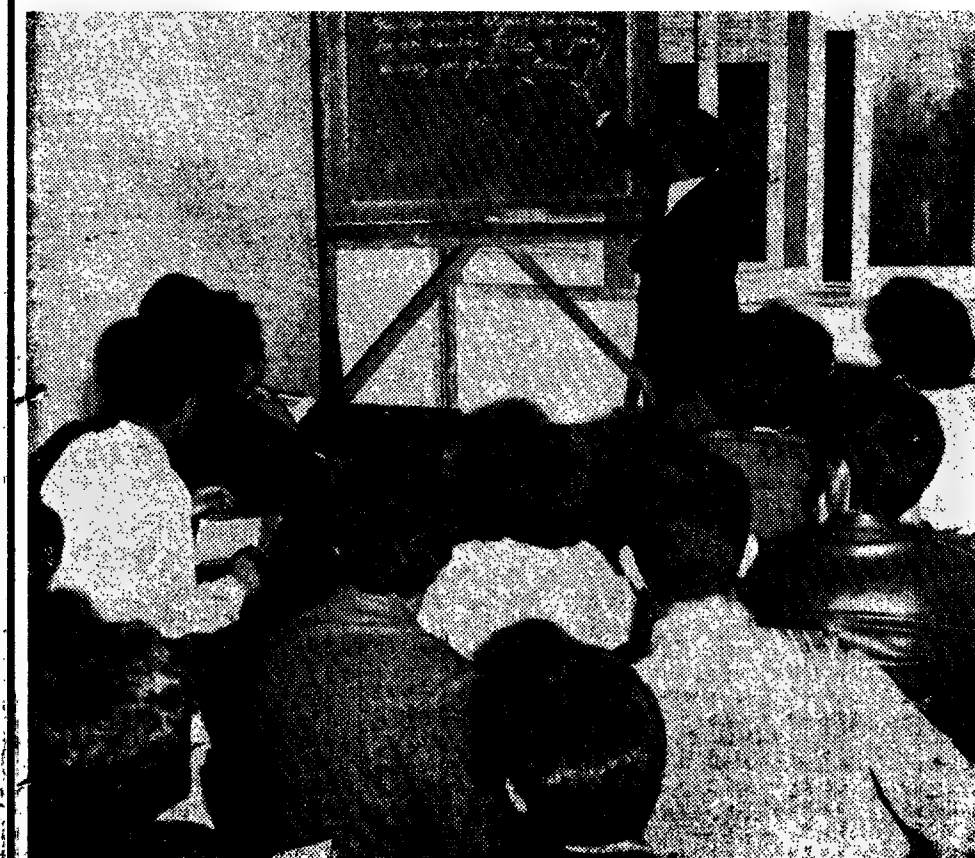
— Pelo menos dou o meu tempo bem empregado dando-me aqui a eles — diz-nos António Santana.

FACILIDADES

«As empresas não dão facilidades aos colegas que estudam, mesmo sabendo que é para seu proveito» — diz-nos Júlio Lopes, funcionário do Estado. Pertence à comissão e estuda.

Esta é uma batalha difícil. Parte do quase nada. Só da vontade de alguns. Não há patrocínios da Unesco. Não há privilegiados, não há nada. Há gente e gente. Há gente que quer dar o que sabe e colher a experiência dos trabalhadores e há gente que quer receber e aprender... Tudo isto na Cova da Piedade. Como poderemos multiplicar estas experiências?

JOSE JOÃO LOURO



Não nos satisfaz sermos estatisticamente alfabetizados

Problemática insular

Cont. da pág. 4

vos de «polpa» para de-
clarar o residuo de be-
berrada.

Desta proca de palavras
deixo aqui a devida recti-
ficacão para declarar,
também, que, não sendo
lavrador, mas apenas
proprietário dumas pou-
cas duzias de alqueires
de pastagem, em S. Mi-
guel, fora aos rendeiros,
adidos, com audiência em
muita gente desta ilha,
que os ouvira dizer que
as rações forraginosas da
Companhia União Fabril
(CUF) vendiam-se ali por

preço igual ao de fabrica-
ção local.

O equívoco, de certo
modo admissível, dos
meus rusticos informado-
res, fidiava-se no facto de
os invólucros das rações
fabricadas pela Finança
trazerem estampadas as
iniciais daquela empresa
(CUF), o que me parece
uma excrecência desne-
cessária.

E com esta premissa o
meu raciocínio não esta-
va errado, ao sustentar
que esse as rações da CUF,
suportando os encargos
dos transportes (da fabri-
ca para o vapor, do frete

deste, do barco para o ar-
masém de destino) das
tarifas alfandegárias e
da remuneração da pró-
pria concessionária, po-
dem ser vendidas por
preço igual ao das rações
de confecção local, decer-
to que o custo de produ-
ção daquelas deverá ser,
necessariamente, inferior
ao destas.

Porém, alguém conhe-
dor desta matéria cha-
mou-me a atenção, que
agradeço, para o facto
de que nenhum dos tipos
de rações fabricadas no
continente era exportado
para S. Miguel, sendo so-

mente ali consumidas as
rações de confecção re-
gional.

No entanto, cotejando
os preços de venda ao
publico, tanto das rações
continentais, como das
ilhoas, notam-se peque-
nas discrepâncias, sendo
de admitir que o custo de
produção de cada tipo de
ração deve ser, sensivel-
mente, inferior nos Aco-
res devido ao mais baixo
nível de salários da mão-
de-obra e à acessibili-
dade na obtenção e preços
dos elementos que inte-
gram esses compostos ali-
mentares.

Com tudo, gostaria-
mos de ver debatido es-
te assunto na Imprensa
acorianana e sobretudo no
«Diário Insular». — se
acaso não estiver impe-
dido de o fazer —, o qual
se relaciona, intima-
mente, com as infra-es-
truturas do fomento
agro-pecuário cujo im-
pulsão e protecção há que
se lhe imprimir de mo-
do a colocá-la em con-
dições excepcionais de
suportar a concorrên-
cia, que se avizinha, a
partir de outra parcela
do território português.

na manutenção e con-
quista de mercados ex-
teriores.

A criação e a explora-
ção leiteira do gado va-
cum acorianano terão que
ser expurgadas de ade-
rências especulativas,
começando pelo congela-
mento das rendas pas-
tagens e acabando em
mais equitativa remun-
eração do leite, sem
deixar passar pela re-
visão drástica dos fretes
marítimos e de outros
encargos que oneram, en-
cerca de mil escudos, o
transporte de cada ca-
beça de gado dos Açores
para Lisboa. Sem o sa-
neamento destes e dou-
tros males de que enfer-
ma a economia acoria-
na não poderá haver
progresso social que se
traduza na melhoria das
condições de vida do
trabalhador rural, único
meio humano de dissua-
di-lo da miragem de ri-
queza em terra estran-
ha, a não ser que, por
prévio convencionalismo
e à boa paz, se ponha
em prática a lei socioló-
gica das compensações.

Autocarro Mercedes-Benz L406 D: uma técnica mais eficiente e económica no serviço de transporte colectivo



para 20 ou 24 lugares
ideal para
colégios, escolas
organismos
oficiais, etc.

PARA ENTREGA IMEDIATA



C. SANTOS S.A.R.L.
Rua Artilharia Um, 101-A e B - Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

Livros novos

● DUARTE PACHECO PEREIRA

As fontes de Duarte
Pacheco Pereira no «Es-
meraldo de Situ Orbis»,
trabalho de Joaquim
Barradas de Carvalho,
editado pela Revista de
História de S. Paulo.

Trata-se de uma obra
que se alicerça na edição
crítica e comentada de
«Esmeraldo», que o autor
apresentou à Sorbonne,
em 1961.

Fruto de um longo e
minucioso trabalho é um
livro indispensável aos
estudiosos e aos que se
interessam pela figura
de Duarte Pacheco Pe-
reira e pelo nosso século
XVI.

● AS ELEIÇÕES DE 1969

Publicações Europa-
-América acaba de en-
viar para as livrarias
uma obra de mais de 600
páginas, arquivando
muitos dos documentos
vindos a público durante
a campanha eleitoral do
ano passado.

Nesse livro se encon-
tra, pode dizer-se, a prin-

**AS
ELEIÇÕES
DE
OUTUBRO
DE 1969**

cipal documentação sobre
o acontecimento, o que
faz da obra um utensílio
de trabalho e de consulta
precioso.

Coordenou a vasta do-
cumentação, João Pa-
ma-Ferreira.

Crianças que não podem brincar

Cont. da pág. 1

anos; depois vão-se embora para outro lado, que aqui não aprendem nada. Fazemos mesas de canto, de televisão, de chá, bancos, trabalhos simples, de carpinteiro de móveis. Agora tenho cá dois miúdos, de 10 e 12 anos. Apararam, lixam, dão cor. O trabalho deles remedia-se não fosse preciso não estavam cá. Para o que serve. A gente ao sábado dá 20\$00, 30\$00, 40\$00, conforme o trabalho deles, aos pais. Tenho 9 filhos. Por cá já passaram 5 meus. A partir dos 7 anos começam a fazer qualquer coisa.»

Andar na escola e trabalhar

Em relação à escolaridade, verificámos entre as crianças que trabalham circunstâncias diferentes: há as que andam na escola e trabalham no resto do dia; as que fizeram a 4.ª classe; as que saíram da escola sem a 4.ª classe ou nem lá chegaram a ir. As que gostam de andar na escola, as que estão fartas ou não têm interesse; as que gostariam de andar e as que se queixam.

José Manuel Rodrigues Coelho, 13 anos, Quinta do Bacalhau, estofador, só tem a 2.ª classe, embora tenha andado 4 anos a escola. Acabou por desistir para se empregar e

«dar dinheiro à minha avó, que é quem me dá de comer».

Adelaide Maria Vaz, que saiu este ano, por ir reprovado, não gostava de andar na escola. «Porque a professora implicava comigo. A minha mãe foi lá falar para ela puxar por mim, e ela disse que só se me puxasse pelas orelhas.»

Fernando José de Moura Pereira, 13 anos, empregado numa sapataria, tem a 4.ª classe, e não queria continuar a estudar — «não tenho cabeça para a escola, esqueço-me de tudo num instante».

António dos Santos Miranda, 12 anos, marcano de uma mercearia, tem a 4.ª classe e nenhum interesse em ir mais além: «Para quê estudar? O que gosto de fazer é trabalhar e mais nada. Fui habituado a trabalhar e pronto».

Feliciano Murta Azambuja anda na 3.ª classe e diz que «gostava era de sair da escola, para não levar porrada com a régua nas mãos».

Arsénio Martins de Oliveira tem a 4.ª classe e um grande desejo de estudar: «Quero estudar. Já pedi à minha mãe e ela deixa-me estudar à noite, quando tiver 14 anos hei-de estudar».

Vitor Manuel Pereira Patinha, de 9 anos, vendedor de escovas, pentes, rocas, greijas, na

Quinta da Lomba (Barreiro), nunca foi à escola: «Quería ir para a escola, para saber ler. Mas não me metem na escola. A gente anda fazendo as feiras, e não tem tempo». São 10 filhos, dos 20 aos 2 anos; só os dois mais velhos foram à escola.

Meninos que nunca brincaram

Aspectos muito graves do trabalho da criança são a impossibilidade de brincar, a falta de tempo seu, de tempo livre, de contactos com outras crianças. Meninos que aos 9 anos já não brincam, ou que nunca brincaram. Meninos que nunca leram, ou só leram os livros da escola. Meninos que nunca tiveram férias, que nunca foram a uma praia. Meninos que não vão ao cinema, que não sabem o que é teatro. Meninos a quem perguntas sobre brinquedos, tempo de brincar, livros, praia, cinema, parecem estranhas, porque saem daquilo a que dia a dia lhes concedem direito.

Assim, apesar de a lei dizer expressamente que ela tem direito a um mínimo de 18 dias úteis de férias por ano, Maria da Conceição Fernandes está empregada há 2 anos e ainda não teve um dia de férias. Com o trabalho na Ribeira, a escola e o trabalho em casa da

patroa, não tem, como já vimos, um momento seu. Diz que: «Na praça há outras meninas como eu, mas não me dou com elas porque não tenho tempo». Nunca foi ao cinema nem ao teatro. Nunca foi à praia. Quanto a brinquedos, tem só uma boneca: «Foi no Natal que me deram. Às vezes pego-lhe, mas só um bocadinho, porque não tenho tempo para brincar, tenho de ir fazer os recados da minha patroa. Livros, só conhece os da escola».

Arsénio Martins de Oliveira diz que lhe parece que terá 12 dias de férias ao fim de 2 anos.

Manuel Constante Rosa dos Santos, de 9 anos, tem a 1.ª classe e vende «Bordas d'Água». É o mais velho de 4 irmãos. O pai é pintor nos barcos. A mãe «zangou-se com o pai e foi-se embora». Aos domingos vai ver a televisão numa taberna do Camões. Não tem brinquedos — «só carros partidos que acho na rua». Foi ao Coliseu várias vezes, «pedia às senhoras, agarrava-me a elas, entrava para dentro, e depois a saída já ninguém faz mais».

António dos Santos Miranda diz que não se dá com gente da idade dele porque não conhece cá ninguém. Foi só uma vez ao cinema, «foi ao cinema pra quê? Pra gastar dinheiro? Nos filmes pra 12 só há porrada, uma pessoa tem muito tempo de aprender isso lá pros 15 ou 16».

Só tem tempo livre aos domingos, e vai «passar pelos ruas, às vezes até pra'onde mora uma gente de lá da terra. Nunca teve brinquedos nem livros. Diz não «tenho vagar».

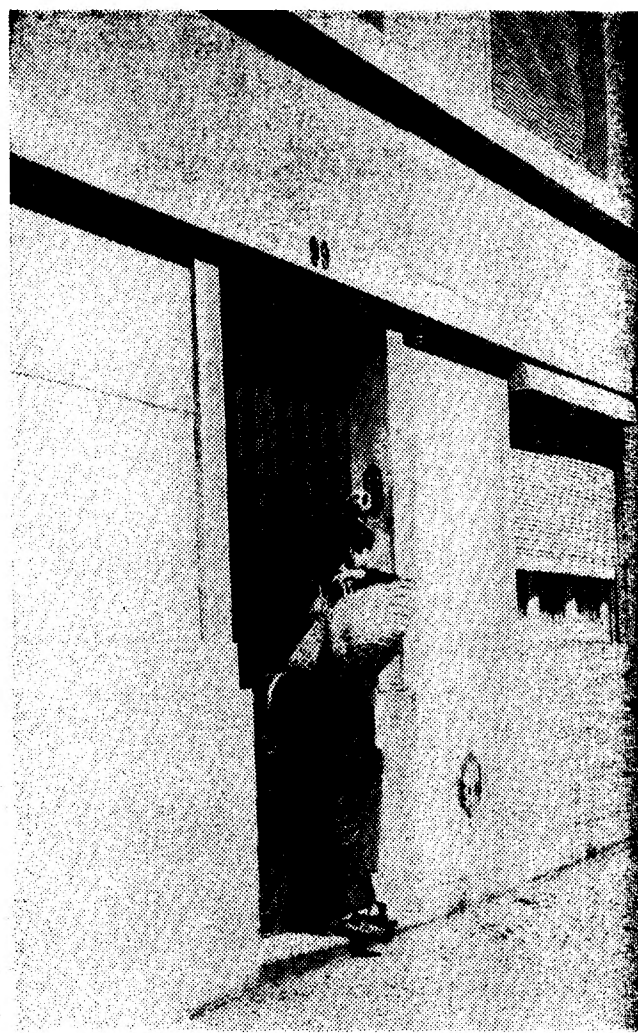
O Manuel Teixeira Coimbra conta que já foi à praia, mas quando lhe perguntou quantas vezes, diz que «nem tantas...» Não tem nenhum brinquedo; «gostava de ter uma bola, tive uma assim pequenina, de plástico, mas a minha mãe rasgou-ma».

Armandino Máximo Ferreira, 13 anos, empregado numa drogaria, diz que não brinca desde que veio da terra. Que cá não conhece pessoas da idade dele, excepto o miúdo da mercearia. Nunca foi ao cinema nem à praia — «Nunca vi o mar».

José João de Almeida trabalha das 6 da manhã às 9 e meia da noite. Não tem folgas. Nos feriados, quando não há jornais, tem de vender a lotaria. Mas já foi duas ou três vezes ao cinema. «Filmes de cow-boys, cavalaria dos Estados Unidos, disso é que eu gosto. Leio o Corim Telhado, Caprichos, o Top Secret. São romances ao mesmo tempo de amor e policiais, de tiros, agentes federais, quadrilhas que roubam mais isto e mais aquilo e raparigas que são espias».

Perguntámos aos miúdos se gostam, se não gostam, o que pensam do que fazem; se acham o trabalho pesado; no caso dos que vieram do campo, se o preferem à vida na sua terra.

Vitor Patinha, o vendedor ambulante do Barreiro, não gosta de andar nas feiras, porque «queria estar numa terra só». António dos Santos Miranda (marçano): «O



«Para quê estudar? O que sei fazer é trabalhar!»

trabalho às vezes é um bocado pesado, mas lá na terra era mais.»

Maria da Conceição Fernandes gostava muito de ir para a terra e só não vai porque não pode. Tem saudades dos pais, da terra, onde ia pra o monte com o gado.

José João de Almeida queixa-se de que «já não é a primeira vez que levam jornais e revistas, e eu não sei quem é, depois tenho de os pagar ao patrão. O patrão está sempre a ralar, sempre a chatiar. Quando levo sobras, ele quer-me bater, e eu... saltinho à cama e aí vai ele!»

Para o Feliciano Azambuja a venda de jornais «é um trabalho que cansa. Poca, sempre a andar, sempre a andar!...» Vitor Manuel de Carvalho diz que «para mim qualquer coisa está bem. Qualquer coisa serve, menos estar na terra».

Adelaide Maria Vaz: «Não gosto de lá estar. O trabalho é todo o dia sentada, viro golos, corto mangas. Não se pode levantar a cabeça, olhar para o lado, nem nada. Não se pode falar».

Manuel Teixeira Coimbra não gosta de vender flores «porque é aborrecido». Não gosta de flores, Pergunto-lhe para que servem as flores, e diz: «As flores é pras senhoras. Pras senhoras metem em jarras. Em casa dele nunca há flores, as que sobejam de um dia vendem-se no outro. Ele, se tivesse dinheiro, não comprava flores, comprava coisas importantes, precisas, como roupa e coisas para a escola.»

Que gostavas de fazer?

Que ideia de futuro habita estas crianças? Em que medida pensarão poder modificar o rumo da sua vida? Até que ponto o futuro lhes aparecerá como obra das suas mãos, do seu esforço, da sua exigência? Perguntas

que sempre se põem a meninos — o que é que tu gostavas de fazer? O que é que tu queres ser um dia? De que é que tu gostas na vida? O que é que tu querias ter?

E vem o sério e o sonho, o terra-a-terra, a ideia imprecisa, a ausência de ideias, a ideia concretíssima, e às vezes também o desencanto.

Eduardo Valente Nunes, 11 anos, faz molas para automóveis 10 horas por dia: «Gostava de ter uma oficina. Gosto de pregar, de serrar, de arranjar a barraca. Gosto da minha mãe, Gostava que ela tivesse paz em casa.»

João Carlos Pereira: «Quería era uma telefonía! (Sem mais explicações.)»

Manuel José Aires Dias: «Gostava de ser jogador de futebol, mas gostava mais de ser advogado, porque é um trabalho que dá menos trabalho.»

José Manuel Rodrigues Coelho: «Quería ter a 4.ª classe e ser mecânico, porque gosto, que se ganha bastante. Gostava de ter uma bicicleta. Acha que ma dão? A coisa melhor na vida é a minha vida. A saúde. O dinheiro. Ganhar dinheiro. Se não há dinheiro, não se come.»

Adelaide Vaz: «Gosto de saltar à corda. Gostava de ser modista. De ser rica.»

Cont. no numero seguinte

Errata — Na primeira reportagem da série sobre «Trabalho infantil», publicada na Mesa Redonda de 12 do mês corrente, omitimos um número, falta que passamos a corrigir. Assim na pág. 11, 3.ª coluna, imediatamente antes do subtítulo «Capacidade e começo de trabalho», deve ler-se: A população inactiva era de 63 101.

Responsabilidades da Rádio

Cont. da pág. 3

ARTUR AGOSTINHO — Escola em que sentido?

LUIS FILIPE COSTA — No da aprendizagem.

JORGE GIL — A Rádio será sempre e apenas uma peça de uma engrenagem que não abdica de nenhuma das suas partes.

É, pois, consciente dessa qualidade que ela deve actuar. Isto não implica uma posição de abandono, antes pelo contrário.

Na falta de outros estímulos, ela pode constituir o arranque necessário ao funcionamento ideal da referida engrenagem.

LUIS FILIPE COSTA — Isso levamos, uma vez mais, ao tal ponto difícil: saber se a Rádio deve andar à frente do público ou acompanhá-lo no seu próprio nível.

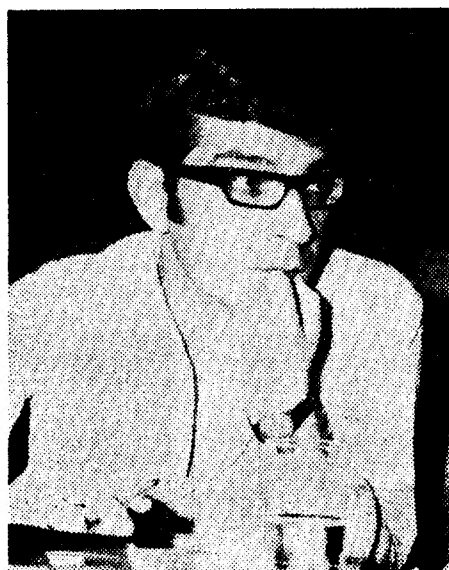
ARTUR AGOSTINHO — Acho que deve andar à frente do público sugerindo sem minimizar a situação do próprio público. É como uma pessoa crescida que dá a mão à criança que vai na rua e que lhe dá a sensação de que a criança é que vai a dirigir as operações. No entanto nós é que levamos a criança para o jardim. Em oposição não me parece que uma Rádio com a tal magia, uma Rádio que se põe em bicos dos pés, para parecer à frente do público, seja muito conveniente.

JORGE GIL — Não se trata de manifestar uma posição de vanguarda, por simples exotismo ou gosto pelo bizarro.

Contudo, no surgir de coisas novas, são inevitáveis as situações de rompimento. Muitas vezes elas dão-se por excessivo obscurantismo por parte de quem as defende, mas em muitos outros casos acontecem por total incapacidade dos que se encontram mergulhados no torpor da rotina.

Utilizando o seu carácter de hábito, a Rádio pode despertar a necessidade de coisas melhores, de ideias que vale a pena acompanhar e viver.

Cada proposta sua pode ser o veículo para o abrir de assuntos mais vastos, já exteriores ao círculo restrito



Luis Filipe Costa

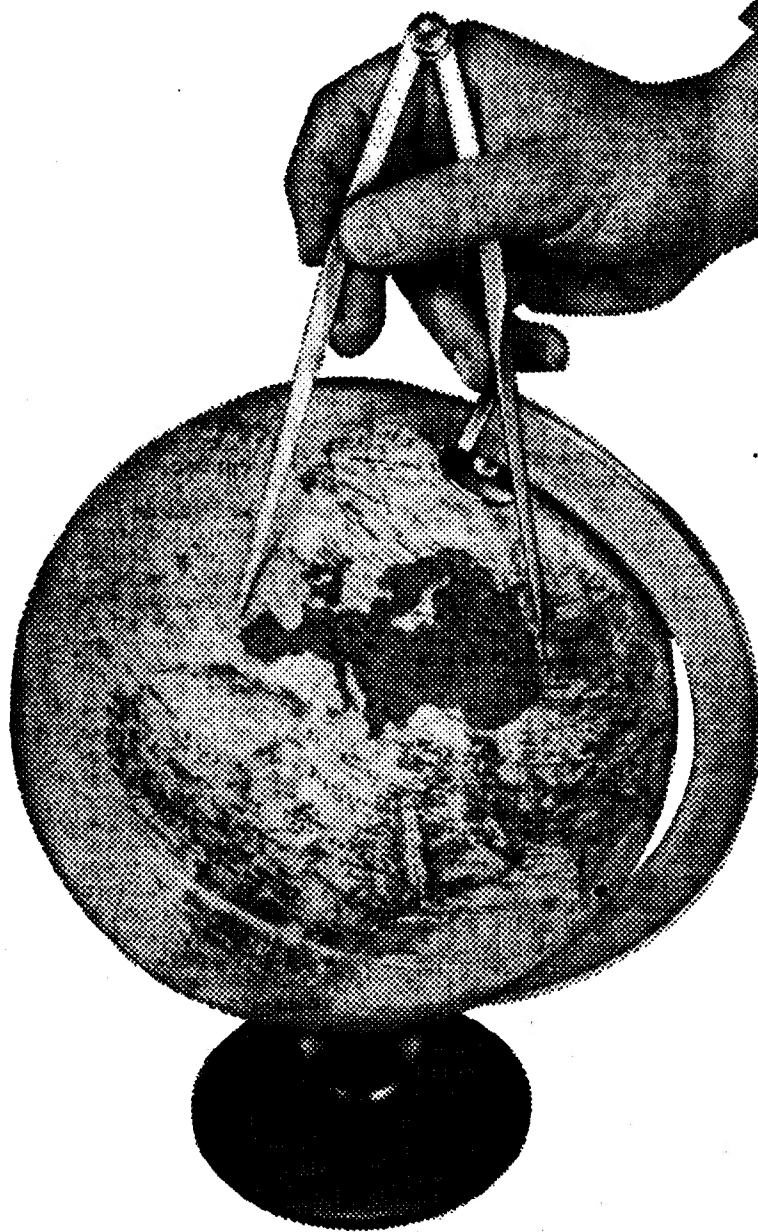
da comunicação radiofónica, mas que aí encontraram um primeiro estímulo. Desta forma, a Rádio pode ser um mundo infinito de sugestões.

ARTUR AGOSTINHO — Há um problema grave: a não existência de uma escola para formação de profissionais de Rádio. Torna-se necessário que surjam, adaptados a uma linguagem de estilo radiofónico, indivíduos especializados. Há, no entanto, um risco que se está a correr: a não profissionalização desses colaboradores.

JORGE GIL — É um risco que se corre em qualquer actividade. O cinema corre esse risco e o teatro também. Há para aí muitos aldrabões...

ARTUR AGOSTINHO — É verdade. Estou de acordo consigo, nesse último pormenor.

LUIS FILIPE COSTA — A Rádio é parte de um todo. Não pode resolver-se isoladamente. Mas, como síntese e conclusão do que aqui se disse, podemos afirmar que uma Rádio simplesmente recreativa é um luxo a que um país na situação do nosso não se deve permitir.



IMPÉRIO

uma dimensão internacional em seguros

618 mil contos de receita de prémios e 27% de crescimento em 1969

O que significa, em seguros, esta dimensão?

Maior tecnicidade. Gestão racionalizada. Produtividade. E, naturalmente, maior segurança.

Essa segurança, já a temos em todo o território português. Em Angola, em Moçambique, na Guiné. Tal como em todo o Portugal Metropolitano e Insular. Essa segurança é necessária para nos abalancarmos a concorrer nos grandes espaços económicos da Europa.

A Império optou pelo alargamento para além fronteiras. Já estamos presentes na Bélgica. Em breve, em Londres. E outros pontos da Europa se seguirão. Esta orientação não é apenas um desejo de crescer. Esta orientação é o caminho para melhor servir o triângulo de interesses que constitui a razão de ser da empresa: o cliente, o accionista e o colaborador.

É o caminho para o servir melhor.

A dimensão Império é possível porque a Império é uma companhia de Marketing

Ser uma companhia de Marketing, é viver com a atenção posta no cliente. É existir em função dele. É construir as soluções — em termos de segurança — que o cliente necessita. Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude da Império quando se debruça sobre a opinião do cliente. Efectua estudos permanentes sobre os seus interesses e as suas preocupações.

E assim, tem sido possível melhorar os nossos processos e as relações com os diversos grupos com que contactamos, os segurados, os sinistrados, os terceiros.

Provam-no, os Inquéritos feitos por Gabinetes de Estudos especializados, que confirmam, inequivocamente, o estilo das boas relações Império — Cliente e a compreensão e eficiência da Império ao intervir na reparação dos sinistros. Por exemplo, em 1969, no ramo automóvel, só um número mínimo de sinistros, teve intervenção judicial. Podemos dizer que não existiu problema em cerca de 98 % dos casos.

Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a atitude renovadora e modernizadora da Império.

Actualiza os seus quadros. Prepara a formação dos seus colaboradores. (Em 1969, organizou 54 cursos com a frequência de cerca de 500 indivíduos).

Assim, os nossos clientes sabem que encontram, na Império técnicos altamente preparados, capazes de os elucidar e de os aconselhar no melhor

aproveitamento do seguro que lhes convém.

Tão importante para a sua segurança, como o seu seguro, é a racionalização dos nossos serviços.

A Império acaba de assegurar, em comum com o grupo de que faz parte, a utilização de dois ordenadores IBM 360.

Esta maneira de existir, virada para o futuro, esta maneira dinâmica, e simultaneamente objectiva, assente no conhecimento correcto e permanente das necessidades de segurança da família e das empresas, tem levado a Império à constante actualização e à introdução de novas modalidades de seguro, inéditas em Portugal.

Lançou o Seguro Popular Império que abriu caminho à larga difusão do seguro de vida junto de todas as camadas sociais.

Adoptou a óptica «seguro por medida», concretizada em modalidades ajustáveis à diversidade das situações individuais e familiares.

A par dos países mais avançados da Europa, criou coberturas para riscos industriais — seguros de máquinas, montagens e perdas de exploração.

E também — seguros de grupo e pensões de reforma. A nossa óptica de Marketing, deu-nos esta dimensão.

Ela confirma que trilhamos o caminho certo. Ela dá-nos a possibilidade e o à-vontade para nos lançarmos na Europa. É o que já estamos a fazer.

Para si. Para o servir melhor.

Contacte um homem da Império. É um amigo

AO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora

A propósito de linguística e ideologia

Cont. da pág. 5

de cientificidade da linguística poderá justificar a não-análise das suas relações necessárias com a ideologia.

Um dos problemas fundamentais de hoje consiste, segundo julgo, em analisar simultaneamente:

a) A genealogia dos conceitos linguísticos actual, através da sua produção ao longo da história da filosofia (assim, ver em Vico, em Leibniz, em Croce, em Russell, em Wittgenstein, ou em Cassirer, os pressupostos filosóficos da actual ciência linguística, tendo em conta que, por exemplo, o facto de a distinção significante-significado ter uma certa origem estoica, ter atravessado a teologia medieval e ter surgido depois em Port-Royal, não é por si só suficiente para pôr em causa a sua validade científica);

b) A difusão dos conceitos linguísticos na produção filosófica actual (em Heidegger, em Merleau-Ponty, etc.) e a sua progressiva integração (com a correspondente perda de informação) em textos de crítica, de teoria e de divulgação (seja em psicologia, seja em etnologia). Os conceitos linguísticos viajam hoje muito, e nem sempre, ao contrário do que pensa Mounin, a sua utilização o «distorcida» corresponde a uma má utilização. Creio que, por exemplo, a utilização dos conceitos linguísticos em psicanálise (Lacan, Leclaire, Laplanche, etc.) pode servir de subversão dos pressupostos psicologistas da linguística actual. De qualquer forma, o estudo da «imagem» que a pouco e pouco se espalha da linguística através das suas justificações ou injustificações «aplicações» seria extremamente oportuno. É ver o caso do cinema, é ver como os Cahiers du Cinéma utilizam hoje um pouco desfocadamente uma terminologia linguística (sem o rigor, criticamente menos produtivo, dum Christian Metz). É ver ainda como os papagaios disléxicos que constituem parte da «vanguarda» da nossa crítica de cinema continuam a ler os Cahiers fingindo que entendem o que manifestamente não estão em condições de entender.

5. Um ponto apenas para terminar. É certo que a linguagem não é hoje vista como um reflexo de grupo social ou de classe. É evidente que ninguém considera hoje a linguagem como superestrutura. Mas, se uma das críticas pertinentesmente dirigidas à linguística estrutural incide na minimização que esta prática das «implicações do sujeito falante no discurso», não analisando «a distância que existe entre o enunciado produzido (o texto) e a enunciação (acto pessoal do falar)», quando esta distância varia, porque as frases realizadas estão ligadas necessariamente à atitude do sujeito falante e à situação — então é necessário reintroduzir o sujei-

to e a situação como factores de análise» (Jean Dubois, *Grammaire structurale du français: la phrase et les transformations*, Larousse, p. 12). Pergunta-se: como admitir que se possa introduzir na análise o sujeito e a situação, considerando-se ainda esse sujeito na sua unidade pré-freudiana de sujeito cartesiano e na sua não-relação com as restantes práticas significativas (de que hoje se ocupa a semiótica), e considerando-se ainda que o sujeito e a situação não são determinados, directa ou indirectamente, mecânica ou estruturalmente, pela formação socioeconómica em que se inserem? Como admitir?

É neste ponto que um estudo de Luce Irigaray (comunicação ao colóquio de Cerisy-la-Salle em Julho de 67) me parece extremamente importante. Considera Luce Irigaray que, admitindo nós que a produção do discurso é função de um código ou regras de produção, de um sujeito falante e de um objecto de enunciação condicionado pela situação, é necessário concluirmos que a variação da situação e do contexto em que se situa a produção do discurso implica variantes na estruturação dos enunciados. A situação de classe (diz Luce Irigaray, que resumo) repercute-se assim no processo de estruturação do enunciado, intervindo a um nível pré-consciente-consciente. Luce Irigaray considera ainda uma segunda causa da estruturação do enunciado, esta como instância inconsciente, e que se traduz pelo modo de articulação das estruturas sujeito, código, mundo, co-locutor. Esta segunda instância estruturante, relacionada com a dinâmica fantasmática de que o sujeito é simultaneamente a cena e o actor, permite a análise dos enunciados esquizofrénico, histérico, obsessivo, etc., o que tem sido um dos rumos do trabalho de Luce Irigaray. Vou tentar resumir, no que diz respeito à primeira instância estruturante, os resultados obtidos, a partir duma distinção, evidentemente inadequada, entre «classe trabalhadora» e «classe dominante».

— CLASSE «DOMINANTE»:

a) Sintagmas nominais sujeitos: predominantemente «eu», «nós», «se», manifestando-se uma distância mínima entre o sujeito que produz a mensagem e o enunciado; há ainda «animados pessoais» e «inanimados especificados» cujos determinantes sublinham uma referência ao contexto pragmático.

b) Sintagmas verbais: verbos de processo ou de acção (predominantemente do «fazer»); prevalência da temporalidade da narrativa, seja no presente ou no passado.

c) Sintagmas nominais objectos: «animados pessoais» e «inanimados concretos especificados».

d) As expansões dos sintagmas nominais e verbais visam tornar mais preciso e contextualizado o espaço temporal e as modalidades da acção. As transformações que su-

relação aos esquemas sintácticos (transformações pronominais ou negativas) estão quase sempre ausentes.

e) A articulação dos enunciados mínimos no discurso faz-se quase sempre por uma justaposição ou por coordenação, e a coerência do enunciado deriva sobretudo do desenrolar temporal da acção, e não das modalidades propriamente linguísticas. Aumenta a coerência a frequência de redundâncias.

f) É um tipo de discurso de predominância metonímica, em que o verbo de processo determina a estruturação e o enunciado é «contíguo» à situação em que se produz.

— CLASSE «TRABALHADORA»:

a) Sintagmas nominais sujeitos: insistência do genérico «ele» remetendo a «animados pessoais» ou «inanimados abstractos»; existe uma distância entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. A utilização de «eu» funciona como genérico do sujeito falante mais do que como articulação do enunciado a um contexto ideosemiológico.

b) Sintagmas verbais: verbos marcando um estado ou uma atribuição. Quanto às modalidades temporais, aparecem verbos de tipo narrativo no presente e (ou) no passado, mas também verbos no presente durativo ligado à descrição de um estado ou atribuição. A distância em relação à enunciação leva ao aparecimento do futuro, do eventual e do potencial. O verbo privilegiado é «ser».

c) As expansões dos sintagmas nominais e verbais visam a especificação do estado ou do modo de atribuição no caso em que este não é explicitado no sintagma verbal. Podem também consistir em modalidades precisando a relação do falante ao enunciado («talvez»; «sem dúvida», etc.).

d) As transformações efectuadas mostram que o enunciado funciona como objecto de manipulação.

e) A articulação da proposição no discurso realiza-se por um jogo de transformações ou por processos de subordinação. A coerência do enunciado instaura-se mais pela sua própria estruturação do que por referência ao contexto extralinguístico.

f) No tempo da sua produção, o enunciado procura a construção de metáforas cuja eficácia se deve à sua própria «particularidade».

g) Assim, a linguagem aparece como instrumento de produção para a classe «dominante», na medida em que a sua manipulação é susceptível de produzir gramáticas e conceitos teóricos, e também ideologias, ideologias que são mediações necessárias para o domínio da rede de produção económica.

6. Estas conclusões (que me limito a resumir) podem sugerir várias observações:

a) Trata-se, evidentemente, da confirmação, e do desenvolvimento, duma intuição, mas, como dizia Bachelard, as intuições são muito úteis,

mas é para serem destruídas. Este é um caso.

b) Esta análise será extremamente valiosa quando relacionada com o conceito de «capital linguístico» com que Bourdieu e Passeron estudam os efeitos da «herança cultural» e as suas incidências num processo de «democratização do ensino». Note-se ainda até que ponto está aqui em jogo o rendimento informativo da comunicação pedagógica, aspecto habitualmente minimizado ou reduzido às suas facetas «técnicas».

c) Na medida em que há forçosamente relação entre a «articulação do pensamento» e a «articulação da linguagem», poderíamos utilizar estas análises no estudo, por exemplo, dos desvios empiristas, pragmatistas, economistas, da «ideologia» da classe operária ou nos vários mecanismos dos discursos tecnocráticos em circulação no mundo de hoje. É apenas um exemplo.

V. O meu objectivo, ao iniciar este artigo, era duplo:

1. Procurar demonstrar (em forma de pergunta a Maria Helena Mateus)

que a linguística actual não pode estar inteiramente separada da ideologia da formação discursiva em que ela se insere.

2. Procurar demonstrar (ainda em forma de pergunta) que a linguística actual é um instrumento poderosíssimo para uma teoria das ideologias e para uma análise das práticas ideológicas.

Era este o tipo de problematização que me interessava realizar. Creio, no entanto, que é ainda importante acrescentar:

a) que este tipo de debate seria impensável sem o extraordinário esforço de vulgarização jornalística e, sobretudo, da prática pedagógica da linguística, que Maria Helena Mateus tem vindo a realizar;

b) que uma reestruturação dos problemas pela refundição do campo teórico da sua formulação tem consequências teóricas e pedagógicas de que mal nos podemos ainda aperceber;

c) que a defesa firme de uma determinada orientação linguística (que neste caso se pode designar pelo nome de Chomsky) tem não só um incalculável valor cientí-

fico (a história efectiva da ciência faz-se através de rupturas polémicas e não de sínteses agnósticas), como ainda, e sobretudo, uma inestimável função pedagógica (os alunos participam na medida em que se sentem solicitados a intervir activa e polémicamente numa conjuntura teórica e ideológica) (1);

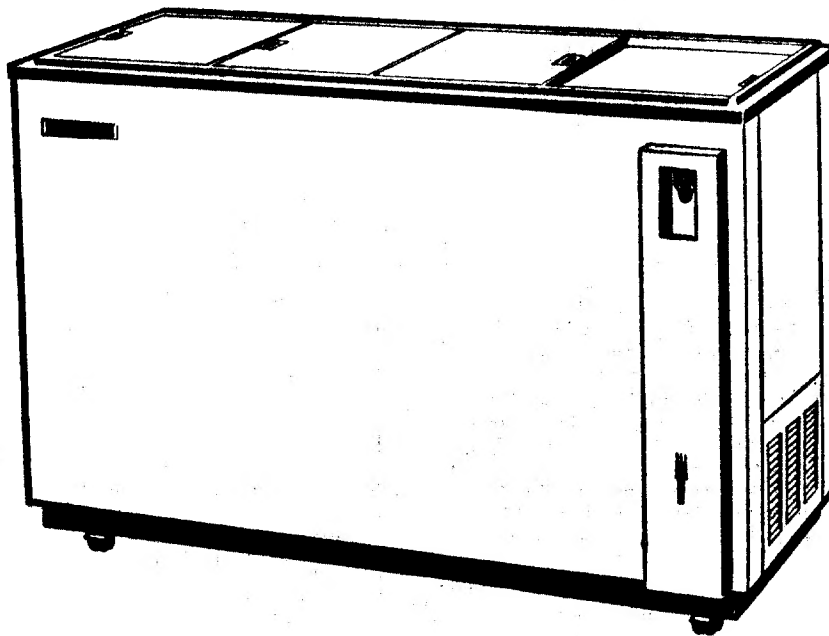
d) que, pelo esforço que actualmente se faz ao nível da reflexão pedagógica, vamos entrever a importância, a urgência, a multiplicidade e a complexidade das coisas que nos interessam, o que nos permite a agradável coragem de sabermos recusar o que decididamente nos não interessa.

EDUARDO PRADO
COELHO

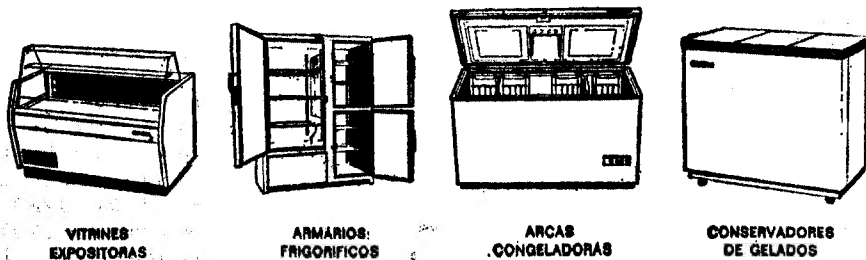
(1) Note-se que Chomsky, ao estudar a linguística cartesiana, é um exemplo excelente do que tentei defender, a propósito do ensino da literatura, ao sugerir que a investigação histórica de interesse pedagógico deve ser feita em função da conjuntura teórica e ideológica.

Kelvinator

a marca americana de fama mundial

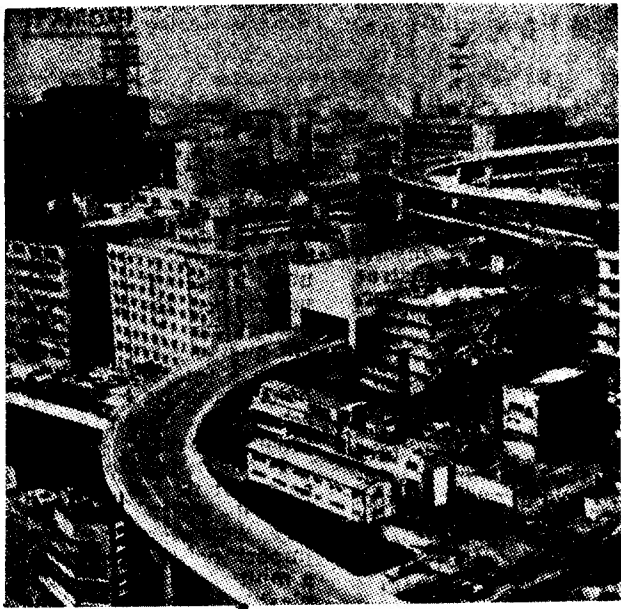


REFRIGERADORES DE GARRAFAS
CAPACIDADES DE 300 A 480 GARRAFAS
MAXIMA CAPACIDADE — MAIOR RENDIMENTO.



sequel

Trav. do Molho de Vento, 28 C
Tel. 67 32 94 / Lisboa 3



Japão: «Um país que se tornou bastante forte»

À beira da «catástrofe» as relações comerciais nipo-americanas

SELIG HARRISON

Quando a falta de telefones prejudica a vida das empresas

De tudo o que se lê, sejam as estatísticas, sejam os discursos, sejam os bons ofícios das repartições, parece dever concluir-se em certeza matemática, ou aritmética, que é mais fácil e vem a dar na mesma, pela necessidade de promover um surto industrial à beira-mar ainda não plantado mas de plantação necessária e urgente.

Ora para que o surto resulte é necessário a colaboração construtiva de todos os interessados que, no fim de contas e salvo desonrosas excepções, parece sermos todos nós.

Por isso, aqui vimos contribuir com uma pequena achega, que, embora por si só não chegue, pois há muitas mais a dar, pode ser metida no saco cuja utilidade variará em função directa da forma como estiver cosido no fundo.

Não se citam nomes pois não se deseja enveredar por caminhos destrutivos; bem pelo contrário, o que se pretende é fazer chegar a alguns responsáveis o conhecimento de circunstâncias que eles próprios poderão desconhecer apesar de verificadas sob a sua asa administrativa. E porque a bom entendedor...

Se as afirmações forem válidas e a procedência da argumentação reconhecida então oxalá o remédio seja santo.

Posto isto, vamos achegar-lhe e com força, que bem merece.

Há uma zona no nosso país onde se têm instalado ultimamente algumas das mais importantes e produtivas indústrias, que muita felicidade nos poderão trazer se, entretanto, não encerrarem.

Ora sucede que um dos problemas mais importantes das empresas é o seu sistema de comunicações. Comunicações externas e internas, as primeiras das quais consubstanciadas sobretudo no telefone, que é onde se pretende chegar.

Mas, na citada região, instalar um telefone exige ao que consta, e começamos a verificar magoadamente, um espaço de tempo que vai de um ano aos dois. Multíssimo mais tempo do que exigiram a formação e a restauração da nossa querida nacionalidade; e multíssimo mais do que foi necessário para se criar o Mundo, obra perfeita que pode ser gravemente atingida pela imperfeição das coisas criadas, como seja a do telefone.

Ora se nas comunicações internas da empresa tudo pode ser resolvido pelo berro, nos contactos com o exterior a coisa fica mais fina. Posto de parte o sistema agora muito utilizado da comunicação pela guitarra, em balada, a empresa que tenha comunicações urgentes a fazer a terceiros vê-se obrigada a recorrer à abalada

dos seus empregados para entrega das mensagens no local de destino.

Mas se a empresa é das que têm mais mensagem a receber do que comunicação a transmitir e uma vez que os clientes são em regra duros, tão duros como os personagens de certos filmes, só lhe resta um remédio: encerrar a actividade não por razões económicas ou financeiras mas pura e simplesmente por motivos telefónicos.

A verdade é que a instalação de um telefone na citada zona parece ser de real e extrema dificuldade, como vamos indicar.

Dada a demora na instalação e a conselho dos distribuidores das facilidades, as empresas acabam por apresentar um pedido de prioridade, alegando as razões de peso que lhes assistam.

No entanto, e ao que se sabe ainda não foi publicada uma portaria, ou coisa de ressonância paralela, onde se estabeleça a dimensão a partir da qual se justifica que uma actividade económica tenha telefone.

Assim, o pedido apresentado é naturalmente pouco elucidativo acabando a empresa por receber um questionário de razões complementares. E esse questionário vem em regra num ofício em que se pergunta qual o número de empregados, a força motriz instalada e quaisquer outros elementos que permitam avaliar a importância do empreendimento.

O que provocará tal condicionamento industrial por via telefónica? Como as razões de tal facto não surgem nos trabalhos dos economistas, desde os clássicos até aos da contestação, os primeiros talvez por desconhecimento da facilidade mencionada e os segundos talvez por não aceitarem formas de comunicação do passado, portanto caducas, resta-nos o espírito imaginativo pessoal para descortinarmos as causas do estranho facto.

Como os simples só descortinam coisas simples, a nossa opinião, baseada em amargas confidências, é de que tudo se resume a carências de mão-de-obra e a imperdoáveis faltas de cabos.

Mas, pensam os simples, porque não se contrata a mão-de-obra necessária? E porque se deixa que os cabos comprometam com as suas faltas a vivência da economia nacional?

Como tudo aqui se justifica, pois a falta de um telefone, afirma-se sem receio de exagero, pode impedir a existência de uma firma, aqui ficam dois votos: que se contrate a mão-de-obra necessária e, sobretudo, que se metam os cabos na ordem.

RODRIGO DE MOCTEZUMA

Estados Unidos encontram-se à beira da «catástrofe», lembrando os piores momentos do conflito económico que precedeu a segunda guerra mundial.

Numa entrevista concedida em Tóquio, Kijichi Miyazawa incitou apaixonadamente o Congresso americano para que se recuse a aplicar quotas sobre certas importações. Medida que visa principalmente o Japão. «Não é deslocado», disse Miyazawa, comparar o impasse das negociações comerciais entre o Japão e os Estados Unidos, que se prolonga de há um ano para cá, «aos conflitos sobre importações de têxteis dos anos trinta», que se parecem «de maneira chocante».

Miyazawa indicou que o Japão iria submeter um último compromisso aos Estados Unidos: o Japão proporá a limitação das exportações de têxteis durante um ano esperando um acordo multilateral no quadro do acordo geral sobre as tarifas e o comércio (G. A. T. T.). Mas esta proposta não incluiria a estipulação pedida pelos Estados Unidos, ou seja a manutenção automática das limitações bilaterais no caso de um fracasso daquelas conversações multilaterais, porque os industriais japoneses recusam obstinadamente comprometer-se por um período superior a um ano, explicou Miyazawa.

O Governo Nixon não anunciou ainda oficialmente a sua posição sobre o projecto de lei que prevê quotas para os têxteis e calçado, actualmente em apreciação no Congresso. Nixon teria declarado a uma delegação da indústria têxtil e a dirigentes do Congresso que as perspectivas de um regulamento negociado com o Japão e com os outros principais países exportadores de têxteis não eram «brilhantes».

A adopção do projecto de lei sobre as quotas seria «o princípio do fim de todo o sistema de trocas internacionais que edificámos no G. A. T. T.», afirmou Miyazawa. E provocaria uma «reacção em cadeia» de iniciativas deste género da parte dos construtores de automóveis e de aparelhos electrónicos nos Estados Unidos, arrastando medidas de retorção na Europa e no Japão.

«Esta questão tocou num ponto sensível do meu país. O sentimento nacional do povo japonês. Se se tratasse simples-

mente de um diferendo entre o Japão e a Índia, seria diferente. Mas tudo se passa entre um país muito forte e um outro que se tornou bastante forte, de maneira que os factores psicológicos e o orgulho contam muito».

Miyazawa é um dos elementos moderados do Governo japonês no que respeita às questões de comércio e de investimentos. Não conseguiu encontrar uma fórmula de compromisso tolerável para os dirigentes da indústria têxtil no decurso dos dois meses de negociações intensas que tiveram lugar em Tóquio. Mas apoiou, durante as reuniões de gabinete, que o Governo japonês devia submeter a sua proposta a Washington a fim de evitar a acusação de intransigência.

Miyazawa revelou que quando o ministro dos negócios estrangeiros britânico Michael Stewart visitou o Japão, em Abril, propôs que o Japão e a Grã-Bretanha organizassem em conjunto uma reunião dos principais

países exportadores de têxteis. Mas o Japão recusou, ao mesmo tempo, esta oferta e uma outra proveniente da Comunidade Económica Europeia porque «não queríamos participar numa liga contra os Estados Unidos».

Miyazawa evitou pronunciar a palavra «final», a propósito da sua oferta a Washington. Mas declarou que «há um limite para lá do qual não podemos ir. Um limite para mostrarmos a nossa boa vontade...».

Além da duração das limitações possíveis e do nível tolerável das exportações, o Japão e os Estados Unidos estão também em conflito quanto ao ponto de saber se essas limitações serão aplicadas a todos os produtos ou somente a certos artigos. O plano japonês excluía artigos não fabricados nos Estados Unidos, sob o pretexto de que importações neste campo não devem lesar a indústria americana.

Exclusivo «Diário de Lisboa» - «Washington Post»



Uma geração nova que sobe para a vida. Que género de Japão lhe estará destinado?

DL

MESA
REDONDA